



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**PASSOS CAMBALEANTES, CAMINHOS
TORTUOSOS:
BEBER CACHAÇA, PRÁTICA SOCIAL E
MASCULINIDADE – RECIFE/PE – 1920-1930**

Ana Lúcia Gonçalves Rosa

**Fortaleza
Março/2003**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Ana Lúcia Gonçalves Rosa

**PASSOS CAMBALEANTES, CAMINHOS
TORTUOSOS:
BEBER CACHAÇA, PRÁTICA SOCIAL E
MASCULINIDADE - RECIFE/PE – 1920-1930**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à comissão julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

**Fortaleza
Março 2003**

Ana Lúcia Gonçalves Rosa

**PASSOS CAMBALEANTES, CAMINHOS
TORTUOSOS:
BEBER CACHAÇA, PRÁTICA SOCIAL E
MASCULINIDADE - RECIFE/PE – 1920-1930**

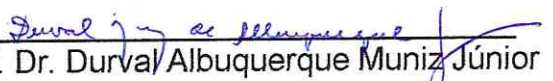
Banca Examinadora



Prof^a. Dr^a. Terezinha Queiroz



Prof. Dr. Eurípedes Funes



Prof. Dr. Durval Albuquerque Muniz Júnior

Aprovada em _____ de _____ de 2003

Dedicatória

Ao meu irmão Júnior, com desejo de que em breve ele possa estar dando os seus (novos) primeiros passos, ainda que cambaleantes, ébrio não de cachaça, mas de alegria.

Agradecimentos

Os agradecimentos são inicialmente para uma força maior sempre presente em minha vida minha, força essa, que nomeio de Deus. Em segundo lugar para minha família, a qual agradeço pelo incentivo para que pudesse realizar esse trabalho. Ao meu pai, Neto, figura incrível, motivo do meu carinho e admiração. À minha mãe, Lourdes, mulher de força, garra, criatividade e fé, a mainha, o meu obrigada. Aos meus dois e tão amados irmãos, Ciêne e Júnior, a vocês agradeço pelo apoio, a força e amizade incondicional, em todos os momentos da minha vida. Também às minhas queridas, vovó, Joana, tia(s) Justa e Donza.

Durante o período de feitura desse trabalho de Campina Grande, passando por Recife, chegando a Fortaleza, e depois voltando a Recife, tive a oportunidade de conhecer e conviver com figuras hilariantes, exóticas e amigas. À vocês agradeço de coração. Em Campina, aos professores e amigos do curso de História, entre esses, Durval pela iniciação nas atividades de pesquisa e pelo incentivo para que pudesse ousar vôos maiores e a Alarcon, pelo apoio como professor e a amizade como pessoa, não esquecendo o amigo Valdinar graças ao qual, em meus primeiros dias em Fortaleza – período da seleção do mestrado – fui recebida e hospedada por uma maravilhosa família cearense. Aos amigos, que sendo paraibanos encontrei em Fortaleza, a Shirleyde, o meu obrigada, por compartilhar o computador, e ainda, os muitos momentos felizes que fizeram germinar uma linda amizade. A, Cláudia, Renê, Bel e Luiz.

Ainda em Fortaleza, aos professores e colegas do mestrado em especial aos professores, Frank e Ivone e aos colegas Allyson, Ana Maria e Joel pelo companheirismo acadêmico e afetivo e em especial a Régia e Ana Rita, pelos momentos compartilhados em instigantes discussões sobre gênero. Ao Programa de Demanda Social da CAPES, que com seu financiamento possibilitou minha

dedicação exclusiva a esse trabalho, ao professor Belmino que gentilmente mediou o meu acesso a esse Programa.

Em Pernambuco, aos funcionários das Instituições nas quais realizei minhas pesquisas, no Arquivo Público do Estado e na Fundação Joaquim Nabuco - espaço conhecido desde a graduação, onde encontrei pessoas competentes e sempre dispostas a nos ajudar - em especial a Marcos e em memória da saudosa figura do folclorista Mário Souto Maior e ainda às meninas da CEU – Casa da Estudante Universitária de Pernambuco; o céu onde tantas vezes recebi abrigo. Aos amigos pernambucanos, através dos quais pude atestar quanto hospedeira é essa terra. A Lela, pernambucana amiga, que não mediou esforços para possibilitar o meu acesso à biblioteca da UFPE e, que tantas vezes ouviu, aconselhou e se divertiu com esse trabalho. A Marquinhos, pelo estímulo no período de escrita final desse texto, pela feliz acolhida em seu “apartamento”, e ainda por compartilhar as incríveis figuras do tio Amaro e da tia Ivete. A Kleber, Samy, Luciano, Wanda e Mar, o meu obrigada.

E por último, agradeço a duas pessoas sem as quais não teria sido possível a realização desse trabalho. A minha orientadora, Terezinha e o meu co-orientador Eurípides, um agradecimento especial a vocês, pela paciência, competência e amizade, que me foi dispensada.

"Pode me faltar
tudo na vida,
Arroz, feijão e pão
Pode me faltar manteiga
e tudo o mais não faz falta não.
Pode me faltar o amor,
Disso até acho graça,
Só não quero que me
falte a danada da cachaça".

(Marcha de Carnaval , Gravado em 1953, por Carmem Costa)

Resumo

É comum nos nossos dias vermos cachaça e masculinidade como uma sinonímia, isto é, a prática de ingestão de bebidas alcoólicas sendo vista naturalmente como um atributo masculino. Tendo como referência a experiência da cidade de Recife nas primeiras décadas do século XX, nosso trabalho tenta apresentar como tal associação não pode ser vista como uma prática natural, mas como algo historicamente construído e que precisa ser problematizado. O período em questão foi escolhido devido à intensa campanha contra a prática de ingestão de bebidas alcoólicas apontadas como um dos principais problemas sociais e que impediam o crescimento e a modernização da cidade do Recife. Assim, nós trabalhamos com os discursos antialcoolismo e suas perspectivas de controle social que ganharam visibilidade para mostrar que, se por um lado, a prática de beber cachaça era constantemente denunciada, por outro, construiu condições possíveis para a associação dessa bebida ao mundo dos homens apontada como um problema referente à moral masculina.

Palavras-chave: cachaça masculinidade controle social

Abstract

It's common in our days to associate "cachaça" and masculinity as a sinonimia, that is, the practice of ingesting alcohol drinks is naturally seen as a male attribute. Taking the experience of Recife city in the XX Century first decades, our work shows how such association can't be seen as a natural practice but as a historically built one that needs to be problematized. The period in question was chosen because there was an intense campaign against the practice of alcoholism drinking pointed as the main cause of some social problems and appeared as an obstacle to the growing and modernization of the City. So we take the antialcoholism discusses and their perspectives of social control which gained visibility to explain that if by one side the practicing of drinking cachaça was often denounced, by the other one it made possible some conditions to associate that drink into world pointed as a problem to the masculine moral.

Key-words: cachaça masculinity social control

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo I – Da “bicada’ ao alcoolismo, a supressão do gole amaldiçoado	20
1.1. Recife, reformas urbanas e sociais.....	24
1.2. Discurso Médico e Alcoolismo.....	35
1.3. Lutas contra o Alcoolismo.....	42
1.4. Trabalho, Ociosidade e Alcoolismo.....	47
Capítulo II – Alcoolismo e Pobreza	52
2.1. De remédio a veneno.....	55
2.2. Não é defeito beber	66
2.3. Alcoolismo e pobreza.....	73
Capítulo III – Cachaça e Violência Masculina	83
3.1. Desordeiros e amantes da pinga.....	86
3.2. Mulheres e alcoolismo.....	91
3.3. Companheiros de farra: álcool e disputas masculinas.....	100
3.4. Cachaça tira juízo, mas dá coragem.....	111
Considerações Finais	117
Bibliografia e Fontes	120

Introdução

Neste trabalho, temos como objetivo discutir e analisar a prática social de beber cachaça, bem como a associação da referida prática ao universo masculino. Para isso, procuramos descobrir os significados sociais e culturais da presença dessa bebida no cotidiano de homens e mulheres, no período de 1920 a 1930, na cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco.

Partindo de uma questão atual, posto que, entendemos o estudo do passado, como uma forma de compreender as condições históricas que possibilitaram o nosso presente tal como se apresenta, tratamos, no presente trabalho, de como ocorreu e o que tornou possível à construção da associação entre a identidade masculina e a prática social e cultural de beber cachaça, da forma como a percebemos hoje. Pensando, na perspectiva de Ivone Cordeiro, o *passado não como uma coisa, um objeto, mas como o reduto das experiências de outros sujeitos com os quais é possível estabelecer um diálogo*¹, buscamos dialogar com as fontes pesquisadas, considerando-as como discursos produtores de realidade e, ao mesmo tempo, produzidos em determinadas condições históricas²

No nosso presente, é clara e explícita a associação entre as bebidas e o universo masculino. Na mídia, as campanhas publicitárias voltadas para esse universo trazem forte apelo, na busca de convencer o espectador a consumir bebidas alcoólicas, trazendo, para tanto, belas mulheres, bem dotadas fisicamente, sensuais e sedutoras, no intuito de relacionar a posse da bebida à posse das mulheres e fazendo claramente menção à relação entre bebidas e virilidade. Essa representação social e cultural da bebida é muito forte, sendo

¹ BARBOSA, Ivone Cordeiro. A Experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol 17., nº 33, p. 301, 1997.

² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p. 34.

também encontrada na literatura erudita e na popular. Nos folhetos de cordel, essa representação torna-se uma constante, apresentando-se, a ingestão da cachaça como um comportamento próprio da cultura masculina, uma forma através da qual os jovens aprendem a ser “homens”, a viver sua masculinidade, segundo um padrão dominante, que a define a partir de adjetivos, como força, valentia e virilidade, associando a prática de beber cachaça ao universo masculino, de tal forma que saber beber é tido como uma habilidade masculina.

Questionamos, contudo, essa naturalização da associação cachaça/masculinidade, o que nos levou a buscar na historicidade da prática de beber cachaça, respostas às nossas indagações.

Assim, utilizando a categoria gênero enquanto um conceito útil para a análise histórica, da forma como entende a historiadora americana Joan Scott³, temos o objetivo de discutir o que tornou possível considerar o beber cachaça como um parâmetro para a construção da identidade masculina, considerando que não existe uma natureza feminina e uma masculina, uma identidade universalizante para homens e mulheres, mas sim, comportamentos e valores delimitados pela sociedade como sendo o masculino e o feminino. Como qualquer outra identidade, seja étnica, profissional, religiosa, política, as identidades sexuais são historicamente construídas⁴, por isso, buscamos entender a relação entre o hábito de beber cachaça e masculinidade, no início do século XX, na cidade do Recife.

A sociedade nos rodeia com símbolos, que delimitam a identidade masculina ou feminina, desde o vestuário, os espaços sociais, até os pequenos gestos. Somos culturalmente levados a perceber as fronteiras da nossa identidade. Ademais, esse poder simbólico, que naturaliza e rotula o masculino e o feminino, possibilita a construção de estereótipos determinantes dos padrões

³ SCOTT, Joan. *Uma categoria útil para análise histórica*. Tradução Christine Dabat. Recife, 1991.

⁴ COSTA, Jurandir Freire. *A construção cultural da diferença dos sexos*. [S.l.: s. n, 1990?], p. 06.

culturais socialmente aceitos como parâmetros para as identidades sexuais, de modo que homens e mulheres são solicitados a ocupar, a agir e viver de acordo com os papéis que lhes são prescritos.

Essa naturalização das identidades sexuais, a idéia de que existem maneiras de ser mulher e de ser homem, torna possível a caracterização de espaços sociais, de vestimentas e até dos gestos, de acordo com essas identidades. Isso demonstra que a divisão entre os sexos não está na “ordem das coisas”, nem é natural⁵, mas, ao contrário, é construída historicamente. Por exemplo, falar manso, ser compreensiva, delicada e obediente seriam características tipicamente femininas, por outro lado, falar alto, ser rebelde, aventureiro, estariam ligadas ao universo masculino.

Essa aparente homogeneidade leva a sociedade masculina a ser marcada por relações de vigilância constante; os homens vigiam as atitudes, gestos e palavras dos outros, como forma de analisar a identidade masculina, não só a do outro, como a sua, isso porque a identidade masculina é construída não apenas no contraste com o feminino, mas também com o próprio masculino, com outros homens, a partir de parâmetros tidos e ditos como masculinos⁶. Nesse sentido, pensamos com Miguel Vale de Almeida, sobre o efeito controlador da masculinidade hegemônica. *A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível - na prática e de forma consistente e inalterada - por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador*⁷.

O efeito controlador desse modelo de masculinidade é bastante eficaz, tanto que a sociedade cobra dos homens gestos de valentia, força, agressividade, entre outros. Desde cedo, o menino é orientado a não chorar, não expressar seus

⁵ BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.17.

⁶ JARDIM, Denise Fagundes. *Performances, Reprodução e Produção de Corpos Masculinos* [S.l.: s.n, 1990 ?], p. 202.

⁷ ALMEIDA, Miguel de. Gênero, masculinidade e poder, revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico/95* – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.163, 1996.

sentimentos⁸, a seguir o exemplo das figuras masculinas, como o pai, e não a “sentimentalidade da mãe”, a identidade masculina proíbe o homem de externar seus sentimentos, suas dores, atitude que o aproximaria do feminino.

Nos encontros entre amigos – no futebol do domingo, no encontro no bar para beber uma cerveja ou uma pinga – os homens são levados a exagerarem seus feitos, suas histórias, enfatizando os sucessos e omitindo os fracassos. Entre homens o “policiamento” é constante e qualquer um pode ter a sua masculinidade contestada a qualquer momento, nesse sentido, é preciso prová-la, o que significa demonstrar ser melhor que o outro, mais forte, mais inteligente, mais ágil.

A partir desse ângulo, é que acreditamos que as disputas entre homens evidenciam a fragilidade da identidade masculina, posto que, muitas vezes, elas ocorrem como resposta às cobranças sociais, sendo muito comum, em espaços tidos como masculinos, a existência de constantes desafios e confusões entre homens, que, na maioria dos casos, alcoolizados, tornam-se valentes, participando de disputas violentas para parecer mais forte que o “amigo de copo”, que, após duelos verbais e, muitas vezes corporais, tornam-se “inimigos”.

As brigas entre ébrios constituem parte da teatralização da identidade masculina. Esses momentos são marcados pela produção de uma auto-imagem de masculinidade ativa e imponente. Pensando nas inúmeras atribuições dadas à identidade masculina e nos parâmetros utilizados na construção dessa identidade, bem como na divisão sexuada⁹ dos espaços sociais, dos corpos e dos comportamentos, surgiu o nosso objeto de pesquisa, a “prática de beber cachaça” e sua associação ao “mundo dos homens”.

Recife, nas primeiras décadas do século XX, era uma das principais capitais do Nordeste, tanto em termos populacionais quanto por sua alfândega, que se destacava como a terceira do país, e seu comércio só era inferior ao do

⁸ N/a Masculinidade Disponível em < <http://www.fusoes.com.br/~nickeros/masculinidade.html> >
Acesso em 21/08/1998.

⁹ Sobre a divisão dos espaços, corpos e dos comportamentos. Ver BORDIEU, Pierre. Op. Cit., p.17.

Rio de Janeiro e de São Paulo¹⁰, contando, ainda, com amplo desenvolvimento cultural, social e econômico. Ocupava assim o lugar de centro difusor de cultura, com grande influência em todo o Nordeste. Como as principais cidades brasileiras da época, Recife passava por intenso processo de transformações urbanas e sociais ligadas aos ideais de modernização, que associavam desenvolvimento a higiene.

A década de XX traduz, de forma singular e expressiva, as transformações urbanas e a relação dessas com o saber médico em ascensão. Apresentamos, então, esse palco histórico, para que seja possível a compreensão do que possibilitou a emergência de um movimento intenso de combate ao alcoolismo, combate ao consumo de bebidas alcoólicas, mais especificadamente, contra o consumo da cachaça. As reformas urbanas e sociais, bem como o desenvolvimento de uma política de saúde pública e, através dessa, as intervenções médicas, tanto nos setores públicos quanto nos setores privados da sociedade são apresentados como forma de discutirmos o que possibilitou a emergência de campanhas contra o alcoolismo.

A emergência dessas campanhas antialcoólicas na década de vinte do século passado tornou possível a construção do nosso objeto de estudo e de nossa problematização, bem como do nosso recorte temporal e espacial. Ao iniciarmos nossas pesquisas, ainda na graduação, em um projeto de Iniciação Científica, com surpresa e contentamento encontramos em nossa fonte de pesquisa, o jornal *Diário de Pernambuco*, uma série de artigos publicados pelos ideólogos das campanhas antialcoólicas, o que imediatamente despertou nossa atenção, para a intensa preocupação com o consumo de bebidas alcoólicas no início da década de vinte do século passado – especialmente com o consumo da cachaça – associadas às medidas de higiene, modernização e controle social.

Quanto ao nosso recorte temporal, optamos por trabalhar com as primeiras décadas do século XX, mais especificamente com os anos de 1920 a

¹⁰JUCA, Gizafran Nazareno Mota. *Verso e Reverso do Perfil Urbano de Recife e de Fortaleza*. 1993. Tese (Doutoramento em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.

1930. Esse recorte foi feito pelo entendimento de que a década de 1920 foi um momento de emergência de práticas discursivas e medidas repressivas acerca do consumo de bebidas alcoólicas, sendo, então nosso objetivo, entender como essas intervenções normativas, em suas formas discursivas e não discursivas, foram experimentadas pelos sujeitos, como os atingiram, que reações provocaram, que importância tiveram em suas vidas. Apresentamos, neste trabalho, algumas dessas medidas, para compreendermos quais os seus significados concretos na construção de valores sociais, morais e culturais acerca do beber cachaça, assim como a construção de sujeitos históricos, tendo a ingestão ou não dessa bebida como parâmetro.

O consumo de bebidas, especialmente de cachaça, foi motivo de preocupações em outros momentos históricos. Sabemos que desde o período colonial houve restrições ao consumo da cachaça, quando a metrópole portuguesa temia que a aguardente da terra – a cachaça – vendesse mais que a aguardente do reino ou bagaceira. Falava-se dos perigos do aguardentismo¹¹, entretanto, foram apenas restrições ligadas a interesses econômicos, de modo que nem o consumo dessa bebida, tampouco os seus consumidores eram objeto do saber médico, o que só ocorreria, posteriormente, no período abordado por este trabalho.

Os principais jornais em circulação na década de vinte, o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio*, dois importantes representantes da imprensa pernambucana ainda em circulação nos dias atuais, são nossas principais fontes de pesquisa. O *Diário de Pernambuco* criado em 1825, era dirigido por representantes da oligarquia pernambucana e o *Jornal do Commercio*, criado em 1919, era dirigido pela família Pessoa de Queiroz, influentes políticos e comerciantes, que tinham interesse divergentes das oligarquias rurais que se manifestavam no *Diário*. Através da pesquisa nesses jornais, entramos em contato com uma série de artigos que dão conta das medidas adotadas no combate ao

¹¹ ALMEIDA, Júnior. Sobre o aguardentismo colonial. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, vol. 6., nº 72, p.155-164. Nov/Dez 1940.

consumo das bebidas. São medidas ditadas pelo discurso médico, que apresentam como argumento principal, a preservação da saúde física dos homens, sendo anunciados as várias experiências realizadas em laboratórios que comprovam os inúmeros males causados pelo alcoolismo ao organismo humano e, mais ainda, não apenas ao indivíduo, como também a toda a coletividade, pois o alcoolismo é apresentado como sendo hereditário e com caráter degenerativo, assim, ao beber, o homem estaria prejudicando não só a si próprio, como a toda a sua descendência e conseqüentemente toda a sociedade. Além desses jornais da imprensa pernambucana da época, utilizamos como fonte secundária à literatura de cordel e alguns romances da literatura regional

No primeiro capítulo do nosso trabalho, intitulado “Da bicada ao alcoolismo”, apresentamos a cidade do Recife na década de 20, do século passado. Abordamos as reformas urbanas em seu caráter higiênico-sanitarista e a relação dessas com a emergência de campanhas antialcoólicas. Essas reformas são de grande importância para entendermos a preocupação crescente no início da década de 1920, com o alcoolismo, a exacerbação da intolerância em relação ao consumo das bebidas alcoólicas, especialmente da cachaça.

As reformas na cidade do Recife, no período por nós abordado, estiveram amplamente ligadas à ascensão do saber médico e a institucionalização de uma política de saúde pública. Discutimos, então, o caráter hierarquizador e excludente dessas reformas, buscando perceber o quanto elas implicaram reformas sociais, pois, através da associação entre ideais de higiene e modernidade, o saber médico passou a intervir cada vez na vida da população, de modo que assim como as construções, os hábitos e comportamentos dos indivíduos eram avaliados por esses profissionais da saúde, cabendo a eles a função de definir e prevenir aquilo que pudesse vir a representar uma ameaça à saúde da população.

O consumo de bebidas alcoólicas foi um dos hábitos sociais que sofreu forte intervenção médica, estando, portanto, as lutas antialcoólicas inseridas nesse contexto. O consumo de álcool era descrito pelos médicos como constituindo uma das ameaças não só à saúde, como também ao desenvolvimento e higiene da

população, e, conseqüentemente, da cidade, o que levou à criação de medidas de intervenção social, visando coibir o consumo das bebidas. Entretanto, tais medidas eram mais direcionadas ao consumo da cachaça, sendo os homens de classes sociais economicamente inferiores, e principalmente sem trabalho fixo, os que mais sofriam a repressão ao alcoolismo. Daí, discutirmos as representações sociais construídas acerca da cachaça, do alcoolismo e da pobreza.

Percorrendo os artigos da imprensa pernambucana, pudemos perceber o quanto foi grande o esforço por parte de médicos, juristas, educadores, entre outros para desqualificar, no início do século, o consumo das bebidas alcoólicas e, conseqüentemente, os seus consumidores, que tiveram suas atitudes notificadas, medicalizadas e muitas vezes criminalizadas.

No segundo capítulo do nosso trabalho, "Alcoolismo e pobreza", discutiremos as mudanças ocorridas em relação às representações sociais da cachaça, considerando o deslocamento sofrido por essa bebida, que passou de remédio, nos períodos do Brasil Colônia e Império, a veneno, com a implantação do Brasil República. Analisaremos, então, os significados sociais desse deslocamento, as condições históricas que o possibilitaram e, a partir daí, a associação dessa bebida ao alcoolismo e também a um determinado grupo social, o dos homens pobres, aqueles que, por sua condição social, já eram vistos como suspeitos. De acordo com o pensamento da elite dominante, seriam os pobres mais propensos aos vícios e, como conseqüência, ao crime, de modo que, para esses indivíduos, a cachaça, o estado de embriaguez funcionava como um duplo estigma social, pois que os ébrios vinham a aumentar o número da "escória social" sendo vistos, como indivíduos de alta periculosidade, casos de polícia,

No terceiro e último capítulo, "Cachaça e Violência Masculina", temos, como eixo principal da discussão, a violência masculina, tanto em relação aos homens, como em relação às mulheres. Através da imprensa pernambucana, importante veículo de comunicação muitos casos de violência, de confusões, de loucura e até de morte eram noticiados, tudo isso como conseqüência do consumo

da cachaça. A violência masculina é construída no imaginário social de forma bastante contraditória, indo da crítica à admiração, uma vez que, atitudes de força e agressão constituem algumas das atitudes esperadas e muitas vezes cobradas da identidade masculina. Quando associada ao álcool, esse é considerada como uma espécie de detonador dessa violência que é vista como parte de uma natureza, de uma essência masculina. Discutiremos, portanto, as relações entre bebidas alcoólicas, mais especificamente cachaça, e as representações sociais construídas a partir dessa relação.

Considerando a identidade masculina, assim como a feminina, identidades múltiplas, construídas e reconstruídas cotidianamente, analisaremos o uso da cachaça como parâmetro para construção de perfis masculinos. A vivência entre homens e mulheres, e não apenas entre homens, nos interessa no sentido em que pensamos as relações de gênero como relacionais, de modo que, para compreender o universo masculino, faz-se necessário entender como ocorre a relação desse com o feminino, visto que, a identidade masculina é construída em oposição à feminina¹², ou seja, para pensar a construção de perfis masculinos, discutiremos não só a sociabilidade entre os homens, mas também desses entre si e entre as mulheres.

¹² LOURO, Guacira. A emergência do gênero. In. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 22.

CAPÍTULO I

DA “BICADA” AO ALCOOLISMO □ A SUPRESSÃO DO GOLE AMALDIÇOADO

Capítulo I - Da “bicada” ao alcoolismo, a supressão do gole amaldiçoado.

1.1. Recife, reformas urbanas e sociais.

O Recife progride...eis o que toda gente proclama e os fatos vão atestando [...] A cidade desenvolve-se, efetivamente, e não só em melhoramentos públicos mas na atividade particular, constata-se um impulso notável[...] Ao lado das reformas que, de tempos a esta parte, os poderes da União do estado e do município realizaram, conjugados, está o progresso resultante das iniciativas individuais, dentre estas as construções modernas que se levantam ao perímetro da capital e nos arrabaldes as ruas que se abrem conseqüentemente e as que estão em formação [...] Afirma-se, ao mesmo tempo, que no atual quadriênio, remodelações importantes serão efetivadas, a começar pela dos bairros de Santo Antônio e São José onde vielas lóbregas, becos insalubres, casebres seculares dão guarda á rua Nova – artéria chique, comprimida e asfixiada [...] As ligações com o subúrbio terão por sua vez, as vistas oficiais, de maneira a eliminarmos muitos dos defeitos que logo se patenteiam aos olhos de quem nos visite e que, sobretudo, tanto prejudicam a nós próprio.¹³

A cidade do Recife, como outras cidades brasileiras, passou no final do século XIX e primeiras décadas do século XX por um processo profundo de reformas urbanas e sociais, ocasionadas por mudanças políticas e econômicas no país. O fim do trabalho escravo e a implantação do governo republicano davam ao país ares de liberdade, igualdade, democracia e modernidade. Outras mudanças viriam, ligadas a essas idéias de modernidade e progresso, aspirando aos padrões de civilização, disseminados pelas metrópoles européias.

A imprensa noticiava as reformas que ocorriam na cidade, o aformoseamento dessa, com novas ruas que ficavam bonitas, limpas e asseadas e o quanto ainda precisava ser feito para garantir o progresso do Recife. O imperativo era o embelezamento e a organização do espaço urbano, como já ocorrera em outros momentos, pois, desde a chegada dos holandeses que medidas de implementação e organização do tecido urbano eram tomadas. Com

¹³ AEP (Arquivo Público Estadual). *Jornal do Commercio*. Urbanismo . Recife. 06/01/1927- p. 03.

Maurício de Nassau, em 1637, ocorreu a primeira. O aumento da população e a pequena área territorial tornou urgente a construção de moradias, de modo que a solução encontrada foi a construção dos sobrados, que permitiram um maior aproveitamento da área, num crescimento vertical, seguindo o estilo dos sobrados da capital holandesa.

[...] o Recife que os documentos antigos chamam simplesmente de “povo” - era um triste burgo nos primeiros anos do século XVII que os nobres de Olinda deviam atravessar pisando em ponta de pé, receando os alagados e os mangues; burgo de marinheiros e de gente ligada ao serviço do porto; burgo triste, sem vida própria, para onde até a água tinha de vir de Olinda, os holandeses cuidaram de transformar em um núcleo urbano com ares de modernidade para época¹⁴.

Mais tarde, após a expulsão dos holandeses, na administração de Francisco do Rêgo Barros, futuro Conde da Boa Vista (1835-1842), ocorreu um outro processo de “modernização” da cidade, uma busca para melhorá-la. Inspirado nos modelos europeus, especialmente a França, devido os estudos lá realizados, Rêgo Barros chega inclusive a trazer uma equipe de profissionais franceses, chefiados pelo engenheiro Louis Léger Vauthier, responsável pela construção do prédio suntuoso do teatro Santa Isabel - espaço privilegiado da elite, desde sua construção até os dias atuais. Nesse período as reformas urbanas garantem inovações, como a iluminação pública a gás, que substitui, em 1839, a precária luz de azeite, o saneamento, a água encanada, também a reformulação do ensino médio e a instalação de uma biblioteca pública. Em paralelo ao desenvolvimento do comércio e da indústria, essas transformações tornavam a cidade mais desenvolvida, bonita e habitável. Conforme Maria Aparecida Vasconcelos Lopes¹⁵ em sua dissertação de mestrado:

[...] visavam diretamente a cidade, na medida em que a população não representava o objetivo destes melhoramentos[...] pois que embora tivessem influência na vida privada das pessoas, modificando, inclusive,

¹⁴ REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte - Recife*: FUNCARPE, 1997, p. 27.

¹⁵ LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. *Cidade são, corpo são: urbanização e saber médico no Recife (Final do século XIX, início do século XX)*, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

alguns hábitos sociais e domésticos, elas não tinham como alvo, essa população¹⁶.

Já o processo de modernização da virada do século XX e especialmente da década de 1920, teve como característica uma preocupação não apenas estética, mas também higiênica, daí porque, não só a cidade se tornou alvo das reformas, mas também a população. O novo conceito de modernização vinha imbuído de uma “missão civilizatória”. Não era suficiente reorganizar a cidade, a sua inserção nos padrões de modernidade passava por uma reformulação também dos hábitos e comportamentos da população. Limpar a cidade, torná-la culta, higiênica e ordenada significava ordenar a população, impondo-lhe normas a serem cumpridas.

Os projetos de construções atenderam às preocupações higiênico-sanitárias, o que era evidenciado nas comparações entre o médico e o urbanista e na função deste último de impedir o crescimento desordenado da cidade, *o estender-se à vontade dos construtores à conveniência de cada um*¹⁷. Como forma de manutenção da saúde pública, *deve ser disposta de modo a proporcionar ao habitante uma existência mais confortável*. Foram essas as palavras do urbanista francês, Alfredo Agache, em sua primeira conferência sobre urbanismo, realizada em um dos salões do Departamento de Saúde e Assistência, na capital pernambucana, quando esteve no Brasil, no final da década de 1920, convidado a elaborar o plano arquitetônico da metrópole do Rio de Janeiro e posteriormente da cidade do Recife¹⁸.

Em sua primeira conferência no Recife, Agache comparou o urbanista a um médico *a auscultar a doença das cidades, ver as suas condições antropológicas para poder pronunciar-se. Examinar se se impõe uma operação cirúrgica ou, enfim qual a natureza do remédio a aplicar*¹⁹. O urbanista deveria agir como um cirurgião, arrancando da cidade os seus defeitos, seus *aleijões*, como um

¹⁶ Id. Ibidem, p. 19-20.

¹⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Urbanismo. Recife. 06/01/1927- p. 03.

¹⁸ AEP. *Jornal do Commercio*. Um urbanista para o Recife. Recife. 01/06/1927- p. 03.

¹⁹ AEP. *Jornal do Commercio*. O urbanista Agache. Recife. 27/08/1927- p. 03.

médico que visa garantir a saúde dos indivíduos. O urbanista tinha a função de consertar a cidade, de garantir o bom funcionamento do organismo urbano, mesmo que, para isso, fossem necessárias algumas incisões que garantiriam a harmonia do todo, harmonia essa vista como um dos símbolos de modernidade, *um dispositivo capaz de imprimir ao Recife uma feição consetânea com o seu adiantamento, uma diretriz capaz de torná-la uma cidade moderna*²⁰.

Nos urbanistas, os governantes depositavam os anseios em proporcionar à capital pernambucana os aparatos simbólicos das cidades modernas, orientar e disciplinar a expansão da cidade, corrigindo os muitos *aleijões* já existentes, dividindo os espaços, de acordo com a classe social dos que os ocupariam, deixando na área central as construções modernas e afastando, quando não destruindo, aquelas que ficavam fora dos padrões, o que era visto como forma de impedir novos erros de construção. A imprensa dava conta das reformas urbanas noticiando as mudanças ocorridas e as que ainda estavam por vir, mas ditas como necessárias para garantir a absorção de símbolos de modernidade, como os automóveis, que precisavam de ruas largas para um tráfego tranquilo.

... A rua da Concórdia já não parece a de outrora. Com o seu calçamento novo, está uma via elegante, para onde afluem os autos e as famílias em passeio [...] Avaliemos agora quando estiver ligada à rua 89, contando a Campina do Bode, serviços que já estão avançados. Esse largo vai passar por grande reforma, com dois trechos ajardinados ladeando o calçamento, que irá em paralelepípedos até a fábrica Eureka [...] É preciso anotar: conjuntamente aos serviços próprios, são feitos o das galerias de esgotos, água e gás que têm também de sofrer modificações [...] O projeto em execução realizará uma transformação notável: vão ser demolidos os fundos do Quartel general e da Delegacia Fiscal, de modo que o calçamento virá terminar na praça 17, ligando com a rua 15 de Novembro [...] A rua Theotônio será alargada nos trechos necessários, já tendo sido para esse fim desapropriados prédios no valor de 300 contos de réis²¹.

O crescimento da cidade é indiscutível, assim como a aquisição de símbolos da modernidade, que encantavam, seduziam e também assustavam e/ou entristeciam alguns, devido às perdas suportadas em nome do progresso,

²⁰ AEP. *Jornal do Commercio*. Um urbanista para o Recife. Recife.01/06/1927- p. 03.

²¹ AEP. *Jornal do Commercio*. Urbanismo. Recife. 06/01/1923- p. 03.

como evidencia Mário Sette em artigo ao *Diário de Pernambuco*, no qual fala das pitorescas festas dos arcos, que os *recifenses moços nunca viram e os maduros ou velhos nunca mais verão*, pois que, em relação aos arcos diz ele: *Dos pobres Arcos que a civilização não suportou porque eram velhos, eram feios, eram inúteis... Essa civilização que acha bonito os arranha-céus*²²

Já os automóveis com sua velocidade provocavam suspiros de admiração e temor, sendo muitos os atropelamentos ocorridos, enquanto a população procurava se adaptar a um ritmo mais acelerado no andar, ao atravessar as ruas, conforme a velocidade dos automóveis exigia. Também o cinema e as polêmicas em torno dele nos dão uma dimensão de como a década de 1920 foi um dos momentos históricos significativos da tensão entre o moderno e o tradicional no Recife²³. O cinema foi muito elogiado, mas também bastante criticado, discutia-se a sua influência na educação da mocidade, tanto era visto como um incentivo positivo, quanto como um perigo, um péssimo exemplo para os jovens, ao possibilitar um contato com um mundo novo, com estilos de vida totalmente diferente, como é descrito por Carlos de Melo, protagonista de *Doidinho*, romance de José Lins do Rego.

O cinema já nos era um incitante sem o qual não podíamos passar. Levávamos a semana discutindo as fitas, comentando os enredos. Corrigiam-se atitudes, emendavam-se situações, aprendiam-se mesuras da sociedade. Havia mulheres tentadoras vestidas na última moda, bem diferentes naquelas existências. Os homens tinham outros modos. As mulheres saíam de casa sozinhas. Viram uma, brigando com o marido, dizer-lhe com a maior simplicidade deste mundo: Vou para a América!, como Tia Maria diria: Vou para o sítio do Seu Lucino. A gente daqueles lugares era mesmo de outro planeta²⁴

As discussões são tão enfatizadas pela sociedade, que no Congresso Penitenciário Internacional, realizado em Londres, em 1925, na seção de prevenção, uma das questões discutidas foi sobre o cinema, questionando-se: *Qual o melhor método para preservar, sobretudo a juventude da influência*

²² AEP. *Diário de Pernambuco*. Recife de ontem. As festas dos arcos. Recife. 14/06/1931 – p. 02.

²³ REZENDE, Antônio Paulo. Op. Cit., p. 26

²⁴ REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1976, p. 137.

*corruptora da imagem e, especialmente das produções cinematográficas, capazes de incitar ao delito ou aos atos imorais?*²⁵

Esse é um momento de preocupação com os ditos atos imorais, com os maus costumes e sua propagação, que, de acordo com o pensamento da época, implicariam doenças. A medicina passará por um processo de especialização científica surgindo profissionais próprios para cuidar dos órgãos e das doenças distintamente, especialistas que irão procurar, nos meios sociais e nos hábitos cotidianos dos homens, as repostas para o desenvolvimento das enfermidades, com o objetivo de, a partir daí, promover a profilaxia e a prevenção, isto é, trata-se do desenvolvimento do que conhecemos, hoje, como política de saúde pública, iniciada desde meados do século XIX.

As reformas urbanas constituíram as principais medidas tomadas em nome dessa política de saúde pública. As derrubadas de casebres, as desapropriações eram feitas para beneficiar a população, garantindo condições ideais para uma vida mais confortável e saudável, embora os meios utilizados para garantia dos projetos de reformas urbanas tenham acabado por beneficiar uns em detrimento de outros – como ocorre nos dias atuais, quando construções majestosas invadem espaços até então ocupados pelos representantes sociais menos privilegiados economicamente. Essas reformas implicaram mudanças na arquitetura dos prédios e na disposição desses. A racionalização dos espaços significava uma preocupação não unicamente com a maneira de construir, como também com os lugares escolhidos para a construção, pois, edifícios magistrais poderiam ser anulados devido ao local que o colocaram, afirmava o urbanista Agache²⁶.

Baseados nesses argumentos, muitas construções como vielas, becos, mocambos e casebres seculares, entre outras, foram demolidas, excluídas do tecido urbano e, junto com eles, foram excluídos os seus habitantes, que, em sua maioria, eram afastados para as periferias. Daí, afirmarmos que as demolições

²⁵ AEP. *Jornal do Commercio*. Um Congresso de Grande Alcance. Recife. 19/05/1926 – p. 03.

²⁶ AEP. *Jornal do Commercio*. O Urbanista Agache. Recife. 27/08/1927- p. 03.

eram mais que a remoção de paredes e estruturas arquitetônicas, sendo também a remoção de pessoas com os seus costumes, valores, modos de vida e memórias. Como citado anteriormente, as reformas urbanas da década de 20 do século XX tinham, entre seus objetivos, metas civilizatórias que visavam à população, de modo que a racionalização dos espaços urbanos consistia em uma divisão hierárquica desses espaços e uma disciplinarização dos indivíduos.

Solicito que v.exc. se digne de recomendar ao major inspetor da guarda civil que mande instruir aos guardas destinados ao policiamento neste distrito, a respeito da repressão aos hábitos deponentes de alguns rapazes viciados e os escândalos de certas hetaíras recalcitrantes e despudoradas. É ordem terminante desta delegacia proibir a qualquer meretriz a estar sentada a porta de sua residência e manter-se em conversa com indivíduos que as procuram, porque essas decaídas nunca se portam convenientemente aos nossos costumes. [...] tais fatos deveriam ser coibidos principalmente nas ruas onde passam bondes e automóveis²⁷

Através desse ofício, enviado pelo delegado Liberalino de Almeida ao Chefe de Polícia, publicado no *Jornal do Commercio* em 1921, percebemos o caráter excludente e hierarquizador²⁸ das reformas urbanas no Recife, como também ocorreu em outras cidades brasileiras no começo do século XX²⁹. Essas reformas propiciaram uma hierarquização das cidades, das suas ruas, dos seus bairros, uma reapropriação valorativa dos espaços, que possibilitou manifestações explícitas de exclusão de representantes de alguns setores sociais, contra os quais são exigidas medidas de repressão, que garantam seu afastamento da sociedade moderna e ordenada.

Meretrizes, mendigos, bêbados, entre outros, passam a ser vistos como estorvos sociais. Com o objetivo de discipliná-los serão organizadas campanhas em favor dos bons costumes. Muitas foram as estratégias que implicaram

²⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Pelos bons costumes. Recife. 20/04/1921- p. 04.

²⁸ NEVES, Margarida. *O Povo na Rua um conto de duas cidades*. [S.l.: s.n, 1980?]

²⁹ São muitos os trabalhos que discutem as reformas urbanas ocorridas no final do século XIX e início do XX, como PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; Multigraf. Editora LTDA, 1993.

proibições e limites. Como vimos, contra as meretrizes surgiram campanhas que cobravam atitudes por parte do governo, para proibir que circulassem em determinados espaços sendo, assim, afastadas da sociedade, proibidas de freqüentar determinados lugares sociais, ditas e vistas como infames, por resistirem à ordem social pretendida, ameaçando sua efetivação ao burlar as normas de moralidade. Em meio aos projetos de desenvolvimento da cidade, esses indivíduos são representados como anti-sociais, uma anti-sociedade dentro da sociedade legítima, portanto, um dos defeitos a ser consertado através das reformas urbanas.

Enfim, o projeto de modernização do final do século XIX e início do século XX, visava modernizar a cidade, destituindo-a de qualquer traço colonial, então sinônimo de atraso, "selvageria" e "incivilidade". Entretanto, a sua especificidade foi considerar que o colonialismo a ser eliminado não estava apenas no aspecto estético da cidade, mas também no comportamento da população³⁰.

As preocupações não apenas com a estética da cidade, mas também com as questões higiênicas, características das reformas urbanas, possibilitaram a associação entre as figuras do médico e do urbanista, como discutimos anteriormente. Essa associação, porém, tem amplos significados, uma vez que só se tornou possível no momento de ascensão do saber médico, a partir do qual se criou uma política de saúde pública, que, como veremos mais à frente, irá intervir na vida pública e privada da população, nos seus comportamentos e hábitos, intervenção legitimada pela relação entre salubridade e higiene e melhoramentos urbanos.

A intervenção nos espaços privados se dará através de algumas estratégias como a criação de normas para realização das construções e a ênfase na importância de que essas sigam padrões higiênicos. As construções, especialmente as moradias, precisavam ser bem planejadas, já insistia Octávio de Freitas³¹, no começo do século XX, visto serem elas as responsáveis pelas

³⁰ LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. Op.Cit., p. 32.

³¹ Octávio de Freitas teve grande importância no desenvolvimento da medicina no Recife, estando ligado a vários projetos como a idealização da Faculdade de Medicina e a criação da Liga contra a tuberculose.

doenças, bem como pela saúde dos seus moradores. Em sua luta contra a tuberculose, ele apontava as moradias insalubres como um dos seus principais fatores de disseminação e clamava aos poderes do Estado para que fosse instituído de forma rigorosa e sistemática o Registro Sanitário das Habitações, registro que tinha sido por ele estabelecido no Recife, em 1908, quando fizera parte da Inspetoria de Higiene, mas que havia sido suspenso no ano seguinte, após sua saída.

Através do referido registro, os comissários de higiene preenchiam um boletim cujos quesitos davam conta das condições das habitações, desde a descrição da casa em todas as suas dependências, a ausência ou presença de jardins, até a natureza dos aparelhos sanitários, se era fossa fixa ou móvel, ao estado do banheiro, ou seja, davam acesso direto aos mais íntimos espaços das casas.

As preocupações com a higiene e a saúde irão caracterizar as reformas urbanas, legitimando a intervenção cada vez mais direta na vida privada da população, pois, para seguir as trilhas do progresso, era necessário dar cabo daquilo que passava a ser visto como defeitos do organismo urbano, por ser sujo, feio ou doente. Entre esses defeitos estavam as moradias dos operários: os mocambos e os cortiços, um amontoado de heresias sanitárias, segundo Octávio de Freitas³². A luta pela erradicação dos mocambos foi intensa, tanto que, em março de 1923, foi editada uma lei que proibia a reforma e construção de novos mocambos, dentro do que se considerava o perímetro urbano³³. Ao invés dos mocambos, são planejadas habitações ditas como higiênicas para os operários, as chamadas vilas operárias, como as construídas no governo de Sérgio Loreto como um dos programas desenvolvidos pelo Departamento de Assistência e Saúde dirigido por Amaury de Medeiros.

³² FREITAS, Octávio de. Importância do registro sanitário das habitações como instrumento de defesa higiênica nas coletividades. *Anais do 1º Congresso Médico de Pernambuco*. Recife: Tipografia do Diário de Pernambuco, vol. 1., nº 1, p. 54, 1910.

³³ TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *As cidades enquanto palco da modernidade: O Recife de princípio do século*. 1994. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994, p.105.

Há um regulamento que define os princípios básicos gerais das chamadas vilas operárias. Alguns itens merecem ser destacados. As casas só podem ser alugadas a operários com famílias legalmente constituídas, considerando-se operários aqueles que ganham a vida com trabalhos manuais. As exigências disciplinares impera, sendo expressamente proibido cuspir no chão, mudar a posição das portas, janelas, ferrolhos ou mesmo colocar pregos em qualquer parte da casa. Não podem os inquilinos criar porcos, galinhas ou mesmo qualquer outro animal doméstico, mesmo pássaros em gaiola. Mais ainda, eles são obrigados a evitar discussões com os vizinhos, sendo punido com a perda da moradia aqueles que tiverem o vício da embriaguez. Até a realização de festas sofre limites. Para assegurar a ordem, as residências podem ser visitada a qualquer hora do dia³⁴

Segundo os médicos higienistas e sanitaristas, a construção das vilas operárias vinha atender às necessidades de garantir melhores condições de higiene para a população. Esses profissionais mostravam-se, portanto, preocupados com o bem-estar dessa população pobre, desses homens e mulheres que, por suas condições de moradia e falta de higiene, estariam mais vulneráveis à contaminação das doenças, devido aos efeitos do meio sobre o organismo. Contudo, para assegurar o direito de habitar tais moradias, os operários passariam a ter suas vidas totalmente vigiadas e disciplinadas, de modo que, mesmo dentro do espaço privado, eles estariam obrigados a seguir regras, normas sociais. Não é de se estranhar, portanto, as resistências, o desprezo às Vilas por parte daqueles para quem elas foram criadas. Morar nas Vilas Operárias seria viver na mira de uma disciplina autoritária, a partir da qual se buscava imprimir, na população, um modo de vida dito civilizado e higiênico, que procurava impor limites e barreiras, objetivando submeter os indivíduos a uma série de regras e proibições.

As novas habitações exigiam, portanto, novos costumes e a supressão de outros, não condizentes com os recentes padrões de higiene e modernidade. Com a demolição dos casebres seculares, pretendia-se demolir antigos hábitos e comportamentos populares, entre esses, o de beber cachaça, ou, como se diz e já se dizia naquele período, de “tomar uma bicada”.

³⁴ REZENDE, Antônio Paulo. Op.Cit., p. 53.

Há muito que era comum o costume de ingerir uma bicada antes ou depois das refeições, do trabalho ou em quaisquer outros momentos, pois, desde o período colonial, a aguardente de cana era degustada e aprovada pelos brasileiros, tanto que disputou a preferência dos consumidores com a aguardente do reino. Durante muito tempo essa bebida foi vista como bebida de negros, sendo consumida pelos escravos que recebiam de seus senhores, uma dose diária, como primeira refeição, para agüentar o árduo trabalho. Contudo, com o fim da escravidão, esse costume difunde-se, de forma tal que se diz que a cachaça teria saído da senzala para os salões das casas grandes³⁵.

No entanto, com o processo de urbanização do final do século XIX e início do século XX, o hábito de beber cachaça será visto e dito pelo discurso médico como sendo pouco civilizado e higiênico, tanto que serão implementadas estratégias de controle do consumo de bebidas. É o caso daquela instituída pelo projeto das vilas operárias, construídas no governo de Sérgio Loreto na década de 1920, que prevê a perda da moradia como punição aos que cultivarem o vício da embriaguez. A ingestão da cachaça passa a ser vista como uma burla aos preceitos de higiene, e, mais que isso, os médicos apregoam os efeitos funestos do álcool para o organismo, comparando-o a um veneno, que põe em perigo a saúde.

Existe entre nós uma opinião cínica segundo a qual é necessário para gozarmos da vida, violar qualquer lei higiênica, ou então levar uma existência monótona isenta de todos os gozos mais apreciáveis.
[...] O homem procura o prazer, a distração, o afastamento das idéias preocupantes e julga encontrar no álcool um auxílio para atingir este fim, mas na verdade o seu desprezo das leis da higiene fazem da sua vida um suicídio lento³⁶

O consumo do álcool é tratado, nesse momento, como um problema. Os jornais locais anunciam que entre os médicos há uma reformulação de suas

³⁵ MAIOR, Mário Souto. *Cachaça*. Recife: Divulgação do Instituto do Açúcar e do Álcool. 1970 (Coleção Canaveira, 3), p. 38.

³⁶ FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco). *Diário de Pernambuco*. O álcool e a energia humana. Recife. 03/11/1917- p. 20.

opiniões sobre o consumo das bebidas alcoólicas, o que é refletido na literatura médica que parece ter mudado antigas atitudes. As principais revistas de medicina se tornam absolutamente antialcoólicas, e os médicos aconselhados a não mais receitar os vinhos medicamentosos, *a medicina fará grande marcha, aproximar-se-á mais da moral, quando interditar os vinhos medicamentosos. Deshumbert afirma que muitos alcoólicos, principalmente as mulheres, começaram por aí*³⁷. A ingestão do álcool, mesmo em pequenas doses, é representada como um perigo à saúde e uma abertura para o desenvolvimento do alcoolismo. E aos médicos vai sendo atribuída a função de conscientizar a população.

1.2. Discurso Médico e Alcoolismo

O alcoolismo é um dos mais perigosos inimigos do homem, concorrendo de maneira assombrosa para encher as prisões, povoar os hospitais e manicômios e elevar grandemente os índices de mortalidade.

Os amigos do álcool consideram-no um alimento, atribuindo-lhe a função de estimulante da força muscular.

Pura ficção! Esta ação estimulante provem do efeito inibitório do álcool sobre os centros nervosos, fazendo desaparecer momentaneamente o sentimento de fadiga e a sensação de fome.

Investigações recentes, porém, demonstraram que, nos trabalhos que demandam a atividade delicada do sistema neuro-muscular, o álcool atua diminuindo a eficiência dos resultados.

É de noção corrente quanto é necessário evitar o uso do álcool no metódico treinamento para os exercícios. De outro lado a atividade psíquica é por ele muito influenciada, sob a ação do álcool, as sensações diminuem, as percepções se retardam, a inteligência se embota e se deprime, após um fugaz, efêmero e passageiro período de estímulo e euforia.

Assim, pois, aceitando mesmo como verdadeiro o conceito de que o álcool é um alimento e verificando, porém, que ao lado de suas pequenas qualidades sobram-lhe grandes defeitos, podemos concluir como Atwater: O álcool é um alimento, mas é um mal, um detestável alimento³⁸

³⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Liga Brasileira de Higiene Mental . Alcoolismo e Moral. Recife. 21/10/1927- p. 03.

³⁸ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo – flagelo social, artigo assinado pelo médico José de Barros. Recife. 21/10/1927- p. 01.

Através dessa fala publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, no ano de 1927, temos uma percepção do debate, da efervescência em torno da questão do alcoolismo na capital pernambucana, nas primeiras décadas do século XX, especialmente durante os anos vinte, período em que a discussão sobre o consumo de bebidas intensifica-se, gerando polêmicas. Emergem discursos que apontam os malefícios do consumo do álcool, opondo-se a uma forma de pensar e utilizar o álcool como um alimento para o corpo, de associar positivamente o costume de ingerir bebidas alcoólicas e os seus efeitos sobre o organismo humano, associação essa que passa a ser dita como ficção.

O discurso médico constitui importante referência na luta antialcoólica, já que era um dos saberes científicos em ascensão naquele começo de século. Nas primeiras décadas do século XX, o saber médico passa a ocupar uma posição de destaque na sociedade. A influência do poder médico é intensa e preponderante em toda a sociedade e associado a outros saberes, o discurso médico penetra em diferentes instâncias de poder. Com o desenvolvimento científico da medicina, o médico assume o lugar de conselheiro, cabendo a ele ensinar aos indivíduos as regras fundamentais de higiene que estes devem respeitar em benefício de sua própria saúde e da saúde dos outros. Daí decorre a responsabilidade do médico nas prescrições que dizem respeito não só à doença, mas às formas gerais da existência e do comportamento, a alimentação e a bebida, a sexualidade e a fecundidade, a maneira de se vestir, a disposição ideal do *habitat*³⁹.

Junto às inúmeras transformações advindas da modernidade, o papel do médico, amplia-se. A ele cabe a análise do que faz bem e do que causa males à saúde, logo, ele exerce poder, controle sobre o corpo. No que se refere ao alcoolismo, o saber médico analisa, avalia e discute as reações do álcool no organismo, os efeitos desse nos mais variados órgãos dos seres humanos.

A perniciosa influência do tóxico se manifesta sobre todos os órgãos, inicialmente o aparelho digestivo: o estômago irritado se inflama assume proporções variadas, desde os simples vômitos matinais até a gastrite [ilegível] o fígado endurece, quer aumentando de volume, quer como mais comumente se observa diminuindo, se atrofiando, [...] originando-

³⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 202.

se daí uma série de perturbações orgânicas muito graves dentre as quais avulta a ascite ou em linguagem vulgar a barriga d'água. O aparelho circulatório, os rins por sua vez sofrem os ataques insidiosos do terrível veneno: as artérias se esclerosam, o coração se enche de gordura⁴⁰.

O álcool, esclarecem os médicos, tem ampla influência sobre todos os órgãos humanos, entre eles um que é bastante citado devido ao fato de ser muito atingido pelo álcool é o sistema nervoso, esse é visto como *vítima dileta do álcool*: [provocando] *cãibras, tremores, insônia, pesadelos, alucinações, perturbações visuais, convulsões, paralisias, delírios tremens, loucura alcoólica*⁴¹. O álcool atingiria o sistema nervoso, tirando a razão dos indivíduos, deixando-os em uma condição de desrazão, denominada de loucura alcoólica, estado em que se perdia a noção dos atos e comportamentos, logo, o controle sobre si, sobre o corpo. Nesse estado, os bebedores poderiam ficar agressivos, violentos, ter ataques de fúria inesperados e, na maioria dos casos, comportamentos não condizentes com sua personalidade pacata. O hábito de consumir bebidas alcoólicas, especialmente a cachaça, é apontado como indutor de comportamentos violentos. Segundo os psiquiatras e os sociólogos criminalistas, o álcool seria o pior inimigo da saúde mental, provocando a loucura, a desrazão, e o seu combate reduziria então não só os casos de loucura, como muitos crimes cometidos em consequência desse estado⁴².

Diante da expressiva e progressiva agressão do álcool ao organismo, os médicos empenham-se na prevenção ao alcoolismo, visto como consequência direta do consumo de bebidas fosse pequeno ou exacerbado. O alcoolismo foi, assim, reconhecido como um dos mais sérios problemas modernos, uma patologia social, centro de preocupações sócio-higiênicas⁴³, logo, alvo do saber médico, que o abordou enfatizando suas consequências funestas e apontando-o como um

⁴⁰ AEP. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo - flagelo social, artigo assinado pelo médico José de Barros. Recife. 21/10/1927- p. 01.

⁴¹ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo – flagelo social, artigo assinado pelo médico José de Barros. Recife. 21/10/1927- p. 01.

⁴² FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. Estudos e Opiniões. O Alcoolismo, artigo assinado pelo juiz João A. Corrêa Araújo. Recife. 22/04/1919- p. 03.

⁴³ MATOS, Maria Izilda. *Meu lar é o botequim*. São Paulo. 1996. Mimeografado, p. 31.

inimigo social contra o qual se deveria lutar, pois, sendo hereditário, se não fosse combatido se alastraria como uma grande calamidade pública. Perante esse inimigo, os médicos posicionam-se como salvadores dos menos esclarecidos e convidam outros intelectuais a ajudá-los nesse indispensável esclarecimento.

Enquanto doença, o alcoolismo torna-se um dos objetos da medicina, uma das doenças a ser analisada pelo médico, assim como a tuberculose, a sífilis, a febre amarela, entre outras doenças, contra as quais o saber médico exerceu intenso combate e vigilância no Recife, já que a partir de meados do século XIX, a medicina adquiriu um caráter preventivo.

Houve um deslocamento de importância e de interesse da doença para a saúde. Não bastava apenas adiar a morte, era necessário, evitar e prevenir a doença antes mesmo que ela aparecesse. Este foi um processo lento, que se desenvolveu a partir de vários fatores como o desenvolvimento do conhecimento científico, e as várias epidemias que caracterizaram o período.[...] na busca de prevenção à doença, desenvolveu-se uma política médica sanitária e higienista, com grandes projetos de saneamento, tanto do espaço físico da cidade, como dos hábitos e costumes da população⁴⁴.

Em Pernambuco, a preocupação com a prevenção de doenças levou a que desde 1845, fosse iniciada uma política de saúde pública com a criação do Conselho de Salubridade. Através dessa política de saúde pública, despontam medidas de higiene e prevenção de doenças, tanto no espaço público, quanto no privado, adentrando a casa das famílias, interferindo em seus hábitos e comportamentos. Embora fossem medidas de caráter autoritário, eram justificadas em nome da saúde da sociedade, pois a noção de salubridade e insalubridade, estava afeta ao estado das coisas e do meio em sua relação com a saúde; a higiene pública era vista como o controle político-científico deste meio⁴⁵.

Em 1853, o Conselho foi extinto e substituído pela comissão de Higiene Pública, que, posteriormente, foi dividida em duas inspetorias - a de Higiene e a do Porto. Em 1892, Rodolfo Galvão assumiu a Inspeção de Higiene. Com ele começou a ser delineada de fato uma política pública de saúde em Pernambuco,

⁴⁴ LOPES, Maria Aparecida. Op. Cit., p. 68.

⁴⁵ FOUCAULT, Michel. Op., Cit. 1979, p. 93.

através dos serviços de demografia, dos laboratórios, do trabalho dos delegados de saúde, da ação dos novos médicos, formados na Europa e da propaganda e educação sanitárias, iniciadas neste período⁴⁶

Com todo esse aparato para garantir o cuidado não com a morte, mas com a prevenção da saúde, desenvolvem-se várias estratégias para alertar a população sobre os possíveis perigos capazes de atingir sua saúde, e do quanto necessário se faziam algumas medidas de precaução que, prometem os médicos, garantiriam a manutenção de uma saúde perfeita. Atendendo a essas questões, são realizadas conferências de propaganda e educação sanitárias. Nestas conferências os médicos tratavam de algumas doenças que poderiam vir a comprometer a saúde da população e dos meios para a prevenção contra elas.

Mais uma conferência de propaganda e educação sanitária foi levada efeito, ontem, tendo sido escolhido para esta reunião o quartel da Força do Derby. [...] Abriu a reunião, o coronel Wolme da Silveira, que pronunciou algumas palavras apresentado aos seus comandados os dois conferencistas: Drs. Francisco Clementino e Waldemar de Oliveira. Falou o primeiro destes facultativos sobre as 'Doenças Venéreas', estendendo-se o segundo em considerações sobre o 'Alcoolismo'⁴⁷

O alcoolismo era um dos temas discutidos nas conferências de propaganda e educação sanitárias, estando, portanto, no rol das possíveis doenças que, assim como as doenças venéreas, poderiam ser adquiridas pelos homens. As conferências serviam como forma de aproximar a população dos conselhos médicos, sendo de extrema importância para que eles indicassem medidas de prevenção para que os homens não se deixassem enganar pelos supostos efeitos positivos do álcool, que, segundo os médicos, eram efêmeros e ilusórios. Já os efeitos negativos eram demorados, chegando inclusive, muitas vezes, a atingir de pais a filhos através das leis da hereditariedade.

O alcoolismo é discutido e analisado como uma doença pertencente ao

⁴⁶ SOUSA, Noélia Alves de. *A Liberdade é Vermelha?* um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza, nas décadas de 20 e 30 do século XX. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997, p. 37.

⁴⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Propaganda Sanitária. Recife. 16/06/1927- p. 04.

universo masculino⁴⁸, uma doença discutida juntamente com as doenças venéreas, vistas como afins, pois teriam em comum o fato de estar vinculadas à sexualidade e à virilidade masculina, pois, a impotência sexual é apontada pelos médicos como uma das conseqüências do alcoolismo. O consumo da cachaça atingiria o homem naquilo que ele tem de mais significativo, que é a capacidade de reproduzir, de provar, através de sua descendência, sua virilidade, sua identidade masculina como homem com “H” maiúsculo. Por ser construída cotidianamente, a identidade masculina, é constantemente cobrada e vigiada⁴⁹.

Além de causa de impotência sexual, o consumo da cachaça é associado à reprodução de seres física e, muitas vezes, mentalmente imperfeitos. Os médicos profetizavam que os filhos de bebedores inveterados estariam destinados a compor uma geração de retardados e alienados, seres que causavam sentimentos de ojeriza, como a experimentada por Carlos de Melo diante de Cabeção, filho de Maria Pitu.

não andava, não falava, a cabeça arriada para frente, com o peso, olhando para o mundo com uns olhos queimados de vivacidade. Desde que nascera que era assim. A mãe tratava dele como de um bicho doméstico. Dava-lhe a comida com uma colher de pau, deixando-o esquecido dentro do caixão, no terreiro. Fazia-me horror essa criatura quase desumana. [...] Ouvira dizer que o pai morrera de beber. O filho nascera assim por causa da cachaça⁵⁰

Assim são narrados os sentimentos do menino de engenho, ao defrontar-se com a situação do filho doente de uma das moradoras do engenho. A doença do menino é associada diretamente ao consumo de cachaça pelo pai, essa seria

⁴⁸ Na construção da masculinidade, assim como da feminilidade são nomeados símbolos representativos do masculino em oposição aos do feminino e vice-versa, desde o nosso nascimento somos levados a perceber as divisões do sexo, através da divisão sexuada dos espaços, das cores, dos comportamentos etc. Como já citamos anteriormente alguns estudiosos das relações de gênero discutem essa construção não natural, mas histórica, das identidades masculina e feminina.

⁴⁹ Alguns estudiosos discutem essa questão não só da construção histórica e cultural da identidade masculina, como da fragilidade dessa identidade. Ver NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. Ver também CALDAS, Dário.(org) *Homens*. São Paulo: Editora. SENAC, 1997.

⁵⁰ REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 68.

a herança que ele teria deixado para o filho, porque o álcool o tornara incapaz de gerar filhos sadios e robustos, ao contrário, gerando uma *criatura quase desumana*, o que era esperado diante das leis hereditárias como afirmavam os médicos. A questão da hereditariedade é bastante frisada, de modo que ela explicaria o nascimento de proles malditas: doentes, aleijados, epiléticos, de origem alcoólica⁵¹. Além disso, através da questão hereditária, explicava-se a passagem do hábito de beber de pais para filhos, pois, os filhos dos alcoólatras são vistos como predispostos ao alcoolismo⁵².

Nesse sentido, o consumo de bebidas alcoólicas torna-se um dos motivos de preocupação social ao ter como consequência o alcoolismo e toda a lista de possíveis males por ele causados. Na imprensa pernambucana são escritos por médicos, juristas e jornalistas na década de 1920 do século passado, uma série de artigos, nos quais são apontados os numerosos perigos desse consumo, seja ele intenso ou não. A intenção dos homens ao escrever era convencer a população de como a prevenção e a repressão ao alcoolismo eram medidas de extrema urgência diante desse flagelo social, desse fator impressionante de degenerescência.

A divulgação do alcoolismo como uma doença e a consideração das doenças como problema político e econômico⁵³, levam a que o consumo alcoólico seja avaliado como um problema de ordem pública, um dos problemas sociais responsáveis pelo alto índice de mortalidade da época, o que atestamos diante da publicação de vários artigos na imprensa pernambucana, nos quais evidencia-se a associação entre alcoolismo e morte.

O alcoolismo causaria a degenerescência dos indivíduos, podendo levá-los à morte, seja de forma direta, através da ação do álcool sobre o organismo humano, seja de forma indireta, causando danos variados ao corpo dos

⁵¹ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo, artigo assinado pelo juiz João A Corrêa Araújo. Recife. 15/07/1923- p. 06.

⁵² São muitos os artigos escritos em sua maioria por médicos que afirmam os efeitos hereditários causados, ou que poderia causar o alcoolismo aos filhos de pais alcoólatras, devido as leis de hereditariedade.

⁵³ FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 1979, p. 194.

indivíduos, como a diminuição da imunidade orgânica, deixando-os vulneráveis às doenças como a tuberculose⁵⁴. Desta forma, na luta empreendida no Recife contra essa doença, um dos principais meios profiláticos recomendados pelos médicos, é o combate ao alcoolismo, visto como uma das causas diretas e indiretas de ocorrências da mesma.

Os médicos se incumbem de indicar como e quando agir, interceder e sanar. A intervenção médica foi concreta e contínua, tendo no higienismo uma das bases de sua doutrina, criando todo um conjunto de prescrições que deveriam orientar e ordenar a vida. Regras de higiene na cidade, no trabalho, no comércio de alimentos, no domicílio, na família e nos corpos, costumes e hábitos, alimentação, cuidados com o corpo, prazeres permitidos e interditos, atividades artísticas, culturais, o trabalho, a sexualidade, tudo isso deveria seguir um parâmetro: o médico. É então nesse quadro de ação que se situa a luta antialcoólica⁵⁵.

1.3. Lutas contra o alcoolismo.

O consumo de bebidas alcoólicas, especialmente a cachaça, foi um dos costumes sobre o qual o discurso médico interveio através de práticas de controle que visavam prevenir e coibir o alcoolismo. A visibilidade construída sobre o alcoolismo, afirmando-o como uma perigosa patologia social, possibilita reivindicações de medidas urgentes para erradicar o hábito bastante difundido, sobretudo entre os homens, de consumir bebidas alcoólicas. As medidas de coibição visavam tanto ao consumo exacerbado, como ao de ingerir pequenas doses, como, por exemplo: tomar um gole antes das refeições, ou mesmo nos finais de semana.

Em vários países estavam sendo realizadas campanhas antialcoólicas, como na França, onde o governo premiava os que apresentassem trabalhos

⁵⁴ A tuberculose atingiu violentamente a população na cidade do Recife, o que levou a classe médica a uma luta ardorosa, sendo inclusive criada em 1900 a Liga Pernambucana contra a Tuberculose, a quarta fundada no território brasileiro, entre os objetivos da Liga estavam estudar essa doença buscando perceber suas principais causas e os meios de removê-las. Sobre essa questão, ver FREITAS, Octavio de. A luta anti-tuberculose em Pernambuco. *Anais do 1º Congresso Médico de Pernambuco*. Recife: Tipografia do Diário de Pernambuco, vol. 1., nº 1, p. 26, 1910.

⁵⁵ MATOS, Maria Izilda. Op. Cit. ., p. 28.

escritos com clareza em forma de história ou publicações ilustradas, expondo os perigos e as conseqüências oriundas dos danos causados pelo vício da bebida. Na Itália, em 1904, foi realizado um Congresso Antialcoólico, após o qual foram intensificadas as propagandas antialcoólicas e fundadas associações antialcoólicas. Nos Estados Unidos, foi tomada uma medida ostensiva com a implantação da Lei Seca, que decretava a proibição da produção, venda e consumo das bebidas alcoólicas.⁵⁶

As providências tomadas por outros países, tidos como povos adiantados, serviam como modelos para a implantação de medidas semelhantes no Brasil, visto que em nosso país, especialmente as principais cidades como o Rio de Janeiro, o Recife e São Paulo aspiravam por uma “modernidade civilizadora” e o alcoolismo passa a ser visto como um dos problemas emblemáticos do atraso social, assim como a tuberculose, a sífilis e o analfabetismo, entre outros. O alcoolismo era descrito como um flagelo social que atingiria os homens em distintos ângulos, desde a sua dignidade pessoal até a sua descendência, de modo que, nesse período, emergem uma série de discursos e práticas antialcoólicas por todo o Brasil.

À frente da luta contra o consumo alcoólico, estava a Liga Brasileira de Higiene Mental, que objetivava desempenhar um papel de amparo aos poderes públicos, orientando-os e sugerindo ações e medidas⁵⁷. Entre as medidas tomadas, destacamos a criação das Ligas Antialcoólicas, que se responsabilizavam por organizar a difusão de uma “consciência antialcoólica”. Para isso, eram realizados eventos, como palestras com exposição de folhetos e de cartazes com ilustrações dos males causados pelo álcool ao corpo humano. Nas escolas os professores eram orientados a difundir a educação antialcoólica. Médicos, higienistas e outros profissionais ligados à área de saúde estavam convocados a esclarecer o povo dos danos causados pela ingestão de bebidas. Semanas Antialcoólicas foram realizadas em vários Estados.

⁵⁶ Id. Ibidem., p. 30.

⁵⁷ Id. Ibidem., p. 34.

Em Pernambuco, a Semana foi realizada entre os dias 17 a 23 de outubro de 1927, pelo Departamento de Saúde e Assistência e as reuniões ocorreram em espaços como o Quartel do Derby e o Centro de Saúde de Afogados. As campanhas tinham um caráter preventivo, através dos chamados remédios psicológicos e repressivos. Medidas mais contundentes, como as prisões, os internamentos em manicômios, entre outras, constituem estratégias de exclusão social de indivíduos que vão sendo vistos como problema, problema que a cidade em seu processo de desenvolvimento e progresso não tinha como resolver. A afirmação dos profissionais da medicina de que o álcool causava degenerescência de vários órgãos torna possível a visão do alcoólatra como um ente pernicioso, incapaz de viver na família e na sociedade⁵⁸, também incapaz de constituir uma família sadia e produtiva. Diante dessa questão e das influências do pensamento eugenista, entre as proposições de repressão ao alcoolismo, os médicos chegam a defender a cassação do direito de casamento aos alcoólatras⁵⁹.

Assim, o reconhecimento do alcoolismo como uma periculosidade social é também o reconhecimento dos alcoólatras como indivíduos perniciosos à sociedade sendo enganosos e perigosos os efeitos da cachaça, urgente era esclarecer a população de quão temerários poderiam ser seus consumidores, visto que a cachaça ameaçava-lhes a saúde física, mental e a moral, de tal forma que tanto poderiam adoecer, quanto ter atitudes violentas, cometendo crimes sem explicação aparente.

Nessa perspectiva, tanto homens como mulheres alcoolizados estariam mais propensos a ofender a moral, a praticar atos jamais praticados em estado sóbrio. Os bêbados seriam indivíduos propensos ao mal, com desejos de destruir, de insultar a quem quer que fosse, pouco civilizados e higiênicos. O indivíduo

⁵⁸ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo – flagelo social, artigo assinado pelo médico José de Barros. Recife. 21/10/1927- p. 01.

⁵⁹ O médico Waldemar de Oliveira, escreveu em 1928, uma tese de concurso, intitulada “ O Exame Médico Pré-Nupcial”, na qual defende a importância da realização de exames pré-nupciais antes da realização dos casamentos como medida lógica a ser adotada como forma de evitar o contágio ou a herança conjugal adiando ou impedindo o casamento dos indivíduos infectados ou intoxicados. Ver OLIVEIRA, Waldemar. O exame pré-nupcial. 1928. Tese (Trabalho apresentado para seleção de Concurso) – Faculdade de Medicina de Recife, Recife, 1928.

embriagado tornou-se um dos símbolos de atraso e pouca civilização, contra os quais lutavam as elites locais em um momento em que essas ansiavam por respirar os ventos modernos vindos das metrópoles européias, ânsia que seria refletida na cidade que foi ornamentada com alguns dos símbolos daquilo que se entendia por moderno.

Estavam assim legitimadas as medidas que buscavam afastar os alcoólatras do convívio social. Uma dessas medidas eram as prisões, que funcionavam como um dos corretivos contra aqueles que se entregavam ao vício da embriaguez. Entretanto, essa não era vista como eficiente no combate ao alcoolismo, como fica explícito nesse trecho de artigo.

As penalidades de curta duração, em prisão comum, impostas aos que se deixam vencer pela embriaguez, não dá o resultado que se deseja. Reclusos, hoje por 15 ou 30 dias, voltarão depois ao vício, naturalmente, desde que nenhum serviço de assistência lhes foi prestado. O alcoolismo só poderia ser combatido com eficiência se penalidades mais rigorosas recaíssem sobre os vendedores das bebidas alcoólicas e aos viciados fosse imposta a reclusão num sanatório, onde cumprisse pena, sob um rigoroso serviço de assistência que o viesse curar do perigoso vício⁶⁰

Uma das formas de repressão ao alcoolismo, a prisão de bêbados, é noticiada pela imprensa pernambucana, enfatizando o consumo da cachaça como motivo para a aparição de muitos homens nas colunas dos jornais, homens quase anônimos, que têm aparições nesse espaço, não para serem elogiadas pela realização de grandes feitos, mas, ao contrário, para serem repreendidos, para servirem como exemplo de como não deve se portar aquele que não pretende acabar dormindo atrás das grades. Prisão “por embriaguez”, é sinônimo de “desordem”, “ofensas à moral”, tornando os consumidores de cachaça alvo e objeto do poder.

Porém, ainda assim, as prisões não produziam os efeitos desejados, surgindo então, propostas de um controle mais rigoroso, que penalizasse os vendedores de bebidas e que levasse os viciados a uma reclusão mais demorada, com um acompanhamento profissional comprometido com a cura do doente. Para

⁶⁰ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo. Recife. 21/11/1926- p. 01.

isso é sugerida a criação de lugares especiais – asilos, sanatórios – para os quais deveriam ser levados os homens alcoolizados.

Os asilos, explica o juiz João Araújo Côrrea, em resumo de uma memória publicada no *Diário de Pernambuco*, seguiriam os preceitos de higiene tão solicitados, no período, como forma de retratar o desenvolvimento da província pernambucana. Seriam edifícios de arquitetura moderna, diferente dos manicômios onde os doentes ficavam entre o gradil de ferro e as paredes de uma “célula”, nesses espaços os doentes receberiam tratamentos físico e moral.

A cura faz-se por conselhos próprios e exemplos edificantes do pessoal do estabelecimento onde é vigor a abstinência completa de álcool, e leituras apropriadas, ministradas em bibliotecas especiais, contendo história, monografias e publicações ilustradas acerca dos danos que o alcoolismo produz⁶¹

A idealização dos asilos estaria, portanto, imbuída da idéia de que não bastava punir fisicamente, era preciso inculcar nos indivíduos valores sociais e morais, segundo a visão dos grupos dominantes. Como o discute Michel Foucault, há uma mudança nos modos de punição modernos, de sorte que não basta punir, é necessário vigiar⁶², garantir a não incidência e evitar a reincidência.

Mais do que um problema individual, que poderia ser resolvido com uma prisão temporária, a embriaguez passa a ser vista como um problema coletivo, social, moral e higiênico. Assim era necessário convencer os homens, que buscavam na bebida o esquecimento dos problemas, um divertimento, meio de gozar melhor a vida, de que ao invés disso, nela encontrariam, sim, mais problemas. Decorre daí a utilização de exemplos de homens que tiveram como consequência do vício de beber cachaça, um trágico fim, em um desses lugares: cadeia, hospital, hospício e/ou cemitério.

No entanto, apesar de todo o empenho da classe médica em coibir o alcoolismo, percebemos nos discursos antialcoólicos muitas contradições, pois,

⁶¹ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo, artigo assinado pelo juiz João A Corrêa de Araújo. Recife. 15/07/1923- p. 06.

⁶² Sobre as mudanças nas estratégias de punição na sociedade moderna, ver FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. 13ª ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

por um lado, médicos e outros representantes da sociedade dirigente escreviam relatórios, artigos e crônicas em jornais e revistas, pronunciavam palestras e conferências antialcoólicas, contudo, a preocupação não se dava com um alcoolismo qualquer, mas com o conseqüente do consumo da cachaça, definido como causador de uma embriaguez triste, enquanto que o vinho, por exemplo, causaria uma embriaguez alegre, o médico, José de Barros faz referência a essa questão.

Inúmeras circunstâncias fazem modificar o quadro de embriaguez: idade, hábitos de beber, hereditariedade, condições patológicas, etc. Conforme a natureza da bebida ingerida. Lancereaux distinguia a embriaguez alegre pelo vinho: triste e perigosa pela aguardente, epileptiforme, delirante, furiosa pelo absinto⁶³

Não obstante o alcoolismo ser denunciado como uma questão médica, uma patologia social, a documentação por nós pesquisada mostra que, ao serem analisados os efeitos produzidos pelo álcool, como a embriaguez, essa é definida de formas distintas, não utilizando os critérios médicos e científicos tão pregados, porém outros, com destaque para a questão das classes sociais. O lugar social de origem do bebedor era o fator fundamental para a análise de sua embriaguez. Deste modo desqualificava-se a embriaguez causada pela cachaça, a embriaguez do homem pobre, já que a cachaça era mais consumida pelos pobres, entre outros motivos, por ser uma bebida mais barata, sendo facilmente comercializada e consumida em doses, nas tabernas, botequins e quiosques.

Logo, a preocupação expressada pelos discursos antialcoólicos se direcionava a uma bebida, especificamente, à aguardente de cana, ou como é conhecida popularmente, a cachaça. Exemplo do que fica explícito na imprensa local, é a matéria do jornalista pernambucano Aníbal Fernandes, em coluna intitulada *De uns e de outros*, ao falar da importância das campanhas antialcoólicas, da necessidade senão de extirpar o terrível vício, ao menos coibi-lo, visto que todos sabiam o quanto a cachaça havia se instalado nos hábitos do

⁶³ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo – flagelo social, artigo assinado pelo médico José de Barros. Recife. 21/10/1927- p. 01.

povo. Assim, é patente que a intensificação das preocupações relativas ao consumo das bebidas alcoólicas ocorreu, ao serem relacionadas ao alcoolismo e às condições sociais de ociosidade e pobreza.

1.4. Trabalho, Ociosidade e Alcoolismo.

A prática de beber cachaça é representada pelos discursos antialcoólicos como uma das práticas associadas à desordem, ao crime, à vadiagem e a boêmia, que, por sua vez, estariam vinculadas à pobreza e à ociosidade. Sidney Chalhoub, em *Trabalho lar e botequim*, ao discutir o projeto de repressão à ociosidade, de 1888, elaborado pelo ministro Ferreira Viana, afirma:

Os legisladores brasileiros utilizam o termo 'classes perigosas' como sinônimo de 'classes pobres', e isto significa dizer que o fato de ser pobre torna o indivíduo automaticamente perigoso à sociedade. Os pobres apresentam maior tendência à ociosidade, são cheios de vícios, menos moralizados e podem facilmente 'rolar até o abismo do crime'⁶⁴

Os indivíduos pobres estavam na mira da sociedade. A pobreza, por si só, era uma condição que colocava os indivíduos sob suspeita, os pobres eram, como diz Chalhoub, vistos e ditos pelos grupos dominantes como mais tendenciosos à ociosidade, cheios de vícios e menos moralizados.

Há na cidade homens e crianças sem profissão certa e sem residência, e toda a gente sabe que a miséria e o vício geram-se um ao outro [...] É no meio destes que o alcoolismo se espalha vitoriosamente contaminando o lar miserável, sem conforto e sem higiene, atingindo como um polvo hediondo a mulher e os filhos⁶⁵.

A partir dessa fala e de outras, publicadas no *Diário de Pernambuco*, podemos perceber a relação explícita entre ociosidade e alcoolismo. Afirma-se categoricamente que a *miséria e o vício geram-se um ao outro*, logo, os homens que vivessem na miséria, na pobreza, consequência do não trabalho, estariam fadados ao alcoolismo, dito como condição dos homens pobres, miseráveis e

⁶⁴ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 78.

⁶⁵ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. De uns e de outros, coluna assinada pelo jornalista Aníbal Fernandes. Recife. 11/01/1921 – p. 03.

vagabundos, que viviam perambulando, cambaleando pela cidade, burlando os princípios morais e higiênicos. Há então uma valorização do trabalho e uma ênfase na repressão a tudo aquilo que fosse visto como uma ameaça a seu pleno desenvolvimento. O álcool é vorazmente apontado como uma das principais ameaças ao trabalho. No primeiro Congresso Médico Pernambucano, realizado em 1908, o médico Augusto Lins e Silva apresenta trabalho sob o título, *Alcoolismo e trabalho*⁶⁶, no qual apontava para a necessidade de descobrir-se as funestas conseqüências do álcool como desvalorizador do trabalho.

O trabalho vai sendo construído como um importante atributo da masculinidade. O modelo ideal de identidade masculina seria o do homem trabalhador, em oposição aos homens sem ocupação estável, que vão sendo definidos como ociosos, vadios. O trabalho é tido como uma característica fundamental do indivíduo de boa conduta, bons costumes e moral irrepreensível.

A condição de estar ou não trabalhando, funcionava, então, como um termômetro avaliador da conduta masculina. O emprego e a ausência dele diria muito de um homem, o que não tinha emprego seria descrito como preguiçoso, vadio, sendo assim *considerada toda pessoa, que não possuindo bens que justificasse o meio pelo qual vivia, não tivesse ocupação certa e honesta*⁶⁷, essa condição possibilitaria que o indivíduo fosse dito e visto como propenso aos vícios e maus costumes, atraindo olhares desconfiados da sociedade. Para aquele que trabalhava o olhar era diferente, esse apesar de sua condição de homem pobre, tinha no trabalho uma espécie de passaporte para um outro mundo - assim ao menos os grupos dominantes faziam parecer- elevando-se acima das classes tidas como perigosas. Portanto, vai sendo construída a concepção, fundamentada na moral burguesa, segundo a qual o homem precisava mostrar-se útil e digno da sua sociedade. Em especial no que diz respeito aos homens pobres, o trabalho

⁶⁶ SILVA, Augusto Lins e. Alcoolismo e trabalho. *Anais do 1º Congresso Médico de Pernambuco*. Recife: Tipografia do Diário de Pernambuco, vol 1., nº 1, p.345-356, 1910.

⁶⁷ MAIA, Clarissa Nunes. *Policiaidos: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife, 1865-1915*. 2001. (Doutorado em História – Universidade Federal de Pernambuco). Recife.

vai sendo apontado como uma forma de denotar sua utilidade, portanto, de conquistar sua cidadania, de adquirir respeito e espaço na sociedade.

O trabalho manteria o homem ocupado afastando-o de maus pensamentos e más companhias, funcionando como um controle populacional, pois, do homem que trabalha, sabe-se dizer onde está, qual sua rotina. Daí a afirmação de que o trabalho dignifica o homem, pois possibilita sua representação na sociedade como um homem de qualidades e sentimentos elevados, distanciando daqueles descritos como “classes perigosas”.

Trabalhar era um dos comportamentos esperados e cobrados do homem na constituição da sua identidade masculina, *o trabalho é uma benção*⁶⁸, através dele, o homem conquistaria sua autonomia, independência e cumpriria adequadamente a função de provedor⁶⁹, pois trabalhando poderia constituir família, dispondo dos meios necessários para mantê-la, teria, a partir desse comportamento, uma boa imagem perante a sociedade. O trabalho, assim como a família, traria para o homem a importância da responsabilidade e da disciplina. Bem visto era o trabalhador que vivia para sua família e seu trabalho, que respeitava as leis morais e higiênicas, evitando os excessos, como os jogos e as bebidas alcoólicas. Era essa a mensagem por eles recebida em palestras, como as realizadas durante a Semana Antialcoólica.

As conferências de propaganda sanitária sobre doenças venéreas e alcoolismo tinham uma certa regularidade e eram direcionadas para operários. A entrada era franqueada somente a homens. Realizadas em cinemas, estas conferências eram sempre proferidas por médicos de prestígio e ilustradas por várias projeções cinematográficas, e tinham títulos bastante sugestivos como o ‘bom e o mau operário’. Estas palestras despertavam o interesse do público masculino, que compareciam em quantidade, surpreendendo até os organizadores⁷⁰

Nessas palestras, que tinham como meta combater o alcoolismo, o público

⁶⁸ AEP. *Jornal do Commercio*. A fobia do trabalho. Recife. 25/05/1927- p. 04.

⁶⁹ NOLASCO, Sócrates. Op., Cit. p. 51.

⁷⁰ LOPES, Maria Aparecida. Op. Cit., p. 59.

alvo era o masculino, as conferências tinham entrada franqueada somente para homens, logo, era proibida a presença feminina, mesmo que as mulheres, ou pelo menos algumas, também consumissem bebidas. Dessa forma o público alvo das conferências era, portanto, um determinado grupo social, os operários – categoria em ascensão na sociedade burguesa - ou seja, os trabalhadores, homens que, com o fim da sociedade escravista, ocupavam o espaço de responsáveis pela produtividade da sociedade. São eles o alvo das campanhas contra o alcoolismo, o que nos dá uma dimensão de quanto essas campanhas estavam atreladas a outros projetos, cuja intenção era a de controlar a população, utilizar seus corpos como textos, nos quais deveriam ser inscritas⁷¹ concepções éticas, sociais e morais na busca de garantir uma determinada ordem social, uma disciplina dos homens. Como bem o coloca Michel Foucault em seu livro *Vigiar e Punir*: o nascimento da prisão⁷², buscava-se a produção de cidadãos dóceis politicamente e úteis economicamente. O ideal de cidadão, de identidade masculina em construção, teria como características principais, ser bom pai, esposo e trabalhador, em oposição ao desordeiro, ao vagabundo, ou ao boêmio.

A ingestão ou não ingestão de bebidas alcoólicas, vai então sendo usada como parâmetro definidor de comportamentos, como o “bom e o mau operário”, de modo que o hábito de tomar uma “branquinha” era visto como um desvio, um romper com as normas sociais. Significa dizer que o consumo das bebidas é caracterizado como uma ameaça à constituição do indivíduo de boa conduta, uma ameaça não apenas à saúde do corpo, mas também à ordem social. Portanto, para adaptar-se aos padrões de comportamento de um bom operário, fazia-se necessário que esse se desvencilhasse de alguns hábitos que, segundo o discurso médico, poderiam atrapalhar a realização das suas atividades, tornando-os improdutivos. Nesse sentido, através da propaganda e educação sanitárias, médicos, higienistas e sanitaristas visavam inculcar na população conceitos e

⁷¹ Sobre o uso dos corpos como textos, nos quais são inscritos os textos das leis. Ver CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de fazer- Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rj: Vozes, 1994, p. 230-233.

⁷² FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 1987, p. 127.

normas de comportamento adequadas ao cidadão, ao operário ordeiro e produtivo, como o não consumo de bebidas, mesmo que em pequenas quantidades.

O combate ao álcool associa-se à questão do trabalho. Do homem que bebe espera-se comportamentos irresponsáveis, a cachaça lhe roubaria as energias, o senso de responsabilidade, impedindo-o de trabalhar. Na imprensa são divulgados exemplos de homens que perdiam não só o trabalho, como as representações sociais a ele associadas, como o respeito e a dignidade.

Ao Dr. Júlio Machado, delegado de polícia do 3º distrito da capital o major João Faustino subdelegado do Pombal remeteu o seguinte ofício.

Peço a v.exc. para providenciar no sentido de ser substituído desta subdelegacia o soldado de nome Lourenço Paulo da Paixão, conhecido por 'Marreta' aqui destacado uma vez que a referida praça vive constantemente embriagada prejudicando o serviço público. Embriagado não dá conta do serviço⁷³.

Muitos homens perdiam o trabalho devido à cachaça. O homem embriagado não "daria conta do serviço", tornando-se incapaz de produzir, logo, de manter a família. Seria um pai de família que não cumpre com sua função de chefe e provedor, que, ao alcoolizar-se, perderia aquilo que o fazia considerado e respeitado socialmente, que era a família e o trabalho, tornando-se incapacitado, improdutivo e indisciplinado. Vinculado ao trabalho, o homem estaria afastado do ócio, mais que isso, estaria debaixo de ordem, tendo sua vida controlada e vigiada.

Celebra-se hoje em todo o mundo civilizado o dia do Trabalho como justa homenagem ao operariado, em reconhecimento à sua valiosa participação no desenvolvimento econômico dos povos [...] Saudando o proletariado universal na data de hoje, fazemos votos sinceros para que a suas reivindicações se processem sempre dentro da ordem, esse terreno de boa vontade recíproca em que se tornam os entendimentos sempre possíveis [...]⁷⁴.

⁷³ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Embriagado não dá conta do serviço. Recife. 04/02/1921-p. 08.

⁷⁴ AEP. *Diário de Pernambuco*. O dia do trabalho. Recife. 01/05/1931- p. 03.

Como forma de manter as reivindicações dos proletários dentro da ordem, em um terreno de boa vontade, propício aos entendimentos, é também anunciada a proibição de venda de bebidas nesse dia. *A Delegacia Geral da Polícia, no intuito de melhor garantir a ordem no dia 1º de Maio, resolveu proibir a venda de bebidas alcoólicas das 18 horas de ontem às 6 horas de amanhã. O Dia do Trabalho*⁷⁵.

Com o intuito de garantir à cidade do Recife os ares de cidade moderna, é comemorado, como em todo o mundo civilizado, o Dia do Trabalho. Entretanto, a vigilância sobre os operários é enorme, sendo-lhes proibido o consumo da cachaça, isso como forma de evitar que esses fizessem suas reivindicações fora do que era considerado como terreno de boa vontade aos entendimentos. A tão decantada influência da cachaça sobre os homens, transformando sujeitos dóceis, em figuras insolentes⁷⁶, a emergência da cachaça como problema social não se deu apenas por ela significar um problema médico, mas também, por possibilitar o surgimento de dificuldades para a organização das relações de trabalho e manutenção da ordem pública, uma questão de polícia, pois que Recife ainda vivia os impactos dos movimentos trabalhistas ocorridas em 1917, 1919 e 1920. Foram reivindicados direitos para os trabalhadores, como a obrigação dos patrões com acidentes de trabalho, jornada de 8 horas e a diminuição dos preços dos gêneros de primeira necessidade, oportunidade em que a repressão policial foi usada para coibir os trabalhadores.

A proibição das bebidas – entenda-se aqui, da cachaça - funciona como estratégia de garantia da manutenção da ordem social que a burguesia em ascensão buscava implantar. Ordem segundo a qual não cabia ao proletariado reivindicar seus direitos. Proibir o consumo das bebidas seria coibir essas

⁷⁵ AEP. *Diário de Pernambuco*. O dia do trabalho. Recife. 01/05/1931- p. 03.

⁷⁶ Sobre as transformações decorrentes do uso da cachaça, discutimos no texto "Toma-se um gole, constrói-se uma identidade", a transformação ocorrida com Joaquim Soares da Cunha, um pacato cidadão, personagem da obra "A morte e a morte de Quincas Berro D'água" - de Jorge Amado – que, através de alguns goles de cachaça, torna-se uma figura vista pela sociedade como insolente, vagabundo e boêmio, um indivíduo que trocou a família e os amigos virtuosos, pela vida na rua, de bar em bar. Ver ROSA, Ana Lúcia Gonçalves Rosa. Toma-se um gole, constrói-se uma identidade. In: V Encontro de Iniciação Científica da UFPB. 1997. João Pessoa.

possíveis “desordens”. Afirmações do tipo “álcool é sinal de desordem”⁷⁷ legitimavam essa medida tomada por uma sociedade que dependia da força de trabalho de homens pobres, mas que ao mesmo tempo se assustava diante das potencialidades de organização e rebeldia desses, com a possibilidade de que as manifestações populares tomassem o rumo das reivindicações trabalhistas seguindo o modelo dos movimentos europeus. Por isso, era bastante comum, desde final do século XIX, a atuação de policiais na busca de impedir as greves e movimentos dos operários, denominados de arruaceiros e desordeiros. Por conta disso, a transição para o trabalho livre, seria acompanhada de formas de controle sobre os trabalhadores que ainda tinham na violência um de seus principais recursos.

⁷⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Álcool é Sinal de Desordem. Recife. 10/02/1921 – p. 02.

CAPÍTULO II

ALCOOLISMO E POBREZA

Capítulo II - Alcoolismo e Pobreza

2.1. De remédio a Veneno

A cachaça é fabricada e consumida no Brasil desde o período colonial. Segundo Câmara Cascudo, bem antes de ser nomeada como “cachaça”, a bebida já era produzida:

A bebida existia, apetecida e vulgar. Pyrard de Laval, em 1610, estivera na cidade do Salvador registrando: - ‘Faz-se vinho com o suco da cana, que é barato, mas só para os escravos e filhos da terra’. O nome é que o francês esqueceu de registrar, [Mais adiante, Cascudo acrescenta:] Não sei quando o nome cachaça se aplicou a aguardente da terra, destilada nos engenhos do Brasil. Nem quando esta começou a fabricar-se⁷⁸.

Dessa forma, o folclorista deixa claro que a cachaça, subproduto da cana de açúcar, era denominada de aguardente da terra, em oposição à aguardente do reino, a “bagaceira”, vinda de Portugal, obtida com as borras, resíduos da pisa de uvas. Entretanto, não se sabe exatamente de onde teria vindo a denominação de “cachaça”. Cascudo, assim como um outro folclorista, José Calasans, arrisca que a denominação parece ter vindo da Espanha, via Portugal. Cachaça do castelhano *cachaza*, significando vinho de borra⁷⁹.

A cachaça era produzida em quantidade pequena nos períodos colonial e imperial. Na maior parte dos engenhos ocupava um segundo plano, pois, a produção principal era a do açúcar. Segundo Cascudo, o tráfico de escravos possibilitou a valorização da bebida, de modo que, nas últimas décadas do século XVII, com a aceleração do comércio de escravos, verifica-se a ascensão na venda da “aguardente da terra”.

Aguardente da terra, a futura cachaça, era indispensável para a compra do negro africano e ao lado do tabaco em rolo, uma verdadeira moeda de extensa circulação. Além de ser jubilosamente recebida pelo

⁷⁸CASCUDO, Luis da Câmara. *Prelúdio da Cachaça*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986, p. 15, 23.

⁷⁹CALASANS, José. *Cachaça, moça branca: um estudo de folclore*. Bahia: Publicações do Museu do Estado, 1951, p. 35.

vendedor na Costa d'África, figurava necessariamente como alimento complementar na trágica dieta das travessias do Atlântico. O escravo devia, forçosamente, ingerir, todos os dias, doses de aguardente, para esquecer, aturdir-se, resistir. Soldados e marinheiros através do oceano sorviam álcool. Era um preventivo.⁸⁰

O uso da cachaça como escambo na troca de escravos garantiu, portanto, a produção artesanal dessa bebida. Segundo nos conta Cascudo, no século XVII houve grande produção da bebida, “onde mói um engenho, destila um alambique” e alguns engenhos chegaram inclusive a dispensar o açúcar. *Aguardente sustenta casa e família*⁸¹. Como cita o folclorista, era comum utilizá-la como um alimento para o corpo e um preventivo capaz de fazer esquecer as dificuldades e resistir aos sofrimentos.

Além de Cascudo, outro estudioso da cachaça, Mário Souto Maior comenta o quanto era freqüente o costume da distribuição de cachaça para os escravos como primeira alimentação do dia⁸². Porém, mais do que alimentação, Mário Souto afirma que os escravos foram os primeiros a usar a cachaça como cataplasma para seus males não somente do corpo, mas também do espírito, para agüentar as horas intermináveis de serviço e o banzo produzido pela distância dos parentes dos quais foram brutalmente separados⁸³. Daí, as afirmações segundo as quais a cachaça cura todas as doenças, tanto do corpo, como da alma.

O historiador Jaime Pinsky, analisa que o hábito da distribuição da bebida funcionava duplamente, como forma de o escravo tentar esquecer sua sorte e como forma do senhor ver o escravo prostrado fora do horário de serviço, de forma a não lhe criar maiores problemas. O que não podia era embebedar-se a ponto de atrapalhar a produção, a carpa, o plantio ou a colheita⁸⁴. Nesse sentido, a distribuição da bebida era realizada de forma dosada e estratégica, posto que se buscava uma quantidade capaz de evitar possíveis revoltas, de entorpecer e não

⁸⁰ CASCUDO, Luis da Câmara. Op. Cit., p. 24.

⁸¹ Id. Ibidem., p. 25.

⁸² MAIOR, Mário Souto. *Cachaça*. Recife: Divulgação do Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970, p. 37.

⁸³ MAIOR, Mário Souto. *Dicionário Folclórico da Cachaça*. 3. Ed. Recife: Massangana, 1985, p.16.

⁸⁴ PINSKY, Jaime. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 49.

inflamar os ânimos, dessa maneira ocorria um consumo que atendia aos interesses dos grupos dominantes.

A utilização da cachaça como remédio era bastante comum. A cachaça constituía um dos remédios que compunha a farmacopéia da época, seu uso era necessário e aconselhado. No cancionero popular, existem muitas referências a esse uso:

A cachaça com limão
na medicina caseira
corta logo resfriado
acaba com a canseira
tira a moleza do corpo
cura inchação e papeira⁸⁵.

A cachaça e seus usos terapêuticos na medicina caseira, ainda nos dias atuais, estão ligadas portanto, à historicidade dessa bebida. A ela eram atribuídas muitas virtudes, que atualmente são lembradas no cancionero popular e em expressões, como por exemplo, “matar o bicho”, conceito utilizado no Brasil colonial e imperial, pela crença de que, ao ser ingerida pela manhã, em jejum, uma determinada quantidade de cachaça, essa teria a ação de matar os vermes intestinais⁸⁶. Em nossos dias, essa expressão ainda perdura, mas com outra conotação, tornando-se sinônimo para o ato de ingerir bebida.

Apesar de, posteriormente, o uso da cachaça ser apontado, especialmente pelo discurso médico, como constituindo um veneno causador de inúmeros males, em outros momentos históricos o uso dessa bebida foi visto como remédio, sendo-lhe atribuídos inúmeros benefícios. Interessa-nos, então, discutir como e o que tornou possível esse deslocamento da cachaça “de remédio a veneno” e quais seus significados no cotidiano da população.

Na literatura existente a cerca da cachaça, muitas são as referências no

⁸⁵ SANTOS, Apolônio Alves dos. Discussão do cachaceiro e o crente. In ALVES, Barros. *Cachaça, Cordel e Cantador: A cachaça na poesia popular – Uma apologia*. Maracanaú: Natacha, 1991, p.13.

⁸⁶ ALMEIDA, Júnior. Sobre o aguardentismo colonial. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, vol 6., nº 72, p. 159, nov/dez 1940.

que diz respeito ao uso dos poderes terapêuticos dessa bebida. O folclorista Mário Souto Maior faz referências a Luís Gomes Ferreira, um médico português que clinicou no Brasil nos anos de 1707-1710 e que depois editou em Lisboa um prontuário, em que, em mais de 600 páginas, relata o uso de remédios que possibilitaram curas milagrosas. Entre eles, está a cachaça ou aguardente da terra, sendo citada em várias receitas, como a seguinte:

Flor de macela, 12 cabeçinhas, água fervendo, 8 colheres de sopa infunda, coe e ajunte: aguardente de 16º, 1 colher de sopa, azeite doce, idem. Tomar tudo de uma só vez por ocasião do calafrio ou princípio da sezão. Resguardo de 8 dias e repetir a dose⁸⁷.

Nos períodos colonial e imperial, o saber médico ainda não tinha sido instituído enquanto saber científico, como ocorre nos dias atuais. Portanto, é preciso deixar bem claro que, quando nos referimos à presença e atuação dos médicos naqueles períodos, estamos considerando o contexto em que esses se localizavam, logo os percebemos de forma bem distinta da dos dias atuais.

Até o século XIX, a figura social do médico era relativamente desprestigiada, o que denominamos hoje em dia médico não encontrava correspondência em nenhum outro grupo profissional da colônia. A função de curar, era dividida em uma infinidade de categorias: 'Os profissionais que praticaram a medicina no Brasil, nos três primeiros séculos até princípios do século XIX, denominaram-se 'físicos' ou 'licenciados', 'cirurgiões-barbeiros', ou 'cirurgiões-aprovados', ou 'cirurgiões-examinados'.

Os cirurgiões-barbeiros também se submetiam a exame para os atos de sangria, aplicação de ventosas e arrancamento de dentes, distribuía-se por povoados, freguesias, vilas e cidades. Sem qualquer instrução, de baixa condição social, entre os barbeiros encontravam-se negros escravos e mulatos libertos⁸⁸, como retratados por Jean-Baptiste Drebet, em sua obra "O cirurgião negro", na qual retrata práticas médicas populares nas ruas do Rio de Janeiro⁸⁹.

⁸⁷ MAIOR, Mário Souto. Op. Cit., 1970, p. 106-107.

⁸⁸ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 75.

⁸⁹ CAMPOS, Raymundo Carlos Bandeira. *Debret: cenas de uma sociedade escravista*. São Paulo: Atual, 2001, p. 37.

No Brasil, até a chegada de D. João, não havia escolas de Medicina. A assistência à população fazia-se através da medicina popular e a prática curativa era a mesma: sangria, purgativos, infusões com plantas, dietas etc⁹⁰. Nesse contexto social, entre os remédios utilizados e indicados por esses “médicos”, a cachaça ou aguardente da terra era bastante utilizada como remédio para algumas doenças, sendo, então, comum que os viajantes a carregassem em suas bagagens de medicamentos. Associada à pimenta-malagueta e ao gengibre, a aguardente era utilizada em casos de mordeduras de cobras, George Gardner, em viagem pela província de Pernambuco no ano de 1837, descreve como método de cura de picada de cobras venenosas, fazer o paciente beber uma dose de aguardente para embriagá-lo de todo⁹¹.

Em andanças pelo nordeste, Henry Koster observou que se bebia cachaça para não constipar, quando se viajava debaixo de chuva. Em 1841, o médico polonês Luís Napoleão Chernoviz, que havia chegado ao Brasil no ano anterior, publicou a primeira edição do seu célebre *Formulário e Guia Médico*, em que também se encontram alguns remédios populares, em cuja fórmula aparece a aguardente, como na indicação do tratamento da hidropisia ou barriga d’água. O Dr. Chernoviz refere-se também ao *uso popular de fazer tomar aguardente às mulheres afetadas de hemorragia uterina depois do parto*, e ao uso da aguardente em *fricções, lavatórios, como excitante e resolutivo, e para curar as feridas, recentes e antigas*. Indica também a aguardente como um dos ingredientes no tratamento *do cólera e nas febres graves*, para os quais deveria ser feito um ponche com a receita seguinte: *Infusão de Chá da Índia 100 gramas, aguardente de cana 100 gramas, sumo de limão 30 gramas e açúcar 60 gramas*⁹².

⁹⁰ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 74.

⁹¹ SOUZA, Laura de Mello e. *Formas Provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações*. In *História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 54.

⁹² MAIOR, Mário Souto. Op. Cit., 1970, p.109.

Entretanto, a partir do século XIX, quando a medicina começa a ser instituída como saber científico, ela passa a lutar tenazmente buscando monopolizar o saber e condensar na figura do médico o direito de assistir doentes, fazendo, assim, um esforço para livrar-se do passado. Esforço que se expressa em combater os curandeiros, as parteiras⁹³, ou seja, em afastar-se da sua antiga versão popular. Diante desse contexto social, o desenvolvimento da medicina enquanto saber científico esteve atrelado às possibilidades de controle populacional, conforme foi abordado no capítulo anterior. O saber médico se constituía de plenos poderes, que garantirão a criação de normas e regras de comportamento, que irão se contrapor a muitos dos comportamentos e costumes antigos. Com o intuito de difundir na consciência popular a importância desses novos comportamentos, os médicos terão uma intervenção direta na vida da população. Em sua constituição de saber científico, o discurso médico irá se opor às práticas curativas da medicina popular, entre elas, o uso da cachaça e a crença em seus poderes terapêuticos.

De remédio, durante o Brasil Colônia e Império, a cachaça será tida, posteriormente, pelo discurso médico, como um veneno, um perigo para a saúde, um dos males responsáveis pelo atraso social e moral da população. Nesse sentido, essa bebida será associada a doença, porém, não mais como meio de cura e sim de sua proliferação.

Entretanto, isso não quer dizer que a medicina científica tenha destruído totalmente as crenças difundidas pela medicina popular. Sabemos que até os dias atuais podemos encontrar nas crenças e métodos de curas populares resquícios dessa medicina.

com todo o seu ortodoxismo, com os seus românticos chás, garrafadas misteriosas e outras mezinhas receitadas pelos curandeiros e raizeiros, ainda continua sobrevivendo em plena era do átomo, dos computadores e dos transplantes de coração⁹⁴.

⁹³ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit., 1999, p. 76.

⁹⁴ MAIOR, Mário Souto. Op. Cit., 1970, p.105.

É necessário deixar claro que a disputa entre a medicina popular e a medicina científica foi uma das condições históricas que possibilitaram o deslocamento da percepção da cachaça de remédio a veneno. Contudo, a sobrevivência de algumas práticas da medicina popular e a reformulação de outras possibilitaram a produção e reprodução do imaginário social que continua a associar o uso da cachaça às práticas de cura.

Da aguardente eu não falo
em dizer não me acanho
pois ela é indispensável
até na hora do banho
um pouco dela compensa
evita qualquer doença
nem resfriado eu apanho⁹⁵.

Na literatura de cordel - *assim designada pelo fato de serem os folhetos presos por um pequeno cordel em exposição nas casas onde eram vendidos*⁹⁶ - fonte histórico-cultural, encontramos muitas referências ao uso da cachaça como remédio. O versejar dessa temática pelos cordelistas constituiu um dos motivos para nossa opção em trabalhar com alguns dos muitos folhetos encontrados abordando a temática da cachaça, como uma das fontes desta pesquisa.

A análise da literatura de cordel traz algumas dificuldades para o pesquisador e estudioso dessa fonte. Os principais problemas por nós encontrados estão relacionados à questão da autoria e datação dos folhetos. O trabalho com o cordel tem como característica o fato de nem sempre ser possível, saber-se ao certo sua autoria, essa é uma dificuldade bastante conhecida entre os estudiosos dessa fonte histórica. Isso ocorre devido ao fato de ser comum a compra e venda, ou mesmo doação da autoria dos cordéis a terceiros, que, por sua vez, os publicam ou publicavam sem fazer referências aos autores, por vezes declarando-se editores proprietários⁹⁷, o que impossibilita afirmar-se com

⁹⁵ SANTOS, Apolônio Alves dos. *O ABC da cachaça*. s/d.

⁹⁶ LIMA, Marinalva Vilar de. *Narradores do Padre Cícero: Do auditório à bancada*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997, p.15.

⁹⁷ Id. *Ibidem*, p. 43.

segurança a autoria dos folhetos. Além disso, uma outra dificuldade encontrada no trabalho com a literatura de cordel ocorre no que diz respeito à datação dos folhetos, pois, na maioria das vezes, essa não era uma prática comum entre cordelistas.

Tratando-se da utilização da cachaça como remédio, encontramos algumas referências à manutenção desse uso, entretanto, em muitas dessas referências, como no trecho citado do folheto intitulado *ABC da Cachaça* fica perceptível que a referência ao uso da cachaça como remédio ocorre no sentido de justificar não mais o uso da bebida como um dos ingredientes para a formulação de um remédio, mas sim, como ela própria constituindo o remédio, para um consumo dito indispensável.

Então, independente de uma crença nos poderes curativos da cachaça, posto que não faz parte dos nossos objetivos discutir essa questão, podemos perceber que a manutenção da relação cachaça e remédio foi uma das condições possíveis para a construção de uma tradição de beber cachaça. Deste modo que, a partir das referências ao uso da cachaça como um dos ingredientes para remédios fabricados pela medicina popular, foram feitas reelaborações, nos meios populares, mediante as quais, à cachaça vão sendo atribuídos inúmeros benefícios. Cachaça cura gripe, frio, calor, tristeza, saudade, dor de cotovelo, covardia, ou seja, a cachaça acabaria com os problemas, as dores e dificuldades, bem como com os sentimentos e atitudes tidos como covardia, que constituía um sério problema para a construção da identidade masculina, pois, da figura viril são cobrados comportamentos de coragem. Assim, a cachaça, entre outros benefícios daria coragem aos seus consumidores, sendo essa uma das chamadas desculpas de bêbado para a ingestão dessa bebida, como as colhidas por Simões Lopes Neto e citadas por José Calasans:

Não posso beber cachaça
Nem aguardente tão pouco
Bebo uma ou duas medidas
Para alimentar o corpo

Eu não bebo mais cachaça
Nem bebida semelhante

Só uma ou duas garrafas
Para limpar a garganta

Não posso beber cachaça
Depois que fiquei doente
Bebo só duas medidas
Para enxaguar os meus dentes⁹⁸

As desculpas de bêbado seriam, portanto, estratégias através das quais os grupos populares se pronunciavam contra as afirmações de que a bebida era perigoso veneno, um agente proliferador de doenças. Logo, apesar das medidas tomadas em favor da repressão ao consumo da cachaça, das afirmações e orientações médicas em relação aos maléficos efeitos dessa bebida, não houve um fim desse consumo; ao contrário, como sabemos essa bebida continua sendo consumida até os dias atuais e, mais que isso, é reconhecida como um dos símbolos nacionais, sendo inclusive amplo e promissor o comércio de exportação. Além da relevância econômica, a cachaça tem grande visibilidade por sua importância cultural, pois continua sendo representada no imaginário social como um símbolo de masculinidade.

Na literatura popular, assim como na literatura erudita, a cachaça é citada como um dos hábitos típicos da população. Em artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, o escritor Mario Sette ao se remeter, saudosos, às festas dos arcos, afirma:

O dia de ontem relembra uma festa que os recifenses moços nunca viram e os maduros ou velhos nunca mais verão: a do Arco do Santo Antônio, [festa na qual, cita ele], ao pé da ponte, um quiosque que uma ramalhuda gameleira protegia, homens do povo tomavam café ou virava uma 'bicada'⁹⁹.

O autor fala de *virar uma bicada* como sendo um comportamento comum entre os homens na cultura local. Entretanto, no mesmo jornal, o discurso médico adverte os homens sobre os perigos de através das pequenas doses, chegar-se ao alcoolismo.

⁹⁸ CALASANS, José. Op. Cit., p. 65.

⁹⁹ AEP. *Diário de Pernambuco*. Recife de ontem. As festas dos arcos. Recife, 14/06/1931 – p. 02.

nem sempre a embriaguez é a porta de entrada do alcoolismo: a ingestão, aos poucos, diariamente, um copo em cada refeição, um aperitivo cotidiano, constitui a via mais fácil e mais freqüente para se chegar ao verdadeiro alcoolismo¹⁰⁰.

Desta forma, se por um lado à cachaça vai sendo apontada, nas primeiras décadas do século XX, como um dos problemas nacionais, por outro, ela vai sendo construída enquanto um costume, um dos hábitos pertencentes à cultura popular e à sociabilidade masculina. Daí, percebermos esse período histórico como marco da invenção de uma tradição de beber cachaça. Falamos em invenção, porque pensamos em tradição não como algo imóvel no tempo e no espaço, atravessando intacto o tempo, mas, como sendo recriada, reinventada a partir de questões que se colocam no presente, portanto, não naturais, mas culturalmente construídas¹⁰¹.

Segundo essa tradição, cachaça é bebida que faz homem ficar valente, de corpo fechado, faz rapaz arranjar namorada, ter mais força e energia. É a bebida que não pode faltar, pois, *numa festa sem cachaça/ o povo não acha graça/ nem pode ter distração*¹⁰². Ou seja, a tradição de beber cachaça, foi construída como parte da cultura do povo e da cultura masculina – tanto que saber beber é visto como um dos atributos masculinos - assim como parte da cultura popular. Tratava-se de uma cultura masculina, porém, não de todos os homens, mais especificamente dos homens do povo, dos homens pobres. Através da imprensa pernambucana, pudemos entrar em contato com discursos, como o discurso médico, o jurídico, o religioso, entre outros, segundo os quais a cachaça era um veneno que atingia os homens, impedindo-os de trabalhar, deixando-os inúteis socialmente, que era consumida em tavernas, por homens que, muitas vezes, não

¹⁰⁰ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo – flagelo social, artigo assinado pelo médico José de Barros. Recife. 21/10/1927 – p. 01.

¹⁰¹ Ver HOBBSAWM, Eric e TERRENCE Ranger. *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 09. e ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Vidas por um fio, vidas entrelaçadas rasgando o pano da cultura e descobrindo o rendilhado das trajetórias culturais. In *Revista do Curso de História. História & Perspectivas*, Uberlândia, n.8, p. 92, 1993.

¹⁰² Vide: Apolônio Alves dos Santos, *O ABC da cachaça*; s/d.

tinham sequer o dinheiro para pagar uma “pinga”, ou seja, discursos que enfatizavam a relação cachaça e pobreza.

Em paralelo à luta antialcoólica, foram noticiados muitos casos de prisão por embriaguez. Assim, no intuito de apresentar argumentos suficientes para comprovar a periculosidade do consumo da cachaça, os grupos dominantes deram visibilidade à figura do ébrio, sendo sua constante presença explicada pela necessidade de denunciar os delitos cometidos por esses homens. Desse modo, ao denunciar esses indivíduos, a imprensa pernambucana vai descrevendo, narrando a presença da cachaça na vida de homens e mulheres, assim como descreve os tipos bebedores de cachaça, os locais onde a bebida era consumida e o que era mais enfatizado eram os efeitos causados - como discutimos no capítulo anterior - e especialmente os comportamentos durante o período da embriaguez.

As figuras que desfilavam pelas páginas dos jornais eram descritas como irresponsáveis, ociosas e preguiçosas e, além disso, perigosas, homens que após o consumo da cachaça tornaram-se maus operários, dando-se ao vício da embriaguez e desenvolvendo uma espécie de “fobia pelo trabalho”.

Os descontentes, os vencidos na vida acham-se particularmente, entre os ociosos. Há de se concluir que das piores desventuras é a aversão ao trabalho. Ao indivíduo que caiu nesse triste estado, todos os desgostos se deparam e a estrada do crime lhe é patente¹⁰³

Como podemos perceber nesse trecho de um artigo retirado da coluna “Seção Religiosa” da Igreja católica, a fobia ao trabalho, passaporte para a pobreza, era uma das condições que associava esses indivíduos aos maus costumes, ao mundo das classes perigosas. Como discute Sidney Chalhoub, com a abolição da escravatura, os parlamentares preocupados com a organização do trabalho discutem o projeto de lei sobre a repressão à ociosidade, e é em autores franceses como M. A Frégier que esses parlamentares encontram argumentos para a sua guerra santa contra os vadios. Frégier, ao escrever, em 1840, um livro sobre as classes perigosas nas grandes cidades, acaba por fazer uma descrição

¹⁰³ AEP. *Jornal do Commercio*. Fobia do trabalho. Recife, 25/05/1927, p. 04.

das condições de vida dos pobres. Como entende Chalhoub, Frégier encontra dificuldade e acaba fracassando na tentativa de determinar com qualquer precisão a fronteira entre as classes perigosas e as classes pobres. Assim, seguindo esses autores, os parlamentares brasileiros vêem as classes pobres como sinônimos de viciosas, logo, classes perigosas¹⁰⁴.

Destarte, a ingestão de bebidas alcoólicas era vista como sendo um dos maus costumes que precisavam ser erradicados, atributo das classes perigosas, podendo levar os indivíduos a um afastamento do compromisso com o trabalho, com as normas e os bons costumes. A definição da cachaça como veneno é histórica, logo, não é natural e está inserida num processo amplo, de *reordenamento estrutural nas políticas de dominação e nas relações de classe*¹⁰⁵. A partir desse reordenamento social seriam combatidos alguns costumes e hábitos da população, especialmente daqueles indivíduos que apontados pelos grupos dominantes como pertencentes às classes perigosas, à classe dos homens pobres.

2.2. Não é defeito beber

O estribilho “não é defeito beber” é muito freqüente na literatura de cordel, literatura essa que, em sua maioria, defende o consumo da bebida enquanto parte da cultura do homem nordestino, do cabra da peste, do cabra macho, que não leva desaforo para casa, especialmente, se após alguns goles de cachaça.

No caso do estribilho citado, podemos encontrá-lo em alguns folhetos, porém o que mais chamou a nossa atenção foi o fato de, no ano de 1927, o pernambucano José Adão Filho ter publicado um folheto, provavelmente o primeiro com esse estribilho, em plena efervescência das campanhas antialcoólicas posicionando-se contra esse movimento. Vejamos aqui alguns trechos do folheto:

¹⁰⁴CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 20-21.

¹⁰⁵ Id. *Ibidem.*, p.184.

Antigamente quem bebia
 Era o negro ou o mulato,
 Mas hoje gente de trato
 Bebe de noite e de dia,
 Homens de categoria
 Tenho visto acontecer
 Na rua, tonto, pender
 Dando passadas sem prumo.
 Se os grandes lhes dão consumo
 Não é defeito beber.

Muita gente da elite.
 Só não bebe por capricho
 Gosta de matar o bicho
 Para abrir o apetite
 Depois a cana admite
 Para outro satisfazer
 Com vergonha de dizer
 Que também toma truaca
 Se a cabeça não ataca
 Não é defeito beber¹⁰⁶

Como vimos discutindo neste capítulo, a emergência das campanhas antialcoólicas ocorreu de forma a relacionar o alcoolismo aos homens pobres. As campanhas ocorriam no sentido de orientar esses homens, que, dominados pelo hábito de consumir a cachaça, muitas vezes, deixavam de cumprir sua função de provedor, sendo, inclusive, arrastados a uma morte precoce. Segundo essa visão, a cachaça tiraria a energia para o trabalho, enquanto, por outro lado, parecia aumentar a energia para a turbulência. Era essa a representação social do consumo da cachaça mais freqüente nos jornais de Recife. Todavia, ao entrarmos em contato com a fonte cordel, encontramos outros significados acerca desse consumo, ficando clara a necessidade de considerar que *como os utensílios, os provérbios ou outros discursos são marcados por usos*¹⁰⁷. Portanto, independente do desejo dos grupos dominantes, representados por médicos e juizes, em criminalizar e codificar o consumo da cachaça como contravenção à saúde, à lei e aos bons costumes, como forma de abuso cometido pelas classes populares,

¹⁰⁶Trecho do folheto de José Adão Filho, citado por ALVES, Barros. Op., cit. p. 64.

¹⁰⁷CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 82.

essas encontraram meios de contestar tais afirmações, partindo do questionamento de ser esse costume restrito apenas aos meios populares.

A leitura desses trechos do cordel nos leva a refletir sobre a construção da cachaça no imaginário social, a refletir acerca da representação, segundo a qual seria uma bebida afeta apenas aos costumes populares, e que os problemas por ela ocasionados seriam exclusivos dos extratos mais pobres. Entretanto, o cordelista questiona a relação direta entre cachaça e homens pobres, dando a conhecer que o consumo da bebida não ocorria apenas entre esses, mas também na “elite”, entre os “homens de categoria”. Contudo, em relação aos membros da “elite”, segundo o poeta popular, haveria uma negação desse consumo. O autor insiste em generalizar o uso da cachaça, em desmentir a noção de que ela seria bebida exclusiva de pobres.

Como dito anteriormente, a aguardente produzida e consumida no Brasil colonial, era denominada de aguardente da terra, em oposição à aguardente do reino, com a qual concorria. Essa concorrência era considerada uma ameaça pela metrópole portuguesa, tanto que foram tomadas algumas medidas no intuito de evitá-la, como a cobrança de impostos e até mesmo a proibição de sua fabricação, como lembra Câmara Cascudo:

Os vinhos de Portugal sofreram as conseqüências da produção popular. Diminuição sensível e depois alarmante na exportação. A Companhia de Comércio, então monopolizadora dos transportes, recorre à Ciência do Conselho da Coroa. A solução foi genial. A metrópole precisava de açúcar e produzia aguardente. A Carta Real de 13 de setembro de 1646 proibiu a fabricação do vinho de mel, eufemismo da aguardente, em todo o Estado do Brasil¹⁰⁸.

A preocupação com o consumo da cachaça nesse período estava, portanto, ligada à questão da concorrência com a bagaceira portuguesa, o que levou à proibição da fabricação da cachaça o que, na prática, não foi respeitado. Essa disputa entre as bebidas, entretanto, suscitou a construção da representação social da cachaça como sendo uma bebida popular, uma bebida de homens e de homens pobres, capaz de:

¹⁰⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. Op., cit. p. 24.

atender ao apetite dos fregueses humildes, escravos, mestiços, trabalhadores de eito, todo um povo de reduzida pecúnia. Aguardente do Reino estaria acima das possibilidades normais. E um tanto mais distante o vinho, mesmo o vendido em canecas, malgas, retirado dos bojudos tonéis¹⁰⁹.

A representação da cachaça como bebida consumida e apreciada por homens pobres suscitou uma série de significados sociais, que depreciam essa bebida e esses homens, tanto que, na atualidade, ainda é perceptível um certo resquício dessa visão preconceituosa, sendo comum que o consumidor da bebida, muitas vezes, ao comprá-la, faça questão de disfarçar o conteúdo que carrega. É ainda comum afirmações do tipo: “eu bebo, mas bebo com responsabilidade, não sou cachaceiro”, e é ainda comum também, o olhar de suspeita, de desconfiança da sociedade em relação ao sujeito que entorna seu copo de cachaça, e um olhar ainda mais cheio de suspeitas se for uma mulher a ingerir uma dose de pinga. No entanto, a generalização do consumo já ocorria desde o século XIX, isso de acordo com cordelistas, folcloristas e alguns historiadores, como Jaime Pinsky, que afirma a generalização do consumo da cachaça entre os próprios senhores de engenho, sendo muitas as afirmações de que a cachaça teria saído da senzala para os salões das casas grandes dos senhores de engenho. Mário Souto Maior afirma que essa bebida teria nascido como bebida de negros, mas que, semelhante ao samba e à feijoada, posteriormente teria ascendido socialmente, tornando-se a bebida nacional.

No romance de Júlio Bello, *Memórias de um Senhor de Engenho*, no prefácio é feita menção ao gosto do velho Nô. Wanderley decadente.

...era o velho Nô, de Palmares, irmão de Dona Maria Raimunda. Tipo de Wanderley já decadente, que não sei se Júlio conheceu direito. Pois esse velho Nô, apaixonado de mulatas e de cachaça, conservava-se de botas de montar a cavalo mesmo dentro de casa¹¹⁰.

¹⁰⁹ Id. Ibidem, p. 23-24.

¹¹⁰ BELLO, Júlio. *Memórias de um senhor de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941, p. XXVII.

Mais adiante o próprio Júlio se refere à existência de homens desfibrados e alcoólicos, emblemas da decadência econômica e social das elites agrárias, incapazes de assemelhar-se em feitos e grandezas aos seus antepassados:

Dando mesmo maior latitude à observação, vejo que o mal depois da vulgarização das usinas e dos latifúndios, está generalizado na classe. Apenas entre as velhas famílias ele incorre em maior reparo e escandaliza porque a gente se põe muitas vezes a pensar, vendo um desfibrado e alcoólico destes em sua miséria presente, no que foi o avô: - rico, importante, faustoso como um senhor feudal...o “barão de tal”, o “comendador fulano”, o “coronel sicrano”¹¹¹.

As referências feitas à cachaça no livro do pernambucano, senhor de engenho, Júlio Bello, são importantes como mais uma fonte que aborda o consumo da cachaça pela elite, porém, é interessante percebermos que a bebida é associada, não a qualquer homem dos grupos mais favorecidos economicamente, mas sim, àqueles que estavam em decadência. Assim, o hábito de consumir a cachaça é apontado como um dos índices dessa decadência, os homens que estão perdendo suas riquezas, seu poder de mando é que se entregariam a esse hábito nocivo.

Desse modo, se, por um lado, o texto de Júlio Bello pode ser lido como uma confirmação da generalização da ingestão da cachaça entre os grupos dominantes, por outro, seu discurso é bastante ambíguo, pois, na medida em que dá visibilidade ao acontecimento, também o nega, no sentido em que aponta para o fato de que o costume de beber estava generalizado apenas entre os homens da elite agrária decadente, homens que se apagaram aos poucos na vida, apática e preguiçosamente, que se tornaram homens de palmas de mãos moles e efeminadas, feitos para viver na sombra da casa-grande como “filhos de papai”, mesmo depois de velhos, incapazes de afrontar corajosamente a vida e as suas vicissitudes, conformando-se facilmente com os insucessos, vencidos e resignados¹¹².

¹¹¹Id. Ibidem, p. 06.

¹¹²ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. *Uma invenção do “falo”*: uma história do gênero masculino no Brasil (1920-1970). Campina Grande, 2000. Mimeografado, p. 12.

Assim, parece inegável que os homens pobres continuavam a ser denunciados por serem encontrados ingerindo cachaça em locais públicos. Ocorria, portanto, uma diferenciação moral entre os pobres, que bebiam como efeito de sua “degeneração moral” - o *bacilo do alcoolismo está nas propensões do indivíduo e nas solicitações do meio em que ele vive*¹¹³ - e os homens da elite agrária decadente, que eram atraídos ao vício devido as suas dificuldades financeiras, a seu estado de desterritorialização. Nessa sociedade que se modernizava, que se tornava predominantemente urbana, ocorria o afastamento dos jovens dos modelos de masculinidade representados pelos patriarcas do passado, transformando alguns em bacharéis almofadinhas - tipo masculino que se aproximava do requinte, da delicadeza e dos artifícios femininos, tipos urbanos - e outros em desfibrados e alcoólicos, sujeitos que, ao tentar voltar às raízes rurais, não sabiam como portar-se para imperar como um senhor de engenho. José Lins do Rêgo, no romance *Bangüê*, apresenta um desses tipos, *um senhor de engenho com medo de almas do outro mundo, com um cabra aos pés velando-lhe o sono!* [que] *Só faltava correr das baratas, como mulher*¹¹⁴, um homem que diante da figura do avô sente-se outro, como se pertencesse a um mundo de homens muito diferente.

Saí para a sala de visitas e lá estava o retrato do meu avô pendendo da parede. A cara boa do meu avô, os olhos mansos, todo o velho Zé Paulino ficava vivo na moldura. E se fosse vivo e forte, o Santa Rosa não seria entregue a ninguém. Seria dele. Não devia, e lavradores não se atreveriam a fazer-lhe sombra. Eu não podia com o seu cacete. O seu sangue não estava no meu. Eu era de outra raça, era neto de outro¹¹⁵.

Carlos de Melo, protagonista de *Bangüê*, pode ser visto como representativo dos sentimentos que eclodiam na sociedade, em homens que, ao buscar construir sua identidade masculina - de acordo com o padrão de masculinidade dominante naquela sociedade - em um momento de declínio de todo um modo de vida, sentiam-se diferentes, fora de território, um “outro”, um

¹¹³ AEP. *Diário de Pernambuco*. Campanha antialcoólica. Recife. 10/02/1928, p. 02.

¹¹⁴ REGO, José Lins do. *Bangüê*. [S.l.: s.n, 1980?], p. 279.

¹¹⁵ Id. *Ibidem*, p. 263.

“quase” mulher¹¹⁶, homens sem chão, sem iniciativas, responsabilizados pela decadência, não apenas social, mas também moral da antiga sociedade rural. Com seus vícios aproximavam-se dos mais despossuídos, alcoólicos, que eram vistos como ociosos, sem disposição para o trabalho, conformistas com a pobreza e propensos aos vícios.

Notamos, na década de 1920, na cidade do Recife, a emergência do alcoolismo, tendo como pressuposto as sinonímias, cachaça e pobreza, alcoolismo e cachaça, justificando uma série de discursos e práticas intervencionistas que atingiam os populares, gerando neles formas de resistência ao controle de que eram alvo. Uma dessas formas de resistência foram os discursos contrários às medidas adotadas ou as que não chegaram a ser adotadas, mas que foram propostas, como a Lei Seca:

Como tudo agora é moda
o Brasil quis imitar
essa chamada Lei Seca
para os ébrios castigar
e fez leis para proibir
da bebida circular.[...]
A tal “Lei seca” se faz
somente para os pequenos,
porque aos grandes não faltam
os licores mais amenos,
não lhe falta o bom champagne
que não embriaga menos
Quando um pobre mata o bicho
e sai, as vezes, tombando,
não faltam línguas ferinas
para seu nome ir cortando,
porém quando o rico bebe
ninguém está reparando.
Se o pobre entra na taberna
e toma uma misturada
todos dizem: - “este vive
numa troaca danada,
para a mulher e os filhos
ele nunca mais deu nada.

¹¹⁶ Durval Muniz, em *Nordestino: uma invenção do “falo”...*, discute a chegada da modernidade, do novo sistema do governo, a República, da abolição da escravatura, enfim, das mudanças históricas que vinham ocorrendo, como sendo descritas, como uma feminização do social, logo, uma desvirilização da masculinidade. Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Op Cit., 2000.

Mas se um rico vai ao Clube
e sai de lá carregado
durante noites seguidas
completamente “tubado”,
dizem: - este toma um gole
quando está contrariado¹¹⁷.

Através do verso do folheto de cordel *A Lei Seca*, percebemos a insatisfação do autor, ao apontar as proibições implantadas por essa lei, mas uma insatisfação que não se refere necessariamente à implantação de tal lei, até porque, no Brasil ela nem chegou a ser instituída, mas, especialmente, pelo caráter preconceituoso que ela teria. A condição social do ébrio contaria como um elemento fundamental para análise de sua embriaguez e de sua condição moral frente à sociedade. Deste modo, para o pobre, a bebida funcionaria como um segundo estigma social, desde que a sua própria condição já o colocaria em um quadro de marginalidade. A ingestão da cachaça seria um duplo estigma para o homem pobre, pois a aliança do vício com a pobreza significava um forte argumento a reforçar o terror denotado entre os grupos da elite dominante na sociedade. Nesse sentido, a inquietação do cordelista retrata a resposta popular, diante da distinção que vai sendo esboçada no tratamento e na percepção da condição social e moral construída acerca do ébrio pobre.

2.3. Alcoolismo e Pobreza

O mundo das ‘classes perigosas’ estava repleto de sobrevivência culturais que precisavam ser erradicadas para abrir caminho ao progresso e à civilização – havia hábitos condenáveis nas formas de morar, de vestir, de trabalhar, de se divertir, de curar etc, muitos deles mais abomináveis ainda porque manifestações das raízes culturais negras disseminadas nas classes populares¹¹⁸.

¹¹⁷ Vide: Apolinário Souza, *A Lei Seca*; s/d.

¹¹⁸ Chalhoub, Sidney. Op. Cit, 1999, p.181.

Em Recife nas primeiras décadas do século XX, muitas medidas foram tomadas para garantir a manutenção da ordem na cidade, o que significou todo um reordenamento na política de dominação, ocorrendo entre outras coisas uma busca em ordenar e adestrar os indivíduos ditos como pertencentes ao mundo das classes perigosas. Deste modo a população pobre foi o principal objeto dessas medidas, visto que seus hábitos e comportamentos eram culpabilizados pelo caos verificado na cidade, atrapalhando seu progresso. Buscava-se, portanto, em nome desse progresso, vigiar e reprimir hábitos e comportamentos tidos como não condizentes com o desenvolvimento urbano e social.

No final do século XIX e início do século XX, com o desenvolvimento das indústrias de bebidas, a produção da cachaça tomou maiores proporções, ocorrendo um aumento no número e na quantidade de bebida distribuída e consumida. Por outro lado, o fim da escravidão e o processo de urbanização implicaram o desenvolvimento de estratégias de controle de uma população livre cada vez maior, a aglomerar-se nas cidades, gerando problemas de moradia e excedente de mão de obra, multiplicados com a chegada dos imigrantes – aumentando a demanda por ocupação e criando conflitos entre estrangeiros e brasileiros na disputa por mercado de trabalho¹¹⁹.

Esse contexto social, a institucionalização do saber médico e as novas políticas de saúde pública, entre outras, foram algumas das condições históricas que possibilitaram a emergência da visão do alcoolismo como um problema social, responsável pelo desvio de caráter dos homens, pela degradação moral, não de todos, mas especialmente, segundo a imprensa da época, dos homens pobres, no caso por nós estudado, dos bebedores de cachaça, dos *chuvos*, dos *ébrios costumazes*, dos *bêbados inveterados*¹²⁰, enfim, daqueles que pareciam ser os únicos nessa sociedade a se deixarem seduzir pelos encantos da cachaça.

¹¹⁹Sobre disputas entre trabalhadores estrangeiros e brasileiros, ver CHALHOUB, Sidney. *Lar, trabalho e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque* – Campinas: Unicamp, 2001.

¹²⁰Essas foram algumas das nomeações encontradas na imprensa pernambucana, no período por nós pesquisado, para nomear os bebedores de cachaça.

O uso do álcool é denunciado, em 1852, pelo médico sueco Magnus Huss como fator de propensão à “degeneração”, quando propõe o termo alcoolismo para designar este fenômeno. Ao apontar o alcoolismo como degeneração social, Huss mesmo inserindo-o dentro de uma ordem médica, reforça o caráter moralizante do combate ao alcoolismo, visto que o conceito de degenerados abarca uma categoria muito ampla, onde todos os desviantes sociais podem estar incluídos¹²¹. O alcoolismo apresenta-se, portanto, muito mais como uma questão moral, que propriamente como uma questão médica.

Em 1935, é que, pela primeira vez nos Estados Unidos, o alcoolismo é conceituado como uma doença crônica, conceito que só chegará ao Brasil, em 1965, de modo que, até então, o alcoolista era tratado nos hospitais psiquiátricos e diagnosticado como portador de desvio de caráter¹²², logo, eram sujeitos que deveriam ser confinados, afastados do restante da sociedade.

A afirmação do alcoolismo como um desvio de caráter, uma anomalia, uma questão relativa à moralidade, possibilita a construção histórica e cultural do ébrio como sujeito infrator das normas sociais, dos bons costumes. Em uma sociedade normativa como a nossa, esse sujeito emerge como aquele que rompe com as normas do certo e errado/ moral e imoral, portanto, um sujeito anormal, um depravado, desordeiro, imoral e obscuro. Indivíduos contra os quais a sociedade deveria tomar providências, contra o qual a medicina, como ciência da normalidade dos corpos, irá atuar energicamente¹²³.

Daí, no começo do século XX, os jornais de Recife, como o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio* terem apontado, ou melhor, denunciado, os homens bebedores de cachaça, homens do povo, que ocuparam a página policial desses periódicos, junto aos demais marginalizados sociais, citados como indivíduos infratores que compunham a *escória social*, formada por vagabundos,

¹²¹ OLIVEIRA, Vera Lúcia Alves de. *Alcoolismo: Fenômeno do corpo, da alma, da cultura*. 1990. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990, p. 29.

¹²² Id. *Ibidem*, p. 34.

¹²³ FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 42.

mendigos, meretrizes, desordeiros, gaturmos etc, enfim, indivíduos aos quais cabia a ação policial de corrigir e reprimir, com o objetivo de coibir o que era considerada a tendência ao crime das classes populares.

Foram recolhidos ante-ontem à Casa de Detenção os indivíduos Pedro Alves da Silva, vindo de Pau D'Alho, sem parte de ordem do Sr. Chefe de Polícia; Antônio Silva como mendigo, de ordem do Sr. Delegado de Polícia do 3º distrito; João Quintino dos Santos, vulgo João Tupa, José Francisco de Oliveira, ou Luar, de ordem do Sr. Delegado de Polícia do 5º distrito da capital; Adelino José Ribeiro por embriaguez; Amaro Fortunato de Andrade, como vagabundo e Joaquim Leite da Silva como desordeiro de ordem todos do Sr. Delegado de polícia do 1º distrito da capital¹²⁴.

Nessa fala retirada da coluna *Na polícia e nas ruas*, do *Jornal do Commercio*, podemos perceber o quanto eram comuns as prisões por embriaguez, mendicância e vagabundagem. Devido ao consumo da cachaça, os homens eram colocados em posição de equivalência a outros marginalizados sociais, aos indivíduos ditos de pouca moral, perigosos e suspeitos diante de uma sociedade onde ocorria uma busca frenética no intuito de manter, a qualquer custo, a ordem, a aparência civilizada e higiênica da cidade, já que a meta era *eliminar as feições coloniais e tropicais do Recife. As palavras de ordem eram "urbanizar, civilizar e modernizar"*. O culto, às vezes, cego ao progresso¹²⁵, levou à execução de medidas agressivas em relação aos indivíduos considerados como perigosos socialmente, homens que incomodavam a sensibilidade dos grupos privilegiados, com seus modos rudes¹²⁶.

Vida de malandro. Foi dormir no xadrez que é mais quente
Pelo guarda Severino Ruciano, foi recolhido ontem ao posto policial da Boa Vista o indivíduo de nome Tiburcio Francisco, por se achar dormindo, em um dos passeios da Faculdade de Direito¹²⁷.

¹²⁴AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Canoa policial. Mendigos, desordeiros, etc. Recife, 06/05/1927, p. 05.

¹²⁵REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade* – Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002, p. 91-95.

¹²⁶MAIA, Clarissa Nunes. *Policiados: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife 185-1915*. 2001. Tese (Doutoramento em história) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001, p. 161.

¹²⁷AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Vida de malandro. Foi dormir no xadrez que é mais quente. Recife, 16/05/1926 – p. 05.

Nessa fala, percebemos uma das medidas tomadas para garantir a ordem na cidade, o que nos dá uma noção da percepção que se tinha acerca do direito das pessoas de utilizar os espaços ditos públicos da maneira que melhor lhes conviesse. Quando usados os espaços públicos de maneira descolada das normas, por aqueles que não tinham compromisso com as novas convenções sociais, despertavam uma enorme em outros que tinham suas vidas regidas por uma moralidade rígida. A busca por disciplinar tais indivíduos é sintomática dos sentimentos emergentes na sociedade moderna em relação às “classes perigosas”, aos homens que, por sua postura e atitudes, são ditos e vistos como suspeitos, de modo que, até o seu sono é incômodo, por tratar-se de um sono livre e rebelde, que caracteriza o homem que dorme nas ruas como um desordeiro, alguém que provoca a desordem social, o caos urbano, suscitando sentimentos de repulsa, sendo responsabilizados por sua condição de pobreza e atração pela vadiagem¹²⁸.

A liberdade de andar livremente pelas ruas, cada vez mais, a partir do final do século XIX, foi restringida para os indivíduos pobres na cidade, mesmo que esses homens, muitas vezes, buscassem nas ruas os meios de sobrevivência. A ordem racionalizada e hierarquizada da cidade possibilitou uma reordenação social, reprimindo o uso considerado abusivo, a apropriação vista como indevida dos espaços, de modo que esses indivíduos passam a representar uma ameaça para os grupos mais privilegiados socialmente¹²⁹. Essa nova ordem via na liberdade dos pobres uma ameaça a tão sonhada civilidade urbana, uma recusa a esse ordenamento, caso houvesse possibilidades de sublevação das massas populares. Em sua tese de doutoramento Clarissa Nunes Maia, ao analisar o controle e disciplina impostos às classes populares no Recife nos anos de 1865 a 1915, considera que:

Todas as ilegalidades populares aqui analisadas [refere-se as ilegalidades analisadas em seu trabalho, como: a mendicância, a

¹²⁸ MAIA, Clarissa Nunes. Op., Cit., p. 68.

¹²⁹ Sobre o temor despertado pelas massas populares nos grupos mais privilegiados ver OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 46, e CHALHOUB, Sidney. Op. Cit., 1999, entre outros.

prostituição, a prática dos jogos, em especial o jogo de bicho e a embriaguez] tinham algo em comum, a criminalização dava-se mais apoiado em conceitos morais e, portanto, subjetivos, de como deveria se comportar os indivíduos para que se tornassem cidadãos laboriosos e proveitosos a sociedade toda. Esses conceitos, criados pelas elites como uma forma de disciplinar as camadas sociais de onde provinham os trabalhadores, penalizava as classes populares associando a elas hábitos e atitudes que seriam próprios à condição de pobreza em que viviam, como se o crime fosse coisa quase exclusiva de uma certa classe social¹³⁰.

Dessa maneira, o alcoólatra é visto como mais um integrante desse segmento social, o dos homens pobres, que, nessa sociedade eram caracterizados pela rudeza, preguiça, falta de iniciativa, devendo ser compelidos ao trabalho por forças externas ao seu querer. Ou seja, as características associadas aos homens pobres direcionavam a sociedade a um olhar desconfiado em relação a esses sujeitos, possibilitando uma vigilância contínua sobre suas práticas cotidianas, de modo que *ao contrário do que as elites pregavam em seus discursos – o trabalho não os livrava do estigma imposto pela pobreza, condição social que sempre poderia levá-los ao crime*¹³¹.

Como acentua Bronislaw Geremek¹³², em épocas diferentes transforma-se a função principal da imagem do pobre, altera-se a ordem dos valores em que ele está inscrito, modifica-se a avaliação ética e estética dessa personagem. O pobre pode suscitar desprezo ou admiração, ser sinônimo de sublime ou de baixaza¹³³, essa percepção da função e imagem do pobre como historicamente construída é, portanto, de extrema importância para a compreensão do imaginário social construído acerca do pobre, em diferentes contextos sociais, isto é, para entender as relações entre esse imaginário social e as condições históricas que o possibilitaram.

Na cidade do Recife da década de vinte do século XX, ao pobre eram

¹³⁰ MAIA, Clarissa Nunes. Op. Cit., p. 187.

¹³¹ Id. Ibidem., p. 161.

¹³² GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim: Vagabundos e Miseráveis na Literatura Européia 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹³³ Id. Ibidem., p. 07.

associadas imagens de repulsa, o pobre era o sujeito que andava de pés descalços pelas ruas, que dormia em qualquer lugar, que não sabia cuidar de sua higiene pessoal, nem da higiene da sua moradia, era também o sujeito que, mesmo quando desenvolvendo a virtude do trabalho, não sabia poupar o seu dinheiro, gastando o “minguado orçamento” com vícios, como o da aguardente, tornando-se imediatamente suspeito de não ser um bom trabalhador. Do homem pobre, a imagem construída era, então, de temor, de repulsa, o pobre era o vagabundo, o preguiçoso. Os pobres precisavam de orientação, especialmente de disciplina, de regras, de normas sociais que os capacitassem aos comportamentos necessários à sociedade civilizada.

Não iremos pedir que de um dia para outro, seja obrigada toda gente a andar calçada. Mas, assim como vão sendo abolidas praxes outras, inveteradas, poder-se-á já, começar a fazer um trabalho naquele sentido.

Aos poderes públicos compete a iniciativa, agindo de modo a que todos quantos andem sem sapatos se sintam na necessidade de reparar esse mal.

Mal, sob todos os aspectos. Mal, por ser deprimente para nossa terra e deprimente para a própria pessoa; mal, porque está nesse vício a origem de inúmeras enfermidades.

Vão pouco a pouco as autoridades criando restrições ao trânsito pelas ruas principais, ao acesso em edifícios públicos de indivíduos nas citadas condições, dêem, os particulares, preferência no aproveitamento para empregos de qualquer categoria, aos que se apresentem calçados – e os objetivos irão sendo alcançados.

Sabe-se perfeitamente, como as classes pobres lutam hoje para viver e que isso lhes dará um acréscimo de despesa. Mas, esse acréscimo será insignificante, tendo em vista as moléstias evitadas e a valorização do indivíduo. Efetivamente: um homem calçado vale consideravelmente mais do que um de pés sujos, queimados no calçamento ou na areia desse clima equatorial. Ser-lhe-á portanto, muito mais fácil angariar meios de subsistência¹³⁴.

A discussão em torno do hábito de andar pelas ruas com os pés descalços, conforme a citação, era uma das discussões que, aos olhos dos grupos dominantes da sociedade, era de extrema importância, pois, constituía essa, uma das práticas populares que precisava com urgência, ser abolida. Para

¹³⁴AEP. *Jornal do Commercio*. Pés Descalços. Recife, 06/02/1927 – p. 03.

tanto, foram propostas medidas que, na realidade, deixam claras as contradições dessa sociedade, que, por um lado, se pretendia civilizada e moderna, mas que por outro, não tinha como esconder as condições de atraso social em que se encontravam muitos dos homens que compunham o quadro social. A exclusão social fica explícita, já que, para serem estabelecidos os novos valores, beneficiando alguns setores da sociedade, seria necessário sacrificar as camadas mais pobres que teriam como recompensa a esperança de ascensão social.

Na fala por nós citada, é colocado, com todas as letras, o conhecimento das dificuldades enfrentadas pelos homens pobres, na busca de sobrevivência. No entanto, a questão posta não eram as dificuldades sociais enfrentadas por esses homens, que eram vistas como naturais, como a essência de uma sociedade dividida por grupos mais e menos privilegiados socialmente, o que estava em discussão era a melhor maneira de fazer a imposição, embora “de forma sutil”, era a necessidade de adequação dos homens pobres aos novos padrões sociais. Assim, o uso de calçados beneficiaria aqueles que não se negassem a fazer um “insignificante” acréscimo em suas despesas, para adquirir um par de sapatos e com ele ganhar mais saúde, pois evitariam as moléstias causadoras de doenças, e mais que isso, uma melhor posição social. Por outro lado, os que se negassem a comprar e se acostumar com o hábito de calçar sapatos continuariam mais vulneráveis às doenças e encontrariam as portas fechadas, sendo proibida a sua entrada em determinados espaços e dificultada a obtenção de trabalho.

Portanto, o desejo de garantir o progresso da cidade possibilitou um reordenamento dos costumes, o que, na prática, significou a vigência de novos valores sociais. No caso citado, através de uma imposição social, o valor do homem passou a ser medido a partir de suas posses e seus costumes, que o definiriam como mais ou menos higiênico, mais ou menos civilizado e, ainda, mais ou menos moral. Um homem calçado vale consideravelmente mais do que um de pés sujos, um homem calçado será bem visto socialmente, ao contrário de um descalço. Estavam, assim, sendo implantadas as bases ideológicas para a

construção de valores sociais e morais, que hoje estão cristalizados em nosso imaginário social, segundo os quais os valores morais dos homens são medidos tendo como referência principal a roupa que veste, o calçado que usa, o carro que dirige, a bebida que bebe e assim por diante.

O homem pobre, mesmo quando não era visto como criminoso, representava um problema, especialmente quando não inserido no mercado de trabalho, visto que, evidenciava a falência da imagem de progresso¹³⁵. No quadro social vigente, a maneira possível ao homem pobre de mostrar-se digno da sua sociedade era através do trabalho, atividade que tanto poderia elevar sua condição social, quanto moral, ou seja, o trabalhador esforçado e bom provedor estaria alguns passos de distância à frente dos desclassificados.

Entretanto, para conseguir um emprego e manter-se nele, era preciso aprender a fazer alguns esforços, entre eles, afastar-se de determinados costumes, como o de dormir e/ou andar descalço pelas ruas e o de beber cachaça, entre outros, visto que esses costumes poderiam associá-los aos desclassificados socialmente, tomando-se esse conceito na perspectiva de Laura de Mello e Souza, em sua obra *Desclassificados do Ouro*¹³⁶, na qual afirma que, em meio a uma sociedade que classifica os indivíduos, os desclassificados seriam aqueles que se encontravam mal integrados, ou seja, aqueles que estão mal classificados, homens pobres, tidos como uma outra humanidade, inviável por sua indolência, por sua ignorância, por seus vícios, o que significava que suas atitudes e comportamentos precisavam ser dosados, pois qualquer atitude poderia ser considerada suspeita, considerando que sua condição de trabalhador e sua função social o constituíam como alvo do poder disciplinar.

Ao trabalhador exemplar e disciplinado, figura representativa do paradigma masculino idealizado por essa sociedade em mudança, cabia habituar-se a uma rotina social decente, a qual consistia em andar bem vestido e calçado, sair de casa cedo para o trabalho e voltar, a noite direto para o seu lar, sem parar

¹³⁵ MAIA, Clarissa Nunes. Op. Cit., p. 68.

¹³⁶ SOUZA, Laura de Mello. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVII*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

para distrações que pudessem ameaçar sua integridade física ou moral. Os homens eram chamados a afastar-se de uma vida desregrada, onde bebidas e desordens estavam freqüentemente associadas à ruptura da disciplina doméstica, que deverá ser marcada pela perfeita sintonia com o mundo do trabalho, com horários para acordar, comer, fazer sexo e dormir¹³⁷. Dentro dessa ordem social em ascensão, no final do século XIX, alguns comportamentos vão sendo instituídos, enquanto que outros reprimidos. A emergência das Lutas Antialcoólicas, no início do século XX, e a ênfase dada ao consumo de cachaça nesse processo de repressão ao álcool, demonstram, portanto, a relação contínua de interdependência entre o pensamento médico e ideologias políticas e racistas, pois é a essa bebida, dita herança de negros e de homens pobres, que é associado o alcoolismo.

Deste modo, entre as atitudes e comportamentos considerados suspeitos, será relevante o de consumir cachaça e embriagar-se. Os bêbados vinham a aumentar o quadro da *escória social*, dos sujeitos que, de acordo com o pensamento da época, nunca estavam bem na rua¹³⁸. Ao ser encontrado sobre os efeitos da embriaguez, o sujeito teria ameaçada a sua personalidade virtuosa de cidadão honesto. A embriaguez colocaria em dúvida seu caráter físico e moral, de modo que, em estado de embriaguez, os homens eram logo tidos como pertencentes ao grupo das classes perigosas.

'Alfaiate é o nome de guerra de José Eusébio, [...]

Tipo afeito a desordens, ontem em estado de embriaguez promovia arruaças agredindo a quem encontrasse.

Para infelicidade sua passava na ocasião a patrulha do 1º distrito de São José.

'Alfaiate, quis agredir as praças também sendo preso e logo após recambiado para o palacete do Capibaribe¹³⁹.

¹³⁷ MAIA, Clarissa Nunes. Op. Cit., p, 182.

¹³⁸ A ação repressiva da polícia no período por nós estudado foi bastante ostensiva, de modo que, os indivíduos ditos como pertencentes ao grupo da escória social, como: mendigos, vagabundos, desordeiros e bêbados, condições sociais, muitas vezes presentes em um mesmo indivíduo, eram recolhidos das ruas.

¹³⁹ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Álcool capitoso e desordeiro. Recife. 03/02/1921 – p. 04.

A cachaça desclassificaria os homens, afastando-os do “mundo do trabalho” e aproximando-os do “mundo da desordem”. Os consumidores da cachaça, eram ditos, entre outros adjetivos, como tipos afeitos a desordens. A bebida era apontada como a principal causadora de atitudes classificadas como ofensas à moral e aos bons costumes, como falar obscenidades pelas ruas, fazer badernas, beber e não querer pagar a conta, agressões físicas, todos casos de polícia. Nesse sentido, a repressão aos alcoolistas tinha uma justificativa social, ética e moral. Daí, a construção de representações sociais segundo as quais a cachaça era culpabilizada, não apenas pelo declínio da saúde dos seus consumidores, mas também pelo declínio moral.

O hábito de beber cachaça constituía, portanto, um perigo à construção da imagem dos homens pobres, isso porque, como dito anteriormente, ao bêbado eram associadas figuras tidas como desclassificadas social e moralmente. Na imprensa pernambucana foram relatados muitos casos de homens trabalhadores, responsáveis, enfim, homens que se enquadrariam no perfil social do cidadão desejado, segundo os padrões burgueses em ascensão, mas que, no entanto, ao consumirem a cachaça passavam a assumir posturas e comportamentos que fugiam a esse perfil e que os associavam a outra figura masculina – outro modelo de masculinidade -, a do sujeito irresponsável, não-trabalhador, indisciplinado, imoral, que causava vergonha a toda sociedade. O hábito de consumir cachaça vai sendo construído como hábito que viria a corroborar com a passagem do homem trabalhador e responsável para a condição de sujeito indisciplinado e mais que isso, perigoso, de modo que essa passagem poderia ocorrer de forma simples e rápida.

Assim, percebemos que se tratava de uma tênue linha a que separava o homem pobre, honesto e trabalhador, o proletariado responsável pelo progresso econômico da nação, do homem pobre, ocioso, cachaceiro, alvo de suspeitas, visto que esses dois tinham em comum a sua condição social, que por si só, já os colocava, em uma posição de maior propensão à criminalidade. A propensão à bebida colocava em dúvida o caráter moral dos homens, de modo que a

manutenção desse hábito vai sendo construída como condição para o aumento do número de desordeiros e desocupados na cidade, sendo então, considerado natural que os desordeiros noticiados pela imprensa local tivessem como característica principal o fato de estarem alcoolizados, a embriaguez era considerada praticamente uma condição para a prática de desordens.

Deste modo, a intensa preocupação em torno do consumo da cachaça nas primeiras décadas do século XX é uma preocupação que estigmatiza o corpo dos sujeitos, não sendo casual a emergência do conceito “cachaceiro”¹⁴⁰, que surge no final do século XIX, ao qual está relacionada uma enorme carga de significados pejorativos, que estigmatizam os corpos dos indivíduos.

O cachaceiro é um sujeito histórico que nasce sobre as insígnias da marginalização, limitado a ser o “outro” da sociedade, o que fica à margem social, opondo-se ao homem disciplinado, possibilitando que esse invista sobre o seu corpo marginal, diferente, indisciplinado e desordeiro, que precisa ser analisado, para poder ser normatizado, vigiado e adestrado, visto que, como discute Foucault, a disciplina e a normalização caracterizam esquematicamente essa nova investida do poder sobre os corpos, efetuada no século XIX¹⁴¹.

Nessa sociedade normatizada, o cachaceiro é o homem que se choca com as normas sociais, o homem que bebe muito e perde o controle de suas atitudes, o controle sobre seu próprio corpo. Nesse sentido, à prática de ingerir bebidas alcoólicas, no caso aqui discutido, beber cachaça - serão atribuídos valores morais.

¹⁴⁰ALVES, Barros. *Cachaça, cordel e cantador: a cachaça na poesia do povo: uma apologia*. Maracanaú: Natacha, 1991, p. 25.

¹⁴¹FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 1997, p. 42.

CAPÍTULO III

CACHAÇA E VIOLÊNCIA MASCULINA

Capítulo III – Cachaça e Violência Masculina.

3.1. Desordeiros e amantes da “pinga”

Como discutimos nos capítulos anteriores, no final da década de 1910 e início da década de 1920, o alcoolismo ganha visibilidade como um sério problema nacional. Em Pernambuco, caso em estudo - a cachaça, emerge como a principal bebida causadora dessa *praga social*. Diante da questão do alcoolismo, a imprensa pernambucana publica inúmeras denúncias contra os consumidores da cachaça. Essas denúncias buscam atrelar a imagem do consumidor de cachaça à do desordeiro, do homem que necessitava ser disciplinado, uma vez que ser amante da pinga seria característica dos desordeiros.

As denúncias antialcoólicas fizeram parte de um processo maior de constituição do espaço urbano e controle social pelo qual passou a cidade do Recife, a exemplo de outras cidades do Brasil, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Esse processo implicou a construção de práticas e discursos das classes dominantes, no sentido de normatizar e disciplinar os comportamentos.

Nesse contexto, a preocupação com o alcoolismo foi uma das justificativas para uma vigilância contínua do cotidiano masculino, vigilância que se dava através de um poder disciplinar, ao qual interessava controlar as ações dos homens, para que assim fosse possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento

gradual e contínuo de suas capacidades¹⁴². Para isso, era necessário afastá-los de tudo que pudesse significar alguma espécie de desgaste, desequilíbrio. Daí a busca de controle, junto as práticas sociais, e, no caso estudado, da prática de beber cachaça, indicada como causa de desequilíbrio no indivíduo e desordens na sociedade, sendo denunciada como causadora de desordens, tais como: ofensas à moral, agressões e até assassinatos. No *Jornal do Commercio*, na coluna intitulada *Na polícia e nas ruas*, bem como no *Diário de Pernambuco*, na coluna *Fatos diversos*, são muitos os casos publicados, que relatam os delitos cometidos por homens bastante alcoolizados, ou em estado de embriaguez.

Vicente Costa é um homenzinho terrível na pinga. Ai, dele, quando começa a experimentá-la. Uma vez, duas, três não o satisfazem e vai daí o querer o pândego beber a todo instante ainda mesmo sem dinheiro.

Ontem à noite Vicente que já vinha cheirando à cuja, entrou na taberna de Antônio de Holanda Cavalcanti, à rua Maceió, distrito de São José e pediu uma dose. Foi satisfeito e quis sair sem dar explicações. Chamado à fala Vicente aborreceu-se e travou luta com o taberneiro, ferindo-o a faca, várias vezes. Em socorro da vítima apareceu o seu cunhado Sebastião Punho Vicente. Vicente recebe-o hostilmente e maneja a arma também contra este. O calor do álcool fizera-o ágil e da luta Vicente saiu quase que incólume. Apenas com um pequeno ferimento punctório (sic) no lombo.

E o valiente (sic) que estava cego de ódio e de cachaça não sabe quem o feriu¹⁴³.

Cachaça e desordem andavam juntas, tanto que vemos neste discurso o perfil traçado do desordeiro, bebedor de cachaça, homem que, como se diz popularmente, bebe todas, não se contentando só com uma ou duas doses e que, mesmo sem dinheiro, quer beber a todo instante. Entretanto, o desfechar da narração acaba por legitimar Vicente, com o título de *valiente*, pois, ele teria lutado com o proprietário da taberna e também com o cunhado daquele e ainda assim havia saído da luta sem se machucar, *quase incólume*. Essa sua disposição e valentia são ditos como efeitos da cachaça, *o calor do álcool fizera-o ágil*.

¹⁴² FOUCAULT, Michel. Por uma genealogia do poder. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. XVI.

¹⁴³ AEP. *Jornal do Comércio*. Por causa de uma "bicada" houve um "sarceiro". Recife. 01/10/1920 - p. 03.

A aparição de Vicente no jornal, insere-se no desejo de denunciar os efeitos da pinga, os males que os homens poderiam provocar ao conservar o hábito de consumi-la. Contudo, se por um lado ocorre essa denúncia, por outro, o hábito de consumir cachaça vai sendo definido como um comportamento próprio da figura masculina. Ou seja, a meta era utilizar o ocorrido com o citado Vicente, como um exemplo a ser repreendido. Associa, entretanto, cachaça a violência, valentia, força e coragem, comportamentos tidos, nessa sociedade, como pertencentes à identidade masculina dominante, em detrimento dos sentimentos suaves de ternura e afeto, reprimidos no homem, que, desde a mais tenra idade, aprende que homem não chora¹⁴⁴. Ao mesmo tempo em que se repreendia o costume de beber cachaça, era construído ao seu redor uma visi/dizibilidade, decorrente da afirmação de que a cachaça daria uma certa invulnerabilidade aos homens, a capacidade de colocar-se em situações de perigo, dominando outros, de se mostrar macho, mesmo colocando sua vida e a de outros em risco¹⁴⁵.

O motivo para a deflagração da desavença entre o dono do estabelecimento comercial e seu cliente¹⁴⁶ foi o não pagamento da bebida, de modo que se expressa que o cachaceiro é um indivíduo desrespeitador das normas de convivência social, que, para satisfazer o seu desejo de beber, torna-se agressivo e perigoso. A propensão ao consumo da cachaça, é apresentada

¹⁴⁴ Em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, há uma cena bastante emblemática da educação dada aos meninos, segundo a qual homem não chora, não expressa seus sentimentos. Ao perder tragicamente a mãe e ser levado da cidade para morar no engenho do avô, no primeiro momento em que quer expressar através do choro os seus sentimentos, o menino é aconselhado pela tia a não fazê-lo, *Agora vou ser a sua mãe. Você vai gostar de mim. Vamos não chore. Seja homem*. Ver REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 07.

¹⁴⁵ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: Uma invenção do "falo": uma história do gênero masculino no Brasil (1920-1970)*. Campina Grande, 2000. Mimeografado, p. 131.

¹⁴⁶ Sobre a relação entre donos de botequins e seus clientes, Sidney Chalhoub, faz interessante discussão em sua obra *Trabalho, lar e botequim*. Ver CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2001.

como um elemento difusor da identidade naturalmente violenta do homem¹⁴⁷.

Miguel Apolônio de Oliveira, ante-ontem, tomou forte carraspana, e cerca das 20 horas, foi a barraca de João Paulo vulgo Bahiano, na ilha do leite, pedindo aguardente.

Atendido não quis, entretanto, satisfazer o pagamento. Bahiano protestou e foi o bastante para que fosse agredido a socos, sofrendo um ferimento na face.

A vítima procurou, então, o comissário de serviço na Boa Vista, apresentando queixa.

Horas depois, foi Miguel Apolônio preso e recolhido ao xadrez¹⁴⁸.

São muitos os fatos narrados, nos quais a cachaça é dita como causa direta das expressões de valentia. Em estado de embriaguez, sob o domínio da *usga*¹⁴⁹, despertavam as tendências violentas nos homens, tanto que muitos procuravam na bebida condições para vencer seus medos e timidez.

Um dos bons hóspedes do palacete do Capibaribe é o indivíduo José Grosso da Silva.[...] ‘José Grosso’ como é conhecido vulgarmente, é um *desordeiro perigoso* e a Polícia se vê em embaraços quando o encontra em estado de embriaguez. Anteontem ele tomou o distrito da Várzea para teatro de suas cenas. Dirigindo-se a uma taverna ali existente bebeu à vontade, furtando-se entretanto ao pagamento [...] Chamada a Polícia esta compareceu, conseguindo a muito custo prender o turbulento e recolhê-lo ao xadrez, onde fez curtir a carraspana¹⁵⁰. [Grifo nosso]

José Grosso é mais um dos indivíduos que comparecem às páginas dos jornais para atestar o quanto podem ser *perigosos* os bebedores da cachaça. Sua bebedeira e as inconveniências por essa causada, como beber e não pagar a conta - tão comum no período e mesmo ainda nos dias atuais - legitimava a

¹⁴⁷ São muitos os trabalhos que discutem a desnaturalização da identidade masculina como naturalmente violenta, afirmando-a como historicamente construída, ver ARILHA, Margareth (Org.); RIDENTI, Sandra G. U. (Org.); MEDRADO, Benedito (Org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: Ed. 34, 1998, também NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999 entre outros.

¹⁴⁸ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Bebeu e não pagou. Resultado: Xadrez. Recife. 26/06/1927 – p. 02.

¹⁴⁹ *Usga* foi um dos sinônimos da cachaça, encontrados na imprensa pernambucana, segundo Nelson Barbalho, refere-se a aguardente em Pernambuco e nas Alagoas e se tratava das iniciais Usina Serra Grande – Alagoas, fundada pelo pernambucano Carlos Benigno Pereira. Ver BARBALHO, Nelson. *Dicionário da aguardente*. Recife: Editora da Universidade, 1974, p. 185.

¹⁵⁰ AEP. *Jornal do Comércio*. Quando bebe dá trabalho. Recife. 01/ 03/ 1921 - p. 02.

ação repressiva e algumas vezes abusiva da polícia, muito utilizada, nesse período, com a missão de manter as ruas o máximo possível ordenadas e limpas dos efeitos das desigualdades sociais que geravam mendigos, vadios, prostitutas, bêbados e desordeiros¹⁵¹.

A polícia encontrava nos embriagados um dos principais obstáculos ao exercício de manutenção da ordem. Inclusive era enfrentada por alguns desses, – tanto por homens, como por mulheres embriagadas – que reagiam a voz de prisão. Entretanto, é interessante colocar que muitos soldados de polícia também foram denunciados por suas desordens em estado de embriaguez, ou seja, eles reprimiam em outros um hábito que fazia parte do seu cotidiano. Essa contradição expressa-se no fato de ter sido constatado que, dentro das prisões, os próprios policiais vendiam bebidas alcoólicas aos presos¹⁵².

Muitos homens foram presos e liberados tantas vezes, que chegavam a se tornar conhecidos da polícia. Esses já conhecidos por perpetuarem seus delitos eram descritos na imprensa com características específicas, amálgamas que os caracterizavam como perigosos, desordeiros, logo, suspeitos diante da sociedade. Ao passo em que vai sendo denunciado pelos discursos antialcoólicos, o consumo da cachaça vai sendo apontado como um dos costumes presentes na sociabilidade masculina, nos mais variados momentos. Aponta-se o masculino, porque, mesmo sendo registrado casos de embriaguez feminina, esses ocorrem – segundo a imprensa local - em número bem reduzido, se comparados com o masculino, além disso, as mulheres denunciadas por abuso das bebidas estavam entre as consideradas mulheres da rua e não do lar, questão que discutiremos adiante.

A cachaça está presente nas festas típicas da cidade, nas reuniões entre amigos, em casa ou nos botequins e tabernas, e em momentos não só de comemorações, mas também de tristeza, como em velórios - até nesses

¹⁵¹ MAIA, Clarissa Nunes. *Policiaidos: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife, 1865-1915*. 2001. Tese (Doutoramento em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001, p. 72.

¹⁵² Sobre as relações entre policiais e presos nas prisões, ver, MAIA, Clarissa Nunes. Op. Cit., p. 224 –231.

momentos a cachaça produzia seus estragos. As denúncias tornam possível que homens do povo tenham suas aventuras e desventuras narradas nos jornais, sendo denunciados por suas atitudes agressivas e violentas, que seriam consequência da embriaguez. Contudo, essas atitudes, ainda que recriminadas, aparecem também com um significado positivo, visto que são tidas como parte da cultura e da identidade masculinas, às quais estão ligadas a características como coragem, valentia, rebeldia e autonomia, enfim características que estereotipam e singularizam o masculino em oposição a uma suposta fragilidade feminina.

Nesse sentido, ao passo que emerge a cachaça - problema, emerge uma série de imagens e discursos sobre esse hábito social, associando-o ao mundo dos *homens machos*, dos nordestinos fortes e rústicos como a terra em que viviam, dos apreciadores de uma boa pinga.

Sem que se deixe de reconhecer no gosto pela bebida forte espécie de atributo de sexo viril – atributo cultural e socialmente condicionado no homem, sobre a base da necessidade experimentada mais por ele – guerreiro, caçador, pescador, homem de rua e de ação – que pela mulher – sedentária, em grande parte por sua própria condição biológica de mulher – deve-se também concordar com os higienistas em que o exagero desse gosto enfraquece e corrompe populações inteiras; e que quase sempre esse enfraquecimento se verifica em consequência de desajustamentos ou taras que fazem os homens procurar no abuso do álcool – como no da maconha – compensação para fracassos numa ou em várias zonas de atividade normal¹⁵³.

Gilberto Freyre é um dos que expressa claramente a relação entre bebida e virilidade e o faz na busca de definir o hábito de beber como exclusivo do universo masculino. Apoiando-se nos argumentos da divisão biológica dos sexos, encontra as explicações para a afirmação de que haveria *no gosto pela bebida forte espécie de atributo de sexo viril*, e, portanto, de que o gosto pela bebida fazia parte dos comportamentos dos indivíduos pertencentes a esse sexo .

Pensando com Pierre Bourdieu.

a virilidade, [...] é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a

¹⁵³ FREYRE, Gilberto. *Cachaça*. In: *Prefácios Desgarrados*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978, p. 821-823.

feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo¹⁵⁴.

Dentro dessa perspectiva, Freyre, ao afirmar o gosto pela bebida como sendo um comportamento próprio de homens viris, o diz não o ser das mulheres, pois, impróprio às suas condições biológicas. Além disso, é interessante perceber que ao afirmar os males causados pelo abuso do álcool, Freyre considera o uso das bebidas como decorrente de uma necessidade de auto-afirmação masculina, no intuito de compensação de fracassos.

3.2. Mulheres e Alcoolismo.

... Por que a verdade é que se tornou chique desrespeitar a tal lei. Lei votada por uma maioria de mulheres históricas. Lei que representa a primeira clara evidência da falta de realismo político entre as mulheres.

A indireta influência do sentimento feminino atenuada pelo senso de realidade do homem – eis o desejável na vida pública de um povo como na educação de uma criança. É a ética nietzscheana. Pratica-a inconscientemente muito pai a fingir-se mais seco e mais acre do que realmente é com o filho da parte da mulher.

A mulher a dominar na política significaria um governo de nervos. Uma tirania de nervos.

A influência do sentimento feminino, toda a vida nacional a necessita [...] Mas é preciso que seja uma influência clarificada ou purgada pelo senso de realismo do homem. Ele a receberá direta da esposa, ou noiva, ou irmã ou mãe para transmitir à vida nacional com o preciso desconto.

Foi esse preciso desconto que faltou à lei de Proibição. A qual passou à efetividade no seu estado bruto de sentimentalismo, passou à constituição, escrita inteiramente em letra sentimental de mulher.

[...]

Que a lei, ainda verde, está tão roída de bicho que é uma lei sem força, salta aos olhos de todo o mundo. Seus dias estão contados.

O realismo político de certo achará meios de corrigir a traços de letra de homem essa absurda lei escrita toda, ou quase toda, por mulher sentimental¹⁵⁵.

Nesse trecho extraído de um artigo de Gilberto Freyre, publicado no *Diário de Pernambuco*, ao final da década de 1920, no auge das campanhas

¹⁵⁴ BORDIEU, Pierre. Op. Cit., 1999, p. 67.

¹⁵⁵ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. A propósito do fracasso da proibição. Recife. 24/06/1926 – p. 03.

antialcoólicas, percebemos que as afirmações a respeito do fracasso da proibição do consumo de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos, a chamada Lei Seca, vinculam essa lei a uma luta das mulheres, sendo assim uma lei escrita em letra sentimental de mulher. A partir daí, Freyre tece inúmeros comentários, em que deixa transbordar os sentimentos que aterrorizavam os homens, nesse começo de século, com as inúmeras mudanças sociais emergentes, entre elas, as mudanças relativas aos espaços ocupados por homens e mulheres na sociedade.

Acostumados em uma sociedade tradicional, onde dominavam as relações patriarcais, nas quais o homem, pai e provedor, mantinha sobre as mulheres ao seu redor intenso controle, onde homens e mulheres tinham papéis e espaços delimitados, de acordo com uma divisão biológica dos sexos; os homens expressam seus sentimentos de repulsa e resistência diante dos novos espaços a que aspiram as mulheres. O feminismo em ascensão reivindicava para as mulheres direitos, que por muito tempo estiveram restritos ao sexo masculino. A imprensa noticiava os absurdos das mulheres, assim apreendidos não apenas por vozes masculinas, como inclusive também por algumas representantes do dito “sexo frágil”.

Falando ao correio da Manhã, a senhora Esther Rego Barros, esposa do presidente da Câmara, disse:

‘Sou contraria ao voto feminino, porque penso que o papel da mulher na sociedade é ainda de mãe de família.

A sua grande missão oficial é a formação do caráter dos filhos que se molda em uma educação inspirada nos princípios de moral e católica¹⁵⁶.

A luta pelo voto era vista como algo absurdo, que afastaria a mulher de sua legítima condição e missão feminina, de mãe e procriadora, logo, de sua função exemplar, enquanto anjo de candura, decoro e virtude cristã. A participação da mulher nos espaços políticos e públicos era vista como uma ameaça, pois, as aproximaria das coisas mundanas, como: as danças imorais, o jogo, os clubes, o hábito de fumar cigarros, que lhes tirava o natural frescor dos lábios, além de outros costumes ditados especialmente pela moda - *entidade*

¹⁵⁶ AEP. *Jornal do Commercio*. Contra o voto feminino. Recife, 15/12/1927 – p. 01.

*caprichosa, despótica, sem escrúpulos sem raciocínio e sem critério. Assim seriam levados a abrir mão de costumes e valores tradicionais, como o uso dos cabelos em longas tranças, optando pelo corte á la garçonne, por serem os cabelos curtos menos trabalhosos*¹⁵⁷.

O *Jornal do Commercio*, publicava em sua coluna *Seção religiosa. Igreja Católica*, artigos nos quais seus autores buscavam despertar a sociedade para os perigos inclusos nos novos costumes aspirados pelas mulheres, os homens eram chamados a salvá-las, *homens da minha terra, amparai-as com vosso afeto, o vosso conselho, a vossa boa vontade, o vosso poder, o vosso direito, essas desorientadas*¹⁵⁸.

A reação de Freyre em associar o fracasso da Lei Seca a uma influência feminina em sua produção, remete-nos a perceber que a ameaça representada pelos novos costumes das mulheres não dizia respeito, necessariamente, a um perigo para a figura feminina, como era divulgado. Ao contrário, o risco era para a figura masculina. A influência das mulheres na aprovação da Lei Seca estaria relacionada à representação simbólica da mulher esposa- mãe-dona-de-casa, a quem cabia a responsabilidade de zelar pelo lar e pela saúde da família. Por isso, deveria estar atenta aos mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, afim de ser capaz de prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio¹⁵⁹. Por outro lado, a influência das feministas na aprovação da Lei Seca¹⁶⁰, era vista como um dos sinais da crescente ameaça feminina.

¹⁵⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Seção Religiosa. Igreja Católica. Recife, ver 18/05/1927 – p. 02, 20/07/1927 – p. 05 e AEP. *Jornal do Commercio*. Seção Religiosa. Igreja Católica. Recife, 01/12/1927 – p. 02.

¹⁵⁸ AEP. *Jornal do Commercio*. Seção Religiosa. Igreja Católica. Recife. 20/07/1927 – p. 05.

¹⁵⁹ Margareth Rago, discute a elaboração de um modelo normativo de mulher, desde meados do século XIX, a qual teria como características, ser frágil e soberana, abnegada e vigilante, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva porém, assexuada. Ver RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 62.

¹⁶⁰ Maria Izilda, discute em seu trabalho, *Meu lar é o botequim...*, o quanto as mulheres eram chamadas a aderirem à luta patriótica da liga antialcoólica. Ver, MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim*. São Paulo. 1996. Mimeografado, p. 66-69.

Deste modo, ao ser chamado a salvar as mulheres, os homens na realidade eram chamados a salvar seus próprios lugares na sociedade, lugares ameaçados pela presença feminina. Daí, as afirmações de que as mulheres estariam masculinizando-se¹⁶¹, perdendo seus encantos naturais e ganhando características de homens, como efeito dos cabelos curtos, da presença constante em lugares públicos, do uso do “*smocking’ feminino*, já comum no *belo sexo*. No Rio de Janeiro, um articulista anunciava que em breve a natureza presentearia o rosto gracioso das *girls* com longas barbas¹⁶².

A mulher da atualidade desempenhando funções que, até então, pertenciam aos homens precisa, masculinizar-se. Guia automóveis, dirige aeroplanos, mete-se nos comícios políticos, vota, penetra nos congressos, trepa nas tribunas para defender réus, se faz detetive, pratica todos os desportos modernos, redige jornais, faz opinião nas rodas intelectuais e políticas, com sua voz frágil, [...]

Com os tempos que correm, a mulher não se limitará só a cortar os cabelos: obrigará o homem a criar os seus, e ir até para a cozinha quando lhe faltar a empregada.

E o homem irá, vagarosamente, se acostumando se afazendo a tudo isto, até curvar-se passivamente à mulher, submetendo-se á sua vontade. Deus permita que isso não se dê nos meus dias¹⁶³

Aos representantes de uma sociedade tradicional, ambígua diante das transformações advindas da modernidade, as possíveis conquistas femininas eram vistas como uma insensatez sem tamanho, uma agressão à natureza, mulheres a interferir na política seria, como coloca Freyre, uma tirania de nervos.

Acercando-nos dos acontecimentos da época, podemos delinear um quadro das relações homens/mulheres que nos leva à percepção de que as afirmações de Gilberto Freyre o inserem em um pensamento, segundo o qual o consumo de bebidas alcoólicas pertencia ao universo dos homens. Assim, cabia a eles e não a elas tomar as medidas mais acertadas para resolver a questão do

¹⁶¹ AEP. *Jornal do Commercio*. Seção Religiosa. Igreja Católica. A mulher masculinizada. Recife. 25/05/1927 – p. 04.

¹⁶² AEP. *Jornal do Commercio*. Seção Religiosa. Cabelos á la garçonne. Recife. 18/05/1927 – p. 02. e AEP. *Jornal do Commercio*. Seção Religiosa. Smocking Feminino. Recife. 15/06/1926 – p. 03.

¹⁶³ AEP. *Jornal do Commercio*. Seção Religiosa. Cabelos á la garçonne. Recife, 18/06/1927 – p. 02.

alcoolismo, considerando que eles tinham um senso de realidade apurado em oposição a elas, que se deixavam levar por sentimentalismo.

Freyre, como outros intelectuais da época, deixa aflorar suas contradições ante o desejo de modernização e um anseio em conservar costumes tradicionais – que, segundo ele, caracterizariam a sociedade nordestina. Diante das reivindicações e lutas femininas, as respostas vêm no sentido de acusar a mulher por uma “natural” falta de capacidade, bem como apontar para um processo de masculinização do feminino. Essas reações masculinas expressavam uma forma de luta encontrada pelos homens contra a “invasão” das mulheres em territórios, que, antes pertenciam exclusivamente ao “clube do bolinha”.

Diante das ocorrências já perceptíveis, como as mudanças citadas no trajar e no corte dos cabelos, que interferiam nos espaços de mulheres e homens na sociedade e, ainda, do receio de que germinassem as sementes plantadas pelas lutas das mulheres, há uma luta para procrastinar as conquistas femininas, mantendo os sexos em terrenos distintos e bem delimitados. Desta maneira, ao tratar da questão do consumo de bebidas, a partir de artigos como o de Gilberto Freyre, podemos perceber que, em relação às mulheres, o alcoolismo vai sendo abordado como um problema que as atingiria, mas indiretamente, como consequência dos males causados aos homens. Isso porque eram eles que levavam o alcoolismo para o lar, sendo a mulher, na maioria das vezes, vítima desse mal e de suas seqüelas, das brutalidades do marido e pai alcoólatra, vítima da violência masculina, assim como de um lar desfeito, da miséria causada pela ausência do provedor, além dos malefícios físicos provocados nos filhos, em decorrência do caráter hereditário do alcoolismo¹⁶⁴.

Mesmo sendo registrados casos de embriaguez feminina, o alcoolismo é descrito como um problema que atingia os homens, e era a eles que se dirigiam as campanhas antialcoólicas, pois, eram estes que se tornavam doentes e improdutivos devido ao consumo do álcool, perdendo as qualidades que definiam

¹⁶⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. Cit., p. 66.

sua identidade masculina, como a função de provedor. Já com relação às mulheres, era a prostituição o que as tornava desclassificadas socialmente, e que as afastava de sua função feminina de mãe, esposa, procriadora, mulher direita seguidora dos princípios cristãos.

Assim, o alcoolismo para o homem equivalia à prostituição para as mulheres, o que não significa, conforme já foi colocado, que o consumo de bebidas não fosse também uma prática feminina. Entretanto, esse era associado a poucas mulheres, em especial às mulheres cujo estilo de vida rompia com as normas sociais. Se existia o consumo de bebidas entre as mulheres do lar, esse raramente era notificado, ou, quando o era, ocorria no sentido de argumentar que o álcool era um veneno tão perigoso que poderia atingir até mulheres e crianças. No espaço doméstico, porém, o consumo de álcool ocorria através da ingestão das bebidas mais suaves.

As mulheres preferem os licores de quina [...] as crianças vendo o exemplo funesto dos pais se iniciam pela mistura de água, vinho e açúcar. Variam as formas de ingestão do tóxico, o resultado, porém, é idêntico, e sempre o mesmo – o alcoolismo¹⁶⁵.

Foram poucos os relatos encontrados sobre desordens provocadas por mulheres embriagadas. Entre os encontrados, destacou-se a necessidade de deixar claro o lugar social dessas mulheres na sociedade.

As mundanas Julieta Maria de Araújo e Esmeraldina Sobral, em estado de embriaguez promoviam desordens ontem pela madrugada na rua estreita do Rosário ofendendo à moral pública.
O guarda 77, deu-lhe voz de prisão.
As alcoólatras se negaram a seguir presas provocando escândalos.
Solicitados os auxílios da Polícia foram presas sempre as turbulentas e recolhidas ao xadrez de Santo Antônio¹⁶⁶

A identificação do espaço da rua com a figura masculina possibilita que, ao serem presas por cometer desordens pelas ruas em estado de embriaguez, as mulheres sejam imediatamente caracterizadas como *mundanas*, *decaídas*, ou seja, mulheres da rua e não do lar.

¹⁶⁵ FUNDAJ. *Diário de Pernambuco*. O alcoolismo – flagelo social. Recife. 21/10/1927 – p. 01.

¹⁶⁶ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. O álcool inimigo da moral e da ordem. 07/03/1921 – p. 02.

A rua Matias de Albuquerque nº 49, distrito policial de Santo Antônio, reside a decaída Manon, francesa, que às vezes gosta de abusar e exceder-se das bebidas alcóolicas.

Ontem, então, a referida mulher estava disposta a 'luta'.

Cerca das 14 horas, em companhia de dois patrícios, fazia ela uma refeição, onde entrava como parte integrante uma boa porção de líquido.

Manon bebeu de tal maneira, que ficou como louca quebrando móveis, louças, o que encontrou enfim.

Em tal estado, foi necessário o auxílio da polícia¹⁶⁷

Apontado como um sério problema para a saúde pública, por causar doenças, ameaçar à raça, através das leis da hereditariedade e ainda por descarrilar homens de bem de sua função de provedor, o alcoolismo é com toda exatidão construído como um problema de homens. Nas mulheres o descarrilar dos trilhos dar-se em um outro terreno, o da sexualidade, sendo sinal de sua desonra e desonestidade moral.

A mundana Clotilde Ramos tomou, ontem uma forte carraspana, no pátio do Carmo e promoveu uma série de arruaças, ofendendo ao decoro público.

Clotilde deitou-se na rua e com a aproximação de qualquer indivíduo, derramava uma saraivada de obscenidades.

O guarda civil de ponto no local, com auxílio de outros guardas e investigadores, pode conduzi-la até a delegacia de Policia do 1º distrito da capital, em cujo xadrez foi recolhida¹⁶⁸

Uma outra forma bastante comum de relatos da presença feminina, em estado de embriaguez, era como coadjuvantes de homens que eram acusados de desordens e ofensas à moral pública, em companhia de mulheres bêbadas. Além desses relatos, a presença mais constante das mulheres era percebida, quando essas assumiam a posição de vítimas das agressões dos homens, fossem esses pais, maridos ou amásios. Na maioria dos casos, o motivo para a agressão era descrito como sendo simplesmente a condição de embriaguez, sendo comum expressões, como: "Quando se 'enche' quer bater na mulher" ou "sob a ação do álcool queria bater na mulher".

¹⁶⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Forte carraspana. Tornou-se louca sob a ação do álcool. 27/05/1926 – p. 02.

¹⁶⁸ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Que bruta carraspana!. Recife. 01/12/1927- p. 02.

João Antônio dos Santos, mais conhecido por 'João Automóvel' tem por norma viver embriagado.

Habita um casebre, nos Coelhos, em companhia de sua amasia Severina Justina de Azevedo, que diariamente é espancada pelo mesmo, pouco ligando este os protestos da vizinhança.

Anteontem pelas 23 horas, João Automóvel bastante embriagado, chegou em casa quebrando todos os móveis.

O protesto de Severina deu lugar a que recebesse espancamento, sendo o desordeiro preso e recolhido ao xadrez da Boa Vista, e daí removido para a penitenciária e Detenção do Recife¹⁶⁹.

Nesse relato é interessante percebemos que a mulher citada carregava em seu corpo as marcas cotidianas da agressão de seu amásio, agressão vista como resultado do fato de ter ele, "por norma, viver embriagado", sendo a situação conhecida pela vizinhança, ou seja, compartilhada com a sociedade. Entretanto, o marido agressor é recolhido ao xadrez não em virtude dos espancamentos impostos à esposa, mas por conta de sua ação de chegar em casa quebrando todos os móveis, quer dizer, a sua ação enquanto demolidor do lar. Nesse sentido, parece-nos que nas relações entre homens e mulheres, as agressões ao corpo feminino são mais aceitas do que a destruição do lar por um homem embriagado.

A embriaguez do homem cobrava da mulher mais paciência, pois, na maioria das vezes, uma simples palavra de desaprovação poderia implicar uma agressão da parte dele, como a ocorrida com Maria do Carmo Frazão:

... residente no sítio do Fiúza, em Afogados, procurou o sr. Delgado de Polícia do 2º distrito da capital, apresentando queixa contra o seu amante José Lourenço.

Este, ontem pela madrugada, ao chegar em casa, embriagado, esbordoou a queixosa, pelo simples fato de censurá-lo, por se encontrar naquele estado.

O Sr. Delegado mandou prender o acusado¹⁷⁰.

Assim, era comum que as mulheres suportassem os desaforos de seus

¹⁶⁹ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Cachaça e pancadaria. Recife. 30/01/1921 – p. 03.

¹⁷⁰ AEP. *Jornal do Commercio*. Na policia e nas ruas. Bebe, mas não quer conselhos. Zanga-se e dá bordoadas. Recife. 08/07/1927 – p. 02.

maridos ou amásios embriagados – o que, infelizmente, ainda é uma realidade não tão distante quanto nós desejaríamos. Entretanto, em se tratando de manter a casa, o lar da família em perfeito estado, às mulheres cabia evitar essa destruição, mesmo que, para isso, fosse necessário enfrentá-los. Esse cuidado com o lar, era visto como um dos principais deveres da esposa, a quem cabia a manutenção de um lar feliz¹⁷¹. A função de protetora e defensora do lar era alargada para as mulheres, responsabilizadas pela felicidade conjugal, inclusive, pelo comportamento masculino, como podemos perceber em matéria do *Jornal do Commercio*, na qual é relatado o assassinato cometido por um homem na defesa de sua honra ameaçada pelo feito feminino da infidelidade.

Em São Lourenço, no engenho 'Curupaity', morava Manuel Maciel de Lima, em companhia de sua esposa, Belarmina Maria da Conceição. No dia 4 do andante, Maria desapareceu de casa, sem deixar a menor justificativa da sua ausência. O marido investigando a respeito, soube que Belarmina havia fugido em companhia do indivíduo Antônio da Silva. Ferido na sua honra, resolveu Manuel Maciel sair ao encontro dos amantes, conseguindo alcança-los, poucas léguas dali. O sedutor, ao deparar-se com Manuel Maciel fez uso de uma faca, originando-se, então, uma luta, da qual resultou ser assassinado aquele. Após perpetrar o delito, o criminoso procurou o delegado de Polícia local, entregando à prisão¹⁷²

A forma como é narrado o acontecimento deixa claro o ajustamento desejado e esperado dos papéis de homens e mulheres nas primeiras décadas de 1900. Da mulher, tida como propriedade masculina, assim como a casa – primeiro espaço de poder – e os filhos, espera-se o cumprimento de um conjunto de deveres, entre os quais se destaca a fidelidade total ao marido, mesmo não sendo a recíproca verdadeira. Quanto ao homem, era esperado e cobrado que, sendo atingido em sua honra, a lavasse com sangue. Nessa sociedade tradicional, marcada pela compreensão e flexibilidade ao julgar a violência dos homens contra as mulheres, as atitudes agressivas de homens traídos em relação

¹⁷¹ BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas: revendo as mulheres*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996, p. 261.

¹⁷² AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Mulher que foge. Em defesa de sua honra, tornou-se assassino. Recife. 09/07/1926 – p. 02.

às esposas infiéis eram vistas de forma positiva - melhor ser um criminoso do que um covarde ou pior, um “corno”.

Nesse sentido, a mulher na fala citada é apontada como a grande culpada do ocorrido, ou seja, a morte do amante e a transformação do marido em um assassino, sendo essa ação do marido vista com complacência, que sugere que ele apenas teria reagido diante do que era considerado uma provocação feminina.

A dominação, *o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade*¹⁷³, ou seja, o homem para enquadrar-se a uma masculinidade dominante, precisava tê-la testada, atestada e reconhecida pelos outros homens e também pelas mulheres, sendo que uma das formas de teste consistia em demonstrar ter domínio sobre sua esposa, filhos e filhas, especialmente sobre as mulheres. A falta desse domínio poderia implicar caracterizar a sua incapacidade de adequar-se ao paradigma de masculinidade dominante na sociedade, caracterizada pela força viril e pela posse feminina.

A defesa da honra é assim percebida como um dos indícios da fragilidade masculina, a qual implica uma necessidade de provar ser homem, de se ver enquadrado ao modelo de masculinidade dominante que se pretende hegemônica¹⁷⁴. O que significa dizer que *a masculinidade não é mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado*¹⁷⁵, no qual, a mulher, tida como dominada, também exerce domínio, considerando que a relação homem/mulher independente de raça, idade, classe social é, antes de

¹⁷³ BORDIEU, Pierre. Op. Cit., 1999, p. 64.

¹⁷⁴ Como citado na introdução desse trabalho, o termo masculinidade hegemônica é um termo apresentado e discutido por Miguel de Almeida, que o coloca em oposição ao termo de masculinidade subordinada. Ver ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. *Anuário Antropológico/95*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

¹⁷⁵ Id. Ibidem., p. 163.

tudo, uma relação de poder. E pensando essa relação com Michel Foucault¹⁷⁶, toda ela é marcada por resistências, logo, não admite lugares fixos entre dominados e dominantes, existindo, portanto, o outro lado da moeda, a vulnerabilidade masculina. Deste modo, ao trair, a mulher exerce o poder de abalar as estruturas da identidade masculina, a conduta “desonrosa” de uma mulher macula a honra de seu pai, de seu marido, que vira “cornos”, e do seu filho, que vira “filho da puta”¹⁷⁷.

3.3. Companheiros de Farra: Álcool e disputas masculinas.

A inculcação na sociedade da existência de uma masculinidade hegemônica, e, portanto, unívoca, leva a uma marginalização de outras possíveis formas de ser homem. No período estudado, percebemos o favorecimento, por parte da imprensa pernambucana, para com um modelo masculino que corresponderia ao ideal de identidade masculina dominante da época, nesse sentido, as propagandas de remédio são bem emblemáticas.

Para os homens eram anunciados remédios, como: *vitamonal*¹⁷⁸, que prometia ser um tônico gerador de forças, garantindo ao homem robustez; um outro anunciado, era o *potentol*, que prometia um desfrutar da mocidade eterna, trazendo ilustrações que anunciavam um antes e um depois, no qual, o antes, mostrava um homem fraco, debilitado e anunciava-se *ANTES: Fraqueza, esgotamento, desânimo, decepções...* ao depois, era vinculada a ilustração do mesmo homem, agora forte, em pé, bem vestido, saindo do quarto, enquanto atrás de uma cortina mulheres observavam admirando-o. Correspondendo a esse

¹⁷⁶ O filósofo Michel Foucault, desenvolveu uma ampla discussão sobre o que denominou a genealogia do poder. Em seus trabalhos ele defende a noção do poder não como uma coisa algo que possa ser apropriado, por alguém, mas, como uma prática social, sendo não apropriado e sim exercido nas relações. Ver FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 1979; FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. Tradução de Lígia M. Vassallo. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

¹⁷⁷ SILVA, Enélio Alcides da. Violência sexual na cadeia: Honra e Masculinidade. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: Editora da UFSC, vol 15., nº 21, p. 136, 1997.

¹⁷⁸ AEP. *Jornal do Commercio*. Eis o meu segredo!!! Devo minha robustez ao uso do Vitamonal. Recife. 18/07/1926 – p. 12.

segundo momento vinha inserida a legenda, *DEPOIS: Vigor, energia, animação, alegria de viver*¹⁷⁹. Já para as mulheres, entre os muitos remédios anunciados, podemos citar: *A saúde da mulher* e *Rugol. Saúde da mulher*¹⁸⁰ trazia a promessa de ser o melhor remédio contra as doenças do útero e dos ovários, também prometia combater com vigor as irregularidades menstruais e as cólicas uterinas. O outro remédio, *Rugol*¹⁸¹, era descrito como sendo um creme científico, que operaria uma verdadeira transformação embelezando e rejuvenescendo ao mesmo tempo.

Sobre um outro remédio, *pastilhas MO COY*, remédio aconselhado para ambos os sexos, vejamos as distinções entre a propaganda dirigida aos homens em relação às dirigidas, às mulheres:

Uma mulher magra perde o amor do seu esposo

Com as faces encovadas e pálidas – com um corpo fraco – sem energias – como pode esperar conservar o amor e a admiração do seu marido?

Mas não se desespere. Em um mês, com o uso das Pastilhas MO COY (Macoy) de Óleo de Fígado de bacalhau, V.S. poderá reconstruir sua saúde – aumentar vários quilos de carne sólidas – sentir-se-á muito melhor, aparentando ter 10 anos menos, e então – ele sentir-se-á orgulhoso de V.S. [Grifo nosso]¹⁸².

Para os homens é dito:

Mais vigor e força para homens fracos e doentios

É o homem de energia, o homem de esplêndidos músculos e muita vitalidade, que atrai a admiração do belo sexo nos dias de hoje.

Ao homem fraco e doentio faz falta mais carnes – necessita mais peso para transformar-se num homem de energia, vitalidade e força – isto é o que nos diz a ciência e a ciência geralmente está certa.

Se lhe falta mais peso, uns 5 ou 6 quilos de carnes sólidas que dar-lhe-iam a aparência de um homem varonil – por amor a si mesmo – comece hoje mesmo a tomar as Pastilhas MO COY (Macoy) de Óleo de Fígado de bacalhau, e obterá todos os elementos valiosos do mais puro óleo de

¹⁷⁹ AEP. *Jornal do Commercio*. Potentol. Usá-lo é desfrutar mocidade eterna! Recife. 18/07/1926 – p. 08.

¹⁸⁰ AEP. *Jornal do Commercio*. A saúde da mulher: combate as doenças do útero. Recife. 18/07/1926 – p. 08.

¹⁸¹ AEP. *Jornal do Commercio*. Adeus rugas: experimentai hoje mesmo o “Rugol”. Recife. 18/07/1926 – p. 14.

¹⁸² AEP. *Diário de Pernambuco*. Uma mulher magra perde o amor do seu esposo. Recife. 24/05/1931 – p. 04.

fígado de bacalhau em forma agradável ao paladar – e o que é ainda mais cômodo – poderá tomá-las em todas as estações do ano. Cobertas de uma capa de açúcar – não produzem náuseas e nunca atrapalham o estômago. São insubstituíveis para homens, mulheres e crianças débeis, anêmicos e doentios¹⁸³.

Nas propagandas, as definições, delimitações e deveres percebidos como masculinos e femininos são explicitados, vistos como naturais, já que obedecem a uma divisão natural dos sexos. Assim, são estabelecidos que, enquanto a mulher cabia , manter-se bonita evitando as doenças e o declínio da beleza, condições necessárias à manutenção da admiração e amor do seu marido, ao homem cabia manter-se forte, com vigor, evitando as debilidades, garantindo a aparência varonil, os músculos e a vitalidade capaz de atrair o belo sexo.

A aparência varonil¹⁸⁴, para o homem, era tida como tão importante quanto a beleza para a mulher. O homem precisava mostrar e provar ser varão. Para isso, era preciso ser másculo, enérgico, viril, além de corajoso e destemido. Pensando o corpo enquanto um suporte de significados, passíveis de leitura¹⁸⁵, no homem, deveria ser símbolo de músculos esplêndidos e robustez, em contraste com a fragilidade dos corpos femininos, mas também em contraste com outros corpos masculinos. A aparência varonil através de um corpo musculoso, era uma das cobranças feitas ao homem que precisava reafirmar cotidianamente sua virilidade.

As constantes publicações de propagandas que chamavam os homens a ingerir esses remédios, denotam a preocupação que pairava em torno das devidas delimitações dos lugares de homens e mulheres na sociedade, o receio de que o progresso, pudesse fazer transbordar as barreiras do feminino e do masculino.

¹⁸³ AEP. *Diário de Pernambuco*. Mais vigor e força para homens fracos e doentios. Recife. 17/05/1931 – p. 01. Grifo nosso

¹⁸⁴ Maria José Somerlate Barbosa, em seu artigo intitulado “Chorar, verbo transitivo”, abre uma interessante discussão sobre como o conceito de masculinidade, está calcado em valores físicos que foram transformados em valores morais também. *A sexualização da masculinidade encontra tanto respaldo que até os dicionários de língua portuguesa apresentam os termos ‘virilidade e ‘masculinidade’ como sinônimos*. Ver BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. *Cadernos Pagu*, Cidade, v., 11, p. 322.

¹⁸⁵ JARDIM, Denise Fagundes. [S.l: s.n, 1980?], p. 193.

Nesse sentido, as lutas das feministas, juntamente ao crescimento urbano, em oposição ao crescente declínio do mundo rural, significavam, por um lado, para os homens ricos, ameaça à identidade masculina, altiva e imponente, de homens que sabiam lidar com o poder de mando, mas que se sentiam ameaçados, pela emergência de novas figuras, como os bacharéis, almofadinhas, denunciados por se mostrarem incapazes de acompanhar o antigo padrão que definia os homens de fibra. Por outro lado, para os homens pobres, recém inseridos no mercado de trabalho, em virtude da abolição da escravatura, era exigido que fossem fortes, disciplinados e moderados.

No caso dos homens pobres, a busca em normatizar seus comportamentos levará a imprensa pernambucana a constantemente denunciar os momentos em que esses burlavam as normas de disciplina e moderação, encontrando nas bebidas alcoólicas a possibilidade de romper com as normas sociais. Sendo denunciados por provocar desordens, são associados aos demais ameaçadores da ordem urbana. Entretanto, o que despertou nossa atenção durante a pesquisa foi percebermos que, entre as ocorrências por embriaguez, eram denunciadas muitas agressões vivenciadas entre homens, comumente ocorridas entre companheiros de farra, agressões que, algumas vezes, acabavam por finalizar com um assassino e o homicídio de um dos envolvidos.

Esses atos eram denunciados e anunciados, de tal forma que, ao abirmos os jornais, especialmente, o *Jornal do Commercio*, quando chegávamos à coluna intitulada *Na polícia e nas ruas*, já íamos pressentindo o clima das agressões entre os homens, e o odor da cachaça ou aguardente, pois, nos relatos das desavenças ocorridas, na sua maior parte, os envolvidos estavam alcoolizados. *Para as festas do Momo saíram anteontem Antenor Eloy de Souza e Manuel de tal.[...] Começaram a beber e em dado momento entraram a discutir. [...] Manuel de tal vibrou no companheiro uma facada na região glútea.*¹⁸⁶

Com o intuito de, através do relato dos casos, apontar o consumo da cachaça como um mau costume, iam sendo denunciadas as confusões geradas

¹⁸⁶ AEP. *Jornal do Commercio*. Álcool é sinal de desordem. Recife. 10/02/ 1921 - p. 02.

entre homens que, ao saírem para beber, nem sempre voltavam para casa, pois, algumas vezes iam para o hospital, outras para a cadeia e, em último caso, para o cemitério. O mais interessante é que muitos eram os episódios em que se apontava para uma possível relação de amizade entre os homens, sendo esses denominados, como companheiros de farra, homens que, muitas vezes, reuniam-se nas tavernas, botequins, quitandas ou em casas de amigos com o intuito de beber.

A farra une e desune

Companheiros inseparáveis de troças, eram José Thmé de Souza e Mário Gonçalves da Silva, residentes em Olinda.

Ontem pela madrugada quando estavam na "farra", por questões sem importância começaram a discutir.

Ambos alcoolizados terminaram em luta.

Mário que estava armado de uma faca, fez em seu companheiro dois ferimentos, sendo que um de natureza grave na região abdominal [Grifo nosso]¹⁸⁷.

Nesse relato, é atribuído aos homens um certo grau de conhecimento, posto que costumavam se reunir para as troças, entretanto, isso não impediu que entre eles surgisse um desentendimento, e mesmo que, como dito, a luta tenha tido seu início "por questões sem importância". A maneira como foi conduzida entre os envolvidos, não foi nada amena, tanto que, um deles saiu gravemente ferido. Nesse sentido, não havendo razão maior para o início e desenrolar da disputa entre os homens citados, fica claro que o objetivo da publicação de tais histórias, era, fundamentado no desejo de convencer os homens do quanto poderiam ser perigosos os momentos de farra, especialmente pelo fato de, nesses, o álcool ser presença constante, de modo que era a ingestão alcoólica, caracterizada como causa para que os momentos de união entre homens, fossem rapidamente desencadeados em momentos de desunião.

Alcoolizado assassinou o outro.

No lugar 'Queimada' do município de Bom Jardim no dia 10 do corrente, foi barbaramente assassinado a punhal o popular Pichet. [...] A vítima foi atingida no coração. [...] O criminoso foi preso em flagrante

¹⁸⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. A farra une e desune. Recife. 19/01/1921 - p. 02. Grifo nosso.

apresentando-se bastante alcoolizado. [...] Não houve razão justificável para o delito¹⁸⁸

Nessa outra fala, ao ser denunciada mais uma atitude de violência entre homens, predomina novamente o destaque para a questão da não existência, de uma *razão justificável* para o ocorrido, de modo que, ao ser preso em flagrante, o indivíduo alcoolizado não tem explicação para o seu delito. O que desperta nossa atenção é o fato de pesar mais como causa para crime tão bárbaro o estado de embriaguez no qual se encontrava o assassino, de modo que é dito não ter havido uma razão que justificasse o crime, sendo apontado como fator preponderante o fato de ter sido o assassino preso bastante alcoolizado, ou seja, se não havia uma razão que pudesse justificar tal comportamento agressivo, o mais viável era perceber o crime como sendo mais um dos efeitos do álcool.

A condição de embriaguez era suficiente para explicar os casos de violência, o que nos leva a acreditar que, segundo o pensamento da época, a bebida despertava nos homens uma agressividade que era percebida como lhes sendo inerente, considerando que o comportamento violento é historicamente construído, como marca da virilidade masculina¹⁸⁹.

Ao denunciar a cachaça como causadora da violência, das disputas entre homens, os discursos possibilitavam que essa prática fosse construída como um dos parâmetros de masculinidade, visto que, a violência nessa sociedade tradicional, são atribuídos significados paradoxais, sendo por um lado recriminada e juridicamente condenada, mas, por outro, valorizada, tida como uma característica da própria forma de ser nordestino e mais acentuadamente, *um dos elementos que compoariam os atributos da masculinidade nessa região. [onde] ser 'cabra macho' requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade o frouxo não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes*¹⁹⁰.

¹⁸⁸ AEP. *Jornal do Commercio*. Alcoolizado assassinou o outro. Recife. 15/ 04/ 1921- p. 05.

¹⁸⁹ NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 28.

¹⁹⁰ ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. *Mole não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino*. Campina Grande, 1995. Mimeografado, p. 02.

Nesse sentido, certas formas de coragem expressadas pelos homens, como a recusa clara de medidas de prudência, encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo “viril” de ser excluído do mundo dos homens, um mundo caracterizado pela ausência de fraquezas¹⁹¹ e pela presença de independência, autonomia, autoconfiança, liderança nas relações de gênero e agressividade. Daí as disputas entre homens serem uma constante, pois fazem parte das possibilidades de reafirmação masculina, ou seja, as relações entre homens são relações de força e poder.

Assim o dito nas denúncias sobre as agressões masculinas de que essas não tinham um motivo racional capaz de explicá-las sugere, nas entrelinhas, e algumas vezes afirma com todas as palavras, que aquelas representavam disputas por uma afirmação e constante necessidade de reafirmação masculina, Essa busca de mostrar-se melhor, mais forte e mais ágil que o outro é perceptível no caso do assassinato cometido por Manuel José do Nascimento, conhecido como “Pião Dolero”, - apresentado como perigoso desordeiro, processado diversas vezes - contra um seu “companheiro de pândegas”, o pescador José Carlos Geraldo, vulgo “José Encarnadinho”. O fato teria ocorrido após a ingestão de algumas bebidas. Ao ser preso, Pião Dolero faz a seguinte confissão:

[...] ao ser interrogado pela autoridade, confessou tudo sem coação de espécie alguma.

Adiantou que a arma que havia mandado preparar era para o primeiro encontro com o indivíduo conhecido por ‘Chico Diabo’, pois pretendia matá-lo, ao fazer libações com a vítima a quem entregara a sua arma.

Tendo, entretanto, saído desconfiado de que a mesma estava mal intencionada para consigo resolveu matá-lo¹⁹²

O relato do assassinato cometido por Pião Dolero é representativo das disputas de poder presentes na sociabilidade masculina. Na situação, foi colocada pelo agressor como justificativa para o seu ato, a suspeita suscitada em relação ao outro, de que aquele pudesse estar tramando contra ele, afirmando que, diante de tais suspeitas, a sua opção foi a de dominá-lo, antes que ele o fizesse.

¹⁹¹ BORDIEU, Pierre. Op. Cit., 1999, p. 66.

¹⁹² AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Assassino bárbaro. “Pião Dolero” mata um seu companheiro de “farra”. Recife. 22/05/1926 – p. 02.

Aparece aqui a necessidade de controle sobre o corpo do outro como uma forma de mostrar-se mais ágil, mais forte, mais seguro. Esses valores, amplamente cultuados e cultivados, na cultura masculina, definida pelo modelo patriarcal, impossibilitava o estabelecimento de qualquer tipo de contato fora das fronteiras demarcadas pela moral patriarcal, que, em última instância, fazia crer aos homens que estavam continuamente expostos ao ataque¹⁹³.

O que se pode concluir, portanto, na atitude de Pião Dolero, é que esta se deu baseada na noção de que na relação entre homens não há espaço para confiança. De acordo com seus princípios, era uma relação competitiva, assim, o ato por ele cometido norteava-se a partir da força de um poder simbólico¹⁹⁴ presente na sociedade, que exigia dele, assim como dos demais homens, comportamentos ativos, capacidade de dominar o corpo do outro.

Vicente e Minervina solenizando a chegada ao Recife de João Clímaco dos Santos, também marítimo, que andava viajando lhe ofereceram um almoço íntimo no qual tomaram parte várias outras mulheres e amigos. A festa corria na maior expansão, havendo grande consumo de álcool. Em certa altura Vicente e João Clímaco entraram a contar proezas, cada um escolhendo a primazia do maior vulto delas. No decorrer da conversa os dois amigos passaram a discutir, parecendo terem ambos lutado. Vicente, ao que se diz, procurando livrar-se dos golpes de faca que lhe atirava João Clímaco jogou-se da janela do sobrado ao solo, sendo apanhado na rua bastante contundido e em grave estado¹⁹⁵.

Nesse outro relato, diz-se abertamente que o motivo para a desavença entre Vicente e João Clímaco foi a narração de suas proezas, somando-se a isso o fato de estarem os dois em estado de embriaguez. Ou seja, o estopim da discórdia foi ter surgido entre os dois homens, de forma declarada, uma disputa na evocação de feitos passados que, no momento da discussão, foram super dimensionados ou até inventados. Assim, fica claro que, na relação com outros

¹⁹³ NOLASCO, Sócrates. Op . Cit., 1993, p. 43.

¹⁹⁴ Sobre o conceito de "Poder Simbólico", ver BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

¹⁹⁵ AEP. *Jornal do Commercio*. Do álcool à luta e ao crime. Recife. 04/ 10/1920 - p. 02.

homens, o simples ato de contar suas histórias¹⁹⁶ poderia apresentar-se como uma competição, um jogo de poder na busca de reconhecimento, aceitação e afirmação de quem as conta¹⁹⁷. No caso da relação regada a cachaça, as possibilidades para competição eram ainda maiores, pois a bebida estimularia a perda da razão e o aumento da impetuosidade, da coragem de arriscar-se nas mais loucas aventuras, como narrado a seguir:

Morreu encharcado de aguardente
 Achavam-se reunidos, anteontem, numa venda, em Olinda, Varadouro
 os pescadores Alfredo Luiz Alves e Osmundo Amorim.
 Como é natural, não se deram muitos minutos sem que os mesmos
 escorruptichassem um copo de aguardente.
 Alfredo então, disse, que de uma feita ingerira, de um só trago, uma
 garrafa de aguardente. Seu companheiro duvidou, pelo que foi fechada
 uma aposta de 50\$000 que foram depositados em mãos do dono da
 venda.
 Efetivamente, Alfredo, derramando o conteúdo de uma garrafa de
 aguardente em uma vasilha, ingeriu-o de um trago, saindo vencedor na
 aposta.
 Osmundo, além de perder o dinheiro, foi obrigado a levar o companheiro
 a sua residência, no Rio Doce, em virtude do completo estado de
 etilismo agudo em que o mesmo se achava.
 Passando mal o resto do dia, Luiz Alves piorando consideravelmente
 durante a noite, veio a falecer pela madrugada¹⁹⁸.

Como já discutido, a presença da cachaça nas relações entre os homens, no período analisado, era dita como garantia certa da deflagração de confrontos, de modo que as campanhas suscitadas contra o consumo do álcool, juntamente aos conselhos enviados através de artigos e colunas publicados nos jornais, tinham como meta, se não a extinção por completo do hábito de beber - devido às pressões de uma burguesia capitalista interessada na venda das bebidas, e de uma cultura já impregnada - ao menos, instituir a necessidade e a importância da moderação no consumo, especialmente da cachaça. Entretanto, como fica claro

¹⁹⁶ Denise Jardim, em seu texto "Performances, Reprodução e Produção dos Corpos Masculinos", como nas relações entre os homens a narração de histórias e as marcas no corpo para comprová-las, podem ser utilizadas como evidência de coragem, diz ela, ainda que as marcas resultassem de qualquer acidente de trabalho ou brigas, entre homens, elas eram apresentadas como emblemas de coragem. Ver JARDIM, Denise Fagundes. Op. Cit., [1980?], p. 202.

¹⁹⁷ NOLASCO, Sócrates. Op. cit., 1993, p. 43.

¹⁹⁸ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Uma aposta funesta. Morreu encharcado de aguardente. Recife. 05/05/1926 – p. 02.

através da fala anterior, o consumo exacerbado era uma das formas de competitividade entre os homens.

Entre os muitos casos estampados nas páginas dos jornais, nos quais a cachaça era dita como causa direta de homicídio no universo masculino, esse destaca-se pelo fato de que a morte não ocorreu como produto de uma agressão física, mas sim, como consequência do alto consumo da aguardente. Esse caso exemplificava as muitas afirmações feitas pelos médicos de que a cachaça era um veneno, que poderia levar à morte. Esse era, segundo o nosso entender, o objetivo da publicação do ocorrido. No entanto, mais do que exemplificar sobre os perigos da bebida, expressa a valorização do beber cachaça na sociabilidade masculina, a ponto de a capacidade de ingerir a bebida em grande quantidade ser motivo para “aposta funesta”.

Essa aposta confirma que embora dito como moralmente depreciável, o consumo da bebida entre os homens vai sendo construído como um indicador da coragem masculina, um dos parâmetros definidores da masculinidade, de forma que dizer “não” a mais uma “tragada” de aguardente era denunciado como motivo para agressão.

Não queria mais beber.

Em libações andava, ante ontem, durante todo o dia os indivíduos José de Lima e Silva e Antônio da Paz, até que cerca das 15 horas, ao passarem em uma quitanda, na rua Campos Sales, serviram-se, ainda uma vez, de aguardente.

Na saída, porém, Antônio exigiu que o seu companheiro voltasse para a mesma quitanda, a fim de tomarem nova ‘tragada’.

José de Lima a isto se opôs, sendo bastante para ser agredido por Antônio da Paz, que lhe vibrou uma cacetada, ferindo-o na região occipital.

O agressor evadiu-se.

A polícia local tomou conhecimento do fato.

A vítima estava no posto da Assistência Pública, recebendo os necessários curativos¹⁹⁹

¹⁹⁹ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Entre dois amigos de ‘farra’. Não queria mais beber. Recife. 01/06/1926 – p. 02.

Igualmente, dizer “não” a um convite para beber poderia ser suficiente para o desfechar de um ato violento, como no relato a seguir intitulado “O prestígio da Aguardente”.

Não bebe? Então lá vai a faca.

O estivador Amaro Silva, ontem cerca das 12 horas, passava pela rua Vigário Tenório, no Recife, quando deparou com seu camarada Antônio José Gomes em uma quitanda, entrando ambos a conversar. Decorrido pouco tempo, quando Amaro se retirava seu companheiro convidou-o para servir-se de aguardente.

Alegando achar-se adoentado, recusou a ‘pinga’, sendo então, agredido por Antônio José que armado de uma faca americana, produziu-lhe um extenso golpe na mão esquerda²⁰⁰.

A rejeição à bebida foi, nesse caso, o “erro” cometido por Amaro Silva, vítima da agressão de um amigo pelo simples fato de ter se negado a beber em sua companhia, sendo essa negação entendida como uma espécie de insulto. A atitude agressiva, entretanto, já parecia ser esperada por parte da vítima, que não fez uma recusa direta, mas procurou se esquivar, deixando claro que só não beberia por encontrar-se *adoentado*, ou seja, nesse seu cuidado em negar-se ao convite, pode-se entender que o “não”, nesses momentos de sociabilidade entre homens, não era bem visto.

A ingestão da bebida é, então, dita como uma imposição para o homem. Em uma sociedade, onde ele era – como ainda o é – cobrado, desde a mais tenra infância, a acreditar na existência de um homem viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune às fragilidades, inseguranças e angústia, o medo de não ser aceito entre os demais homens do seu grupo faz-nos entender a lógica que leva à necessidade de que, diante de um convite para entornar uma pinga, o homem se sinta no dever de inventar desculpas para não beber.

os momentos entre homens são importantes enquanto uma vivência masculina. Nos botecos, vislumbra-se um momento de interação (e reflexão) entre homens onde são produzidas e relatadas experiências de trabalho ou mais amplamente, de ‘como um homem tem de ser na vida’²⁰¹.

²⁰⁰ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. O prestígio da aguardente. Não bebe? Então lá vai a faca. Recife. 13/06/1926 – p. 04.

²⁰¹ JARDIM, Denise Fagundes. Op. Cit., [1980?], p. 194.

Dessa forma, é também um momento, no qual a fragilidade masculina, tão amplamente negada, instaura-se pelo medo de não saber portar-se da maneira esperada. Assim, a agressão sofrida por Amaro Silva evidencia a necessidade de reprodução de um comportamento, que ao mesmo tempo em que era denunciado como mau costume, ia sendo associado ao universo masculino.

O hábito de beber cachaça, era apontado como um mal difícil de ser eliminado, pois dizia-se já enraizado nos costumes dos homens pobres, ao ser apontada a sua presença constante nas quitandas, vendas, comemorações entre amigos, enfim, ao ser anunciada sua presença especialmente nos espaços públicos, ou seja, espaços legitimados socialmente como pertencente ao universo masculino. Iam sendo construídas, assim, condições históricas que possibilitaram a nossa percepção atual, segundo a qual, a cachaça é diretamente associada à sociabilidade masculina.

3.4. Cachaça tira juízo, mas dá coragem

A violência move e sustenta a balança de poder entre os homens, na medida em que funciona como dispositivo para reverter ou manter determinada correlação de forças que lhes é solicitada socialmente. O apelo é para que ocupem posições de prestígio e nelas sejam soberanos. E é para cumprir este apelo que a violência se transformou em marca masculina, acionada pelos homens quando se vêem impossibilitados de exercerem este papel. A violência passou a ser uma ferramenta por meio da qual um homem busca materializar o que para ele está prescrito no imaginário da cultura do Ocidente²⁰².

Utilizamos aqui a discussão de Sócrates Nolasco, na qual apresenta a violência como essa balança de poder entre homens, com o objetivo de pensarmos nas muitas agressões cometidas por homens ébrios, nas primeiras décadas do século XX. Essas agressões tinham, no álcool, a sua razão de ser,

²⁰² NOLASCO, Sócrates. Op. Cit., 1993, p. 61.

posto que, à bebida, eram atribuídas as manifestações vistas como atos impensados, nos quais os homens colocavam em risco suas vidas, assim como a vida daqueles com os quais conviviam.

Os muitos relatos denunciavam as atitudes impensadas dos homens e apontavam o fato de estarem alcoolizados como uma forma de explicar tais atitudes. A emergência do alcoolismo enquanto problema social, a explicação racional dada pelo discurso médico às manifestações dos indivíduos alcoolizados como resultado do *delírio alucinatório, que se caracterizava, como uma das formas mais graves do alcoolismo, porque torna o indivíduo perigosíssimo à sociedade, levando-o à prática do crime e ao suicídio*²⁰³, vinha a atender a necessidade de explicar o que parecia não ter explicação.

Pelas 2 horas da madrugada de ontem, Cecílio Fisher Vieira bastante alcoolizado jogou-se da ponte da Boa Vista ao rio Capibaribe. Pessoas que presenciaram o fato deram parte à Polícia, comparecendo os Severino da Silva e Severino de Andrade que, jogando-se ao rio, puderam salvar o 'chuva'. Cecílio é um rapaz de boa família, mas, ultimamente devido ao vício do álcool tem cometido toda série de fatos vergonhosos²⁰⁴.

Como consequência dos delírios provocados pelo álcool, os homens podiam tornar-se incapazes de controlar seus sentimentos e seus corpos. Eram homens que, com o andar cambaleante, de passos incertos, perdiam o equilíbrio de suas vidas, sendo levados a comportamentos que, se não fosse a *razão* "turva e ébria", que os deixava a "cabeça em pandarecos", jamais o fariam. Entre as explicações médicas, ia sendo colocada a probabilidade maior em homens alcoolizados do que em homens sóbrios, de cometer atos não justificáveis racionalmente, produto de uma desrazão, uma atitude impensada, provocada pelo álcool.

Nesse sentido, os médicos, em artigos publicados na imprensa, em prol das campanhas antialcoólicas, discorriam fartamente sobre as atitudes dos

²⁰³ AEP. *Jornal do Commercio*. Liga Brasileira de Higiene Mental. Recife. 22/10/1927 – p. 10.

²⁰⁴ AEP. *Jornal do Commercio*. Na polícia e nas ruas. Cachaça e tentativa de suicídio. Recife. 19/01/1921 – p. 02.

indivíduos após o consumo de bebidas alcoólicas. Esses ficavam agressivos, insanos, alienados, perdiam o autocontrole, praticando atos sobre os quais não deveriam ser responsabilizados, pois eram resultados do álcool em seu organismo. Por isso, defendia-se arduamente que o combate ao consumo do álcool reduziria a criminalidade e a loucura.

A criminalidade teria, então, no álcool, conforme colocamos no primeiro capítulo deste trabalho, um dos seus principais causadores. Em entrevista concedida ao *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro e publicada no *Jornal do Commercio*, o médico Juliano Moreira, diretor do Hospital Nacional de Alienados, *incontestável autoridade cuja opinião na matéria relativa a doenças mentais deixa de ser um ponto de vista pessoal para constituir doutrina em todos os países cultos*²⁰⁵, faz algumas considerações sobre a relação entre álcool e loucura, afirmando que o álcool era o principal inimigo da saúde mental.

[...] e o que mais depaupera essa saúde?

O álcool. Ele é sem duvida alguma o pior dos inimigos da saúde mental. Não é tempo ainda de repetir agora tudo quando na recente Semana antialcoólica promovida pela Liga de Higiene Mental, foi dito e redito nas várias conferências que foram pronunciadas aqui no Rio, e nos Estados. Bom será, todavia que a imprensa de quando em quando, procure reavivar na memória do povo os grandes males que o alcoolismo produz em sua mentalidade²⁰⁶.

Esse depoimento afirma que a loucura seria produzida pelo alcoolismo, e ainda que os muitos internamentos em hospitais, por causa de delírios foram direta e exclusivamente devido às bebidas alcoólicas. Da mesma forma casos de pessoas débeis mentais, epilépticas, seriam conseqüências do excesso de bebidas fortes, que produziram a excitação determinante de sua internação. O médico reivindica medidas profiláticas com o firme propósito de diminuir esse perigo social e pesado encargo para o Estado, provocado pelos reinternados múltiplas vezes, em conseqüência do álcool. Daí a denuncia de que:

[...] Há alguns anos vem a diretoria geral afirmando o seguinte: somente quem vive dentro dos manicômios poderá avaliar ao certo quanto esses ébrios recalcitrantes prejudicam a boa ordem e disciplina de tais

²⁰⁵ AEP. *Jornal do Commercio*. Alcoolismo e loucura. Recife. 18/11/1927 – p. 03.

²⁰⁶ AEP. *Jornal do Commercio*. Alcoolismo e Loucura. Recife. 18/11/1927 – p. 03.

estabelecimentos que, aliás, incontestavelmente, não lhes convém. Muitos e muitos desses reincidentes transformam-se em verdadeiros parasitas e piores dos manicômios para onde se sabem facilmente fazer enviar, ou com a simples alegação de que ali já estiveram ou simulando na delegacia ora um ataque epilético, ora um acesso de fúria. Assim não raro cometem delitos certos da impunidade, só por que já estiveram no manicômio. Alguns têm chegado a requerer atestado de internação para com isso atenuar penas em que tenham incorrido. Depois de internados, ao quarto ou quinto dia, começam a engendrar toda espécie de más combinações com o fito de receberem alta para beber ou licenças para sair ou mesmo alta e de novo se alcoolizarem lá fora ao seu bel prazer²⁰⁷.

Ao tempo em que afirma o álcool como produtor da loucura denominada de “loucura alcoólica”, o médico avalia que os manicômios não eram locais adequados a esses indivíduos acometidos por delírios de origem alcoólica, afirmando que esses se tornavam um encargo pesado ao governo, parasitas contra os quais deveriam ser tomadas medidas profiláticas. Mas, se por um lado havia uma insistência em afirmar o álcool como fator predominante das doenças mentais, por outro, o seu discurso esmaecia, ao colocar sob suspeita a necessidade de internamento, pois, segundo suas palavras, muitas vezes o internamento era uma estratégia de fuga à punição por delitos cometidos, posto que, durante o período de intoxicação alcoólica, o indivíduo era tido como incapacitado para reger sua vida, como irresponsável civil e criminalmente, conforme os princípios da medicina legal.

Para completar, ao pedir as providências do governo no sentido de assumir medidas profiláticas no tratamento do alcoolismo, o médico sugeria que, enquanto não fossem tomadas tais medidas, deveriam ser fundadas colônias de trabalho, para que os indivíduos bebedores pudessem ser obrigados a trabalhar no cultivo da terra. Dessa maneira, o médico deslocava o alcoolismo de uma questão de saúde para uma questão moral, indivíduos menos moralizados, ociosos, é que se davam à prática de vícios, como o consumo de bebidas.

Decorre daí a tendência dos noticiários da imprensa de descrever os feitos dos homens embriagados, também como defeitos morais. Homens ou

²⁰⁷ AEP. *Jornal do Commercio*. Alcoolismo e loucura. Recife. 18/11/1927, p. 03.

mulheres de vida suspeita, de maus costumes, passavam facilmente de desordeiros a ladrões e criminosos. Outras vezes, denunciava-se a transformação sofrida por “homens de bem” – leia-se trabalhadores, logo, provedores responsáveis por sua prole - , após a ingestão da cachaça. Deste modo, a relação entre álcool e crime, ao ser constatada, tornava-se uma das principais discussões da medicina legal, abordada através de um ponto de vista moralizante. Nos tribunais, onde ocorriam cotidianamente discussões sobre alcoolismo e violência, o primeiro, às vezes visto como uma circunstância agravante, na maioria dos casos, era usado como atenuante, o que promovia a clemência e, portanto, contribuía para reduzir a sentença penal²⁰⁸.

Destarte, ao ser apontada como detonador de crimes bárbaros, de embates entre companheiros de farra, bem como das agressões contra crianças e mulheres, a bebida acabava por ser utilizada como “desculpa”, nos subterfúgios dos advogados para liberar seus clientes de determinados delitos²⁰⁹.

Assim, a afirmação do discurso médico de que o indivíduo alcoolizado estaria em estado de alienação, ao invés de atender às solicitações das campanhas antialcoólicas, no sentido de erradicar o consumo das bebidas, ao contrário, foi utilizado como recurso capaz de garantir uma justificativa às atitudes de violência, ou seja, possibilitou a produção e reprodução da idéia da essência violenta no homem, que, embrutecido com o efeito da cachaça, deixaria que essa essência viesse à tona.

Do homem violento, após virar uma pinga, era dito que a cachaça o fizera bancar o valentão, que o álcool lhe dera valentia, que, após a farra foi de faca no companheiro, enfim, muitas afirmações confirmam o discurso médico de que a bebida era fator preponderante à indução das práticas violentas, fazendo do homem uma figura eminentemente agressiva, despojada de medos. Após algumas bicadas, o homem mostrava-se capaz das mais inesperadas loucuras,

²⁰⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. Cit., p. 91.

²⁰⁹ SOUSA, Noélia Alves de. *A liberdade é vermelha?* Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997, p. 171.

que, por mais insanas e condenáveis que fossem, eram, acima de tudo, de acordo com o código tácito que configurava a masculinidade dominante, uma superação dos medos, uma prova de coragem e determinação. Tratava-se, portanto, de uma maneira de expressar atributos do poder viril, abrindo assim as condições históricas, para a sobrevivência, em décadas posteriores, da expressão popular: “cachaça tira juízo mas dá coragem”. Permitindo, ainda, que essa bebida viesse a ser construída como um dos parâmetros utilizados na definição de masculinidade. Sendo dito a ingestão da cachaça, em décadas posteriores, por folcloristas, a exemplo de Mário Souto Maior, como um dos ritos de passagem dos meninos, da adolescência para a fase adulta: *Para ser considerado um homem, é preciso que o rapaz se meta numa briga, que saiba tomar cachaça sem fazer careta e apanhar doença-do-mundo*²¹⁰.

²¹⁰ MAIOR, Mário Souto. *Cachaça*. Recife: Divulgação do Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970, p.19.

Considerações Finais

Sentados à mesa de uma barraca, à beira mar, na capital cearense, amigos batem papo, dois homens e duas mulheres. Um deles pede duas doses de cachaça, que chegam devidamente acompanhadas de um limãozinho. Então, sem que ninguém fale, o garçom distribui os copos de cachaça entre os homens. Contudo, as doses eram de um dos homens e uma das mulheres.

Em um outro espaço, pequena cidade do interior paraibano, um homem dá pulos, esperneia, sai à rua convidando, gritando, insistindo em chamar outro para briga. A frase mais repetida por essa figura insana: “num é homem, vem, vem se tu é homem?”. Ainda na Paraíba, agora na cidade de Campina Grande, no famoso Cantinho Universitário – C. U. para os íntimos -, em uma tarde de sexta-feira, como de costume, amigos reunidos tomam uma cerveja, após uma semana cansativa de estudos. Entre eles, destaca-se, junto aos que bebem em maior quantidade, uma delicada figura feminina. Surge, então, uma frase instigante: “Fulana, bebe como homem!?”.

A narração desses acontecimentos tão comuns e corriqueiros é feita aqui, por terem nos suscitado questionamentos, risos e admirações, de modo que, em nenhum momento, perdemos a oportunidade de observar como nesses acontecimentos, assim como em outros não narrados, se sobressaíam duas questões. A primeira era como se percebia nesses momentos corriqueiros, a utilização do gênero, visto como uma forma primeira de significar as relações de poder, como o discute Joan Scott²¹¹. A segunda dizia respeito a algo que há muito despertou nossa atenção, que é a apropriação da cachaça, nesses discursos,

²¹¹ SCOTT, Joan. *Uma categoria útil para análise histórica*. Tradução Christine Dabat. Recife, 1991, p. 16.

como sendo um dos símbolos culturalmente disponíveis em nossa sociedade, à qual é atribuída uma série de significados que a associam à identidade masculina.

Desse modo, intrigava-nos pensar a concepção naturalizada, da sinonímia, cachaça/masculinidade, assim, questionávamos como e o que teria possibilitado a construção dessa sinonímia, a ponto de, em pleno século XXI, a prática de beber cachaça ainda pudesse ser percebida como uma das habilidades masculinas, sendo ainda vista como estrangeira no universo feminino.

Diante desses questionamentos, no intuito de encontrar possíveis respostas, fomos remetidos às primeiras décadas do século XX, mais especificadamente as décadas de 20 a 30 daquele século, na cidade do Recife. Nesse período, pudemos constatar que ocorria uma intensa campanha contra o alcoolismo, de modo que se buscava arrefecer especialmente o consumo da cachaça, sendo essa bebida dita como a principal causadora daquele sério problema.

Assim, encontramos nessa intensa luta contra o consumo da cachaça, uma das condições históricas para a sua associação à masculinidade, para a construção de uma visibilidade e uma dizibilidade da cachaça, segundo a qual, essa bebida é vista e dita como sendo um hábito que faz parte da cultura masculina e, mais que isso, como sendo um dos parâmetros definidores da masculinidade.

Nossa afirmação fundamenta-se no fato de que, como vimos discutindo nesse trabalho, foi a partir dos discursos antialcoólicos, que se difundiram de inúmeras maneiras, através de publicações na imprensa, discursos, em palestras públicas organizadas para os homens, nas semanas antialcoólicas etc, que essa bebida foi sendo apontada como um veneno capaz de levar à morte, bem como o seu bebedor passou a ser tido como indivíduo, perigoso e preguiçoso, dado a cometer desordens, como consequência dos efeitos da bebida.

Por um lado, os discursos denunciavam o alcoolismo como um sério problema a atingir a saúde dos homens, mas, por outro, pudemos perceber que, bem mais do que um problema de saúde, o alcoolismo era tratado como uma

questão moral, assim o bebedor de cachaça era construído como sendo o homem pobre, sem ocupação fixa. Essa condição era mal vista em uma sociedade, onde após a abolição da escravidão, ocorria todo um processo de valorização do trabalho, numa busca em produzir homens trabalhadores, o que significava ser disciplinado, portanto, distante de costumes que podiam afastá-los de suas responsabilidades, como era o caso do consumo da cachaça.

Nesse contexto, o trabalho passa a ser lido como condição para definição da figura ideal de masculinidade, do homem honesto, do pai provedor, bem como condição de ascensão não apenas social, mas também moral, sendo o homem trabalhador definido em oposição à figura ociosa, dita como perigosa, de pouca moral e dada a maus costumes, como o vício do álcool. As lutas antialcoólicas inseriam-se, portanto, nas inúmeras estratégias de disciplinarização do trabalhador. Nos discursos contra o álcool, a preocupação relativa à ameaça que ele representava por distanciar o homem do trabalho e, conseqüentemente, da sua função de provedor, era muito mais contundente do que as preocupações por ele representadas no tocante à saúde.

Nesse sentido, é que afirmamos que as preocupações em torno do alcoolismo, possibilitaram a sua associação à figura masculina - e como nesse período em que o alcoolismo emerge como problema, a bebida mais popular é a cachaça, trata-se da associação dessa bebida com a masculinidade. O bebedor costumaz, o alcoólatra, a figura que, após alguns goles de cachaça, perdia a razão, sendo atingido por um delírio alcoólico, que o levava a expressar atitudes agressivas, era uma figura que emergia para contrastar com a do trabalhador, sendo as duas representações opostas, mas pertencentes a um mesmo universo, o masculino.

Bibliografia e Fontes

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Mole não se Mete: Violência e masculinidade como elemento constitutivo da imagem do nordestino*. Campina Grande, 1995. Mimeografado.

_____. *Uma Invenção do "falo": uma História do Gênero Masculino no Brasil (1920-1970)*. Campina Grande, 2000. Mimeografado.

_____. *Vidas por um fio, vidas entrelaçadas rasgando o pano da cultura e descobrindo o rendilhado das trajetórias culturais*. *Revista do Curso de História. História & Perspectivas*. Uberlândia, nº 8, p. 87-95, 1993.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gênero, Masculinidade e Poder, Revendo um Caso do Sul de Portugal*. *Anuário Antropológico/95*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 161-189, 1996.

ALMEIDA, Júnior. *Sobre o aguardentismo colonial*. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, vol 6., nº 72, p. 155-164, NOV/DEZ 1940.

ALVES, Barros. *Cachaça, Cordel e Cantador: A Cachaça na Poesia do Povo - Uma Apologia*. Maracanaú: Editora Natacha, 1991.

AMADO, Jorge. *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ARILHA, Margareth (Org.); RIDENTI, Sandra G. Unbehaum(Org.); MEDRADO, Benedito(Orgs.) *Homens e masculinidade: Outras Palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998.

- BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol 17., nº33, p. 293-305, 1997.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. *Cadernos Pagu*, Unicamp, vol 11., p.321-343, 1998.
- BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas: revendo as mulheres*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996.
- BELLO, Júlio. *Memórias de um Senhor de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- BORDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1999.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1998.
- CALASANS, José. *Cachaça, moça branca: um estudo do folclore*. Bahia: Publicações do Museu do Estado, 1951. (nº 13)
- CALDAS, Dário. (Org). *Homens*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- CAMPOS, Raymundo Bandeira. *Debret: cenas de uma sociedade escravista*. São Paulo: Atual, 2001.
- CASCUDO, Câmara. *Prelúdio da cachaça*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.
- CERTEAU, Michel de . *A Invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 2ª edição, Petropolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. *A construção cultural da diferença dos sexos [S.l.: s.n, 1990?]*.
- FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Tradução Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

- _____. *Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. 15ª edição.* Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- FREYRE, Gilberto. *Cachaça.* In: *Prefácios Desgarrados.* Rio de Janeiro: Cátedra, 1978, p. 821-823.
- GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia 1400-1700.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric; TERRENCE, Ranger. *A invenção das tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JARDIM, Denise Fagundes. *Performances, Reprodução e Produção dos Corpos Masculinos.* [S.l: s.n, 1990?].
- LOURO, Guacira Lopes. *A Emergência do Gênero.* In _____. *Gênero, Sexualidade e Educação.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 15-36.
- MAIOR, Mário Souto. *Dicionário folclórico da cachaça.* 3 ed. Recife: Editora Massangana, 1985.
- _____. *Cachaça.* Recife: Divulgação do Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970. (Coleção Canavieira 3)
- MATOS, Maria Izilda de. *Meu lar é o botequim.* São Paulo, 1996. Mimeografado.
- NEVES, Margarida. *O povo na rua um conto de duas cidades.* [S.l: s.n, 1980?]
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade.* 2ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. *A desconstrução do masculino.* Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- N/a Masculinidade Disponível em
<http://www.fusões.com.br/~nickeros/masculinidade.html> Acesso em 21/08/1998.
- OLIVEIRA, Waldemar. *O exame pré-nupcial.* 1928. Tese (Trabalho apresentado para seleção de concurso) – Faculdade de Medicina de Recife, 1928.
- OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil.* – Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; Multigraf. Editora LTDA, 1993.
- PINSKY, Jaime. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1998.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RÊGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970
- _____. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. (Coleção Sagarana).
- _____. *Bangüê*. [S.l.: s.n, 1980?]
- REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura, 2002.
- _____. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.
- ROSA, Ana Lúcia Gonçalves Rosa. *Toma-se um gole, constrói-se uma identidade*. In: V Encontro de Iniciação Científica da UFPB. 1997. João Pessoa.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução de Christine Dabat, Recife, 1991.
- SILVA, Enéleo Alcides da. *Violência sexual na cadeia: Honra e Masculinidade*. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: Editora da UFSC, v. 15, nº 21, p. 123-138, 1997.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Formas Provisórias de Existência: a vida cotidiana nos Caminhos, nas Fronteiras e nas Fortificações*. In: *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 41-81.
- SOUZA, Laura de Mello. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

Fontes

1.1. Jornais

Diário de Pernambuco, 1917-1931.

Jornal do Commercio, 1920-1931.

1.2. Literatura de cordel

SANTOS, Apolônio dos. Discussão do cachaceiro e o crente[F.l:s.n?].

_____. A lei seca;.[F.l:s.n?].

FILHO, Adão filho. Não é defeito beber. 1928.

1.3. Anais e Teses

FREITAS, Octávio de. Importância do registro sanitário das habitações como instrumento de defesa higiênica nas coletividades. *Anais do 1º Congresso Médico de Pernambuco*. Recife: Tipografia do Diário de Pernambuco, vol. 1., nº 1, p. 54, 1910.

JUCA, Gizafran Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Recife e de Fortaleza*. 1993. Tese (Doutoramento em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.

LIMA, Marinalva Vilar de. *Narradores do Padre Cícero: do auditória à bancada*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.

LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. *Cidade são, corpo são: urbanização e saber médico no Recife (final do século XIX, Início do século XX)*. 1999. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

MAIA, Clarissa Nunes. *Policiados: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife, 1865-1915*. 2001. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

- NASCIMENTO, Pedro Francisco Guedes. *"Mulher é o Cão"*. A construção da identidade masculina em um bar da feira central de Campina Grande – etnografia. 1995. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal da Paraíba, 1995.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia Alves de. Alcoolismo: Fenômeno do Corpo da Alma, da Cultura. 1990. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.
- OLIVEIRA, Waldemar. O exame pré-nupcial. 1928. Tese (Trabalho apresentado para seleção de Concurso) – Faculdade de Medicina de Recife, Recife, 1928.
- SILVA, Augusto Lins e. Alcoolismo e trabalho. *Anais do 1º Congresso Médico de Pernambuco*. Recife, vol 1., nº 1, p.345-356, 1910.
- SOUSA, Noélia Alves de. *A liberdade é vermelha?* Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX. 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- TEIXEIRA, Flávio Weinstein. As cidades enquanto palco da modernidade: O Recife de princípio do século. 1994. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1994.